

**Catiúcia Carniel Gomes**

**DE SAUSSURE A BENVENISTE:  
um percurso teórico que proporciona uma leitura crítica.**

**Passo Fundo**

**2012**

**Catiúcia Carniel Gomes**

**DE SAUSSURE A BENVENISTE:  
um percurso teórico que proporciona uma leitura crítica.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Profª Dr. Claudia Stumpf Toldo.

**Passo Fundo**

**2012**

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço, primeiramente a Deus, por ser meu caminho, minha força e minha luz.*

*À minha mãe, Ilse, pelo apoio, pela força, pela dedicação, pela compreensão, por tudo que sempre representou em minha vida. Por ser minha amiga, minha confidente, minha incentivadora, por sempre acreditar em mim. Sem você, nada disso seria possível.*

*À minha família, em especial aos meus avós, Honorino e Virgínia, pelo apoio, pela hospedagem, pela compreensão, pelo amor e carinho. Vocês são responsáveis também por essa conquista.*

*Ao meu noivo, Emerson, pelo carinho, pelo amor, pela atenção e principalmente pela compreensão. Sem o seu apoio, tenho certeza que não chegaria até aqui. Muito obrigada.*

*Às colegas e amigas, Aline Wieczikowski Rocha, Roberta Costella e Fernanda Schneider, pelas discussões sobre a teoria e pela troca de experiências. Sem dúvida, isso foi fundamental para a realização deste trabalho.*

*Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos ensinamentos, pelo profissionalismo e pela dedicação.*

*À professora Dr. Telisa Furlanetto Graeff e ao professor Dr. Ernani Cesar de Freitas pelas fundamentais contribuições feitas no momento da qualificação desta dissertação.*

*Agradeço, especialmente, à professora Dr. Claudia Stumpf Toldo. Não tenho palavras para dizer o quão importante foi a sua participação para a efetivação deste projeto. Muito obrigada pela dedicação, pelo apoio nos momentos difíceis, pela oportunidade de mais uma vez poder compartilhar da sua inteligência e de seu conhecimento. Professora Claudia, tenha certeza que professores como você são raros, únicos e muito especiais. Você tem sido muito mais do que uma orientadora, você é para mim um exemplo de profissional e principalmente um exemplo de pessoa. A você o meu muito obrigada e o meu eterno respeito.*

*“Mais saussuriano ainda que Saussure, Benveniste encarrega o sentido de dar a “razão” das formas.”*

Claudine Normand

## RESUMO

Esta pesquisa se propõe a fazer uma reflexão teórica acerca de conceitos tratados nos Cursos ministrados por Ferdinand de Saussure e que compilados resultaram na obra póstuma “Curso de Lingüística Geral”. Essa reflexão estabelece uma relação com outra que se faz, neste trabalho, acerca de conceitos desenvolvidos por Émile Benveniste, que toma como ponto de partida o “Curso de Lingüística Geral”. Essas reflexões teóricas foram feitas devido ao fato de que ao estudar a teoria enunciativa na perspectiva de Benveniste, percebeu-se que se precisava voltar a algumas origens dos estudos linguísticos, revisitando especialmente os conceitos saussurianos, apresentados no “Curso de Lingüística Geral”. O tema desta pesquisa é a proposição de uma leitura teórico-crítica entre esses linguistas, a fim de identificar pressupostos teóricos que ora os aproximam, ora os distanciam. O objetivo geral deste estudo visa selecionar conceitos teóricos elaborados por Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, mostrando como foram tomados por seus autores e leitores, a fim de estabelecer uma relação comparativa entre esses conceitos, aprofundando-os e ressaltando sua relevância para os estudos da enunciação. Portanto, esta pesquisa é descritiva e bibliográfica com uma abordagem qualitativa. Para tanto, traçamos o seguinte percurso metodológico de leitura e de escrita: a) a apresentação da vida e da obra de Ferdinand de Saussure; b) escolha de conceitos fundamentais e suas reflexões, para os estudos linguísticos, feitos pelo autor e apresentados no CLG; c) apresentação da vida e obra de Émile Benveniste; d) escolha de reflexões importantes feitas pelo autor apresentadas, principalmente, no PLG-I e PLG-II; e) por fim, uma comparação (tanto para aproximar, quanto para distanciar) entre os conceitos desenvolvidos pelos dois linguistas. Essas leituras foram mediadas por considerações feitas por leitores de ambos.

**Palavras-chave:** Saussure. Benveniste. Língua. Linguagem. Signo. Enunciação.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to do a theoretical analysis of the concepts covered by Ferdinand de Saussure - in his courses - which were compiled and published posthumously in the Course in general linguistics. This reflection has a connection with another one that is done in this work: the concepts developed by Émile Benveniste, which were based on the CLG. These theoretical reflections have been done because once Benveniste's enunciation theory was studied; it was possible to perceive that it was necessary to study the linguistic origin of his concepts, specially the Saussurean concepts, presented in the CLG. The topic of this research is the proposal of a theoretical and critical reading between these linguists, to identify the theoretical assumptions which they have in common and the ones they don't. The aim of this study is to choose theoretical concepts developed by Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste, compare them and show how these authors and the people who have read these concepts have perceived them, aiming to deepen these concepts and emphasize their relevance to the study of enunciation. Therefore, this is a descriptive and bibliographical research, with a qualitative approach. The following methodological course, regarding the reading and writing processes, has been done: a) a brief presentation of Ferdinand de Saussure's biography; b) the selection of essential concepts and their reflections, for the linguistic study, done by this author and presented in the CLG; c) a brief presentation of Émile Benveniste's biography; d) the selection of important reflections done by this author and presented, mainly, in the PLG-I and in the PLG-II; e) at last, a comparison (regarding the similarities and the differences) between the concepts developed by these linguists. These readings were mediated by considerations which have been done by readers of both linguists.

**Key Words:** Saussure. Benveniste. Idiom. Language. Sign. enunciation.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1 – Matéria e objeto da linguística; tarefa do linguista .....	85
Quadro 2 – Língua e linguagem.....	88
Quadro 3- Signo linguístico.....	94

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CLG	Curso de Linguística Geral
PLG-I	Problemas de Linguística Geral I
PLG-II	Problemas de Linguística Geral II



## Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1. SAUSSURE, NOVAS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM.....	24
1.1 O linguista dentre os linguistas .....	24
1.2 O Curso de Linguística Geral sob diferentes olhares .....	28
1.3. Reflexões de Saussure “mostradas” no CLG .....	36
<b>1.3.1 O Objeto da linguística</b> .....	37
1.3.2 Língua e fala: uma dicotomia necessária, com implicações fundamentais ...	38
<b>1.3.2.1 O signo linguístico: uma entidade da língua</b> .....	43
1.4 Algumas (nossas) conclusões da leitura do CLG .....	48
2. BENVENISTE, UM NOVO DOMÍNIO: O DA ENUNCIACÃO .....	53
2.1 Benveniste: o francês naturalizado .....	54
2.1.2 O linguista da enunciação .....	55
2.3. Problemas de Linguística Geral I e II: uma apresentação .....	58
2.4 Benveniste e alguns conceitos (re)visitados.....	61
2.4.1 O Objeto da linguística.....	62
2.4.2 Língua e linguagem: uma perspectiva enunciativa .....	66
2.4.3 Enunciação: a língua em funcionamento .....	73
3. DE SAUSSURE A BENVENISTE: UM PERCURSO TEÓRICO.....	82
3.1 Saussure-Benveniste: uma leitura (nossa leitura) .....	82
3.1.1 O ponto de vista que define o objeto.....	85
3.1.2 Língua e linguagem: uma dicotomia (discursiva) necessária .....	88
3.1.3 Signo linguístico .....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	100
REFERÊNCIAS .....	102

## INTRODUÇÃO

[...] falaremos de encontros. Benveniste encontrou Saussure no que pôde conhecer de seus escritos [...] <sup>1</sup>

Claudine Normand

Nesta pesquisa, propomos fazer uma leitura teórico-crítica entre dois linguistas – Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste - a fim de identificar pressupostos teóricos que ora os aproximam, ora os distanciam. Ao entrar em contato com alguns textos de Émile Benveniste, principalmente aqueles que dizem respeito a reflexões enunciativas, percebemos que deveríamos revisitar a principal origem dessas reflexões: Saussure. Por essa razão, pensamos em um estudo que contemplasse esses dois autores, no sentido de mostrar em que medida há marcas das reflexões saussurianas nos escritos de Benveniste, e de que forma este “ultrapassa” as reflexões daquele.

Baseado no que propunha Saussure, Benveniste desenvolveu um estudo voltado à enunciação. Dentre tantas reflexões de Benveniste, escolhemos as que configuram um quadro enunciativo, pois, por meio delas, podemos ver a linguagem em uso, em situações reais de comunicação. Os estudos de Benveniste nos permitem ver além do que está posto, nos permitem, a partir das marcas deixadas pelo locutor, ver o sentido que se constrói somente na e pela enunciação. Esse sentido se constrói, pois o sujeito deixa marcas da sua subjetividade em seu enunciado, constituindo-se, então, como sujeito do seu próprio discurso.

Dessa forma, conceitos como de *sujeito*, *subjetividade*, *intersubjetividade*, *língua*, *linguagem*- presentes na irrepetibilidade do *aqui* e do *agora*- configuram o aparelho formal da enunciação o qual institui um novo domínio de estudo da língua: o domínio da enunciação.

Diante do exposto, desenvolvemos nosso estudo com o objetivo de selecionar conceitos teóricos elaborados e trabalhados, principalmente na primeira década de 1900, por Ferdinand de Saussure e (re)visitados, tempos depois, principalmente entre 60-70, por Émile Benveniste, mostrando como foram tomados por esses estudiosos da linguagem humana e seus leitores, a fim de estabelecer uma relação comparativa entre eles – conceitos e autores. Deixamos claro desde já que não trabalhamos com o CLG<sup>2</sup> e nem com os PLG-I e PLG-II<sup>3</sup> na

<sup>1</sup> Essa citação foi retirada do artigo “Saussure-Benveniste” (2009a, p. 200), publicado no livro “Convite à Linguística” de Claudine Normand.

<sup>2</sup> “O Curso de Linguística Geral” (CLG) é uma obra póstuma organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, que traduz algumas reflexões de Ferdinand de Saussure. Dedicaremos a seção 2.2 do segundo capítulo exclusivamente para falar dessa obra.

<sup>3</sup> “Os Problemas de Linguística Geral I” (PLG- I) e “Problemas de Linguística Geral II” (PLG- II) são dois livros que condensam alguns artigos escritos por Émile Benveniste. Dedicaremos a seção 3.2 do terceiro capítulo exclusivamente para falar dessas obras.

sua totalidade, embora a sua leitura integral tenha sido essencial, devido aos objetivos desta dissertação. Neste estudo apresentamos alguns conceitos que, em nossa perspectiva, julgamos ser importantes dentro dessa proposta de estudo e isso nos faz adotar uma concepção de língua e de linguagem que contemple a relação entre língua-fala-falante. Dessa forma, algumas questões nortearam este estudo, a saber: a) Benveniste retoma o quadro saussuriano ao longo de seus estudos enunciativos?; b) Benveniste transpõe os estudos saussurianos, ao trabalhar com a irrepetibilidade do aqui e do agora, instaurando um novo domínio: o da enunciação?

A partir do exposto, a pesquisa se justifica no meio acadêmico, visto a importância de se reconhecer que um pesquisador na área dos estudos linguísticos precisa ter um embasamento teórico que lhe permita descrever o funcionamento da língua. Além disso, este estudo pode ser base para futuras pesquisas que busquem como suporte teórico os estudos propostos por Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste.

Nesse sentido, optamos por uma pesquisa descritiva, bibliográfica, com abordagem qualitativa. Sendo assim, organizamos o último capítulo voltado especificamente para análise do *corpus* que, neste caso, foi composto por trechos de obras de Benveniste e do CLG – obra póstuma que se refere aos Cursos ministrados por Saussure. Para desenvolver a análise, organizamos esses *corpus* em quadros, os quais foram divididos por conceitos escolhidos ao longo da pesquisa. Utilizamos todo o suporte teórico, apresentado nos primeiros capítulos, para, então, promover a leitura teórico-crítica comparativa entre os dois autores.

Frente ao tema, aos objetivos, às questões norteadoras, às justificativas e à metodologia de análise, traçamos um percurso de leitura e escrita, o qual se inicia com um primeiro capítulo introdutório, no qual trouxemos presente algumas ideias acerca do que significa um fazer epistemológico, principalmente em relação à linguística, no intuito de justificar a escolha do percurso teórico por nós adotado. Além disso, nesse capítulo, já trouxemos presente algumas reflexões comparativas entre os dois autores estudados, demonstrando como se deu a metodologia de análise adotada no quarto capítulo.

O segundo capítulo é desenvolvido com o intuito de abordar alguns aspectos importantes da vida e da obra de Ferdinand de Saussure. Esse capítulo divide-se em três partes: em uma primeira seção, apresentamos uma contextualização do momento histórico no qual Saussure ministrou o CLG, assim como aspectos de sua vida, enquanto sujeito que sempre pensou a linguagem, os quais se refletiram em seus estudos. Em uma segunda seção, organizamos uma apresentação do CLG, falando da importância dessa obra, por meio da apresentação de diferentes reflexões feitas por leitores de Saussure como Claudine Normand,

Simon Bouquet, Rudolf Engler, François Dosse, Valdir do Nascimento Flores, Marlene Teixeira, Leci Borges Barbisan, Sebastião Elias Milani, Eliane Silveira, entre outros leitores de igual importância. Na última seção desse capítulo, traçamos uma leitura do CLG, trabalhando com reflexões saussurianas que à nossa pesquisa são mais pertinentes.

O terceiro capítulo tem como objetivo apresentar a vida e principalmente a obra de Émile Benveniste. Para tanto, dividimos esta seção, assim como fizemos com o segundo capítulo, em três partes: na primeira seção, tratamos do momento histórico no qual Benveniste produziu sua obra, retomando aspectos de sua vida, no intuito de contextualizar o leitor em um momento histórico. Na segunda seção, abordamos o fato de Émile Benveniste ser considerado um linguista da enunciação. Na terceira seção, apresentamos uma visão holística dos livros PLG-I e PLG-II, no intuito de mostrar a razão pela qual Benveniste é considerado o linguista da enunciação. Na quarta seção, trabalhamos especificamente com reflexões de Benveniste sobre o objeto da linguística, sobre língua e linguagem e sobre enunciação.

No terceiro capítulo, também fizemos uma interlocução entre os conceitos apresentados nos capítulos anteriores (capítulos 2 e 3), buscando uma reflexão sobre a maneira como esses conceitos são apresentados pelos dois linguistas. Dividimos essa seção em subseções para trabalhar mais especificamente com alguns conceitos bem como com algumas reflexões, a saber: reflexões sobre a matéria e o objeto da linguística; assim como a tarefa do linguista; conceito de língua; linguagem e signo linguístico.

Enfim, fazer uma leitura teórico-crítica entre dois linguistas – Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste – sem dúvida é um grande desafio. O ineditismo não é nosso objetivo, pois muitos trabalhos com uma perspectiva teórico-crítica já foram empenhados, no entanto, sempre uma outra leitura é importante, pois como salienta Benveniste (2006h, p. 82), “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este ato é um dado constitutivo da enunciação.”. Sendo assim, embora este estudo não seja o único com a preocupação já descrita, ele se diferencia de outros na medida em que apresenta a marca da subjetividade de um sujeito em um aqui e agora, o que o torna um discurso único e irrepetível.

## 1. ELEMENTOS PARA ELABORAÇÃO DE UMA REFLEXÃO TEÓRICO-CONCEITUAL NO CAMPO DA LINGUÍSTICA

O presente capítulo, inicialmente, pondera acerca do que tomamos para essa abordagem como epistemologia da linguística (item 1.1). Após essas considerações iniciais, buscamos colocar em pauta conceitos e reflexões propostos por Saussure e Benveniste, proporcionando uma relação entre eles, a fim de melhor explicar o porquê da escolha desses dois estudiosos (item 1.2) como centro de nosso estudo. Nesse momento, especificam-se algumas características do estudo de Benveniste que remetem ao de Saussure. Para finalizar este capítulo introdutório, promovemos alguns encaminhamentos metodológicos, no intuito de mostrar para o leitor sob que princípios esta pesquisa se desenvolveu (item 1.3). A partir dessa organização, construímos este primeiro capítulo.

### 1.1. O QUE É FAZER EPISTEMOLOGIA DA LINGUÍSTICA?

Toda ciência provém de uma evolução da área do conhecimento na qual ela se insere. Dito isso, percebe-se que nenhuma ciência é criada sem procedimentos metodológicos que lhe dêem suporte. Sendo assim, para que um estudo seja considerado científico é preciso que haja um reconhecimento da comunidade científica. Segundo Sylvain Auroux (2008, p. 144),

[...] A querela da prioridade supõe, em seguida, e é uma evidência, que o acesso ao conhecimento se faça no tempo. Esta idéia de uma temporalidade dos conhecimentos, os clássicos tematizaram graças à noção de “progresso”. De imediato, há história das ciências porque há progresso das ciências. Na segunda metade do século XX, criticou-se muito esta noção no que ela tinha de unilateral e de universal. O progresso permanece como categoria sob a qual os homens, em um dado momento, pensaram em inscrever as suas atividades, ela é a chave da temporalização e, por conseguinte, da historização da ciência. O fato de que haja progresso supõe que nos tempos anteriores não se podia ter acesso aos mesmos conhecimentos; o passado da ciência não tem a mesma consistência que o seu presente.

Isso posto, nesta seção, apresentaremos algumas reflexões acerca do “fazer científico”. Para tanto, trazemos presente autores como Simon Bouquet, Claudine Normand, Dominique Maingueneau, Michel Bréal, Sylvain Auroux, Joaquim Mattoso Camara Jr.. O termo “epistemologia”, utilizado no título desta seção, é aqui entendido como o estudo crítico de

como se produz o conhecimento da realidade e da cientificidade desse conhecimento<sup>4</sup>. Portanto, cabe neste momento, uma reflexão acerca do que se entende por *ciência*.

Segundo Bouquet (1997, p. 27), o termo *ciência*, naquilo que se pode dizer de sua acepção contemporânea, “denota um saber que a língua comum qualifica através de um feixe de adjetivos – positivo, empírico, objetivo, experimental, etc”. Esses adjetivos foram fomentados pela física, na descendência de Galileu e Newton.

Bouquet (1997, p. 28) define os saberes relacionados à ciência como “[...] as configurações discursivas cujas proposições, não modalizadas, têm por referência um valor de verdade. Dessa característica decorre que a falsificabilidade é, de fato, o caráter que define os saberes, não as ciências”. Ao falar da questão da falsificabilidade, Bouquet (1997) faz referência a outro autor, Karl Popper, atribuindo a ele essa denominação. Partindo dessa reflexão, pode-se dividir as proposições da totalidade dos saberes em dois conjuntos que dizem respeito a dois tipos de saber: a) conjunto de proposições que cumprem com a característica epistemológica, o qual forma o saber *positivo*; b) por outro lado, o conjunto de proposições que não cumprem com a característica epistemológica, o qual forma o saber *não-positivo*. Em um saber *positivo* não há, em relação aos objetos desse saber, conceitos primitivos, enquanto que em um saber *não-positivo* os conceitos devem ser considerados primitivos.

Sendo assim, os saberes *positivos* sempre satisfazem a características epistemológicas preestabelecidas e, portanto, não são primitivos. Já os saberes *não-positivos* não satisfazem a essas características, pois partem da criação de uma própria epistemologia, e, por isso, são sempre saberes primitivos. No entanto, o limite que os separa é tênue, pois essa condição não é estática. Segundo Bouquet (1997, p.30),

[...] Além disso, evidentemente, a fronteira entre o saber positivo e o saber não-positivo se desloca constantemente, principalmente porque muitas proposições que, num primeiro momento, não são validadas positivamente acabam por sê-lo. Como essa complementaridade entre os saberes positivo e não-positivo diz respeito aos conteúdos proposicionais dos saberes (que satisfazem ou não aos critérios epistemológicos) e não às denominações dos domínios que etiquetam os discursos em que se formam esses saberes, convém que sejam considerados estáveis, através da evolução dessas denominações dominiais – principalmente durante os últimos séculos do pensamento ocidental -, os referentes sincrônicos complementares qualificados aqui de positivo e não-positivo.

---

<sup>4</sup> Observa-se que essa acepção foi retirada do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008), certificado pela Academia Brasileira de Letras.

Dessa forma, isso coloca em questão uma ambiguidade da palavra *ciência*, pois se pode falar de uma determinada ciência sob um ponto de vista ou sob outro, a depender do modo como se observam e se consideram os saberes. Destacamos que, ao que se sabe, trazer à arena da Ciência discussões e questionamentos acerca de certezas, descobertas, dúvidas sempre causou um desconforto. Não seria diferente na ciência da linguagem. Segundo Bréal (1992, p. 195),

mesmo que tenham dito sábios ilustres, pode-se duvidar de que a lingüística deva ser considerada entre as ciências naturais. Falta-lhe para isso uma condição capital: objeto de que trata não existe na natureza. A linguagem é um ato do homem: ela não tem realidade fora da atividade humana. Posso, por um conjunto de signos vocais, dirigir o pensamento de outrem para os mesmos objetos em que se fixou o meu; posso, graça à escrita, dar a esses signos uma forma durável. Mas não há aí outra coisa senão uma operação do espírito provocada por meios exteriores; os meios que emprego não têm valor senão pelo idéia que convencionamos atribuir-lhe. Tudo, na linguagem, vem do homem e se endereça ao homem. Se encerramos o homem na natureza, a ciência da linguagem fará parte das ciências naturais, ao mesmo título que a ciência das religiões, ou seja, aquelas que nos ensinam atos e obras do homem, não há dúvida de que é necessário colocar a ciência da linguagem entre as ciências históricas.

Sendo assim, com relação a essa ciência (a da linguagem), a questão torna-se complexa, visto que a definição de seu objeto de estudo é algo que se determina a partir do ponto de vista, com o qual se observa esse objeto. Uma das características, que fazem com que o “Curso de Lingüística Geral” se torne um marco nos estudos linguísticos, é a reflexão que ele apresenta acerca da definição do objeto da lingüística. Saussure, pelo que consta do CLG (2006) demonstra uma preocupação em determinar os termos que definem as suas reflexões, no intuito de tornar o estudo da linguagem o mais científico possível. Quanto ao objeto da lingüística, Saussure (2006) diz ser o ponto de vista o qual cria o objeto. Portanto, a definição do que é ciência também parte desse princípio.

Saussure aparece em meio a um contexto no qual a valorização do fazer científico estava em ascensão. Em meio a isso, o linguista percebe a necessidade de trazer esse pensamento científico também para dentro dos estudos linguísticos, visando tornar a lingüística uma ciência assim como as demais. Percebe-se que o primeiro e decisivo problema linguístico focalizado por Saussure diz respeito à natureza da linguagem. O linguista a determina como um sistema de signos. Considerava a lingüística como um aspecto de uma ciência mais geral, aquela denominada a ciência dos signos.<sup>5</sup> Segundo Joaquim Mattoso Camara Jr. (1975, p. 129), Saussure (2006) pensava que a língua,

---

<sup>5</sup> Parafrazeando Joaquim Mattoso Camara Jr. (1975, p. 129).



[...] como o mais elaborado e completo meio humano de usar sinais, devia ser estudada *per se* e que os princípios gerais sobre a mesma deviam servir como elementos para a criação de uma ciência geral de signos humanos. Dessa maneira, a lingüística era, para ele, uma ciência particular dentro da ciência geral que estava ainda para ser erigida.

Claudine Normand (2009a) enfatiza que um estudo histórico sistemático sobre o contexto teórico no qual Saussure apresentou suas reflexões talvez pudesse explicar em que medida o CLG instaura a linguística no campo da ciência, estabelecendo, portanto uma significativa mudança em relação aos discursos anteriores. Sabemos que não faremos, por motivos naturais a uma dissertação, um estudo histórico exaustivo que demonstre essa ponderação de Normand, mas nos propomos a trazer elementos significativos que possam levar em conta nossos objetivos, principalmente o estabelecimento de comparações teórico-críticas entre Saussure e Benveniste, bem como seus estudos linguísticos.

Para Normand (2009a), um estudo como esse deveria abranger não só a reflexão sobre os linguistas, como também trabalhos de outras áreas, especialmente da Sociologia. Esse estudo deveria refletir sobre as ideias existentes sobre as ciências, além disso, deveria compreender a amplitude do termo “ciência”, o seu objeto, o método e também “as relações do sujeito e do objeto no conhecimento, ou seja, dos problemas levantados nos textos filosóficos desse período sobre a teoria do conhecimento” (NORMAND, 2009a, p. 23). Dessa forma, uma reflexão sobre o período em que Saussure produziu suas reflexões deveria ser um estudo que abrangesse diferentes áreas do conhecimento.

Ao afirmar a importância desse estudo para se compreender um pouco mais sobre o pensamento saussuriano, Normand (2009a) traz presente um questionamento (colocado de forma epistemológica por Bachelard, o qual foi retomado por M. Fichant), dizendo que esse estudo poderia servir para responder também a esse questionamento, o qual seria,

- estamos com Saussure diante de um “corte epistemológico”, “constitutivo de uma ciência”, comparável ao exemplo geralmente evocado dos trabalhos de Galileu?
- ou é necessário apenas falar de “marcação” (ou ruptura intraideológica) isto é, de um desses casos de “aperfeiçoamentos, correções, críticas, refutações, negações de certas ideologias ou filosofias, que precedem logicamente o “corte epistemológico”? Isso traria o problema corolário de saber se a linguística atual é de fato fundada como ciência e por quais trabalhos (sobre os quais seria necessário fazer as mesmas perguntas);
- ou ainda, trata-se de uma “ruptura intracientífica, simples reformulações de problemática teórica” como intervêm na história de uma ciência?(NORMAND, 2009a, p. 23-24)

A autora ressalta que essa consignação de ser considerado ou não um “corte epistemológico” é determinada pelo modo como se distingue o discurso novo de outros



discursos teóricos já existentes. Isso comprova que a tentativa de resposta a essa questão abre um leque de possibilidades de estudos dentro das pesquisas linguísticas. Isso é saudável na medida em que se coloca à mesa de discussões diferentes olhares, posturas, objetos de estudo de cada linha de pesquisa dentro de um mesmo campo do saber: a ciência da linguagem.

Outro autor que reflete sobre essas questões é Dominique Maingueneau (2008) que evidencia em suas considerações a distinção do pensamento daqueles que estão fora do campo da linguística em relação aos que se caracterizam como linguistas. Em relação ao primeiro grupo, o autor ressalta que estes consideram que a linguística é homogênea, já o segundo grupo conta com a experiência para perceber o quão é difícil dominar o próprio campo, devido às disparidades nele encontradas.

Maingueneau (2008) mostra que a linguística é um campo heterogêneo e que se organiza a partir de uma falha entre “língua” e “discurso”. Dividindo, então, uma linguística da “língua”, que seria a apresentada por Saussure, que uniria disciplinas periféricas, as quais assumiriam o que antes era tido como “fala” ou “performance” e agora é tido como “discurso”. Mas, segundo o autor, essa distinção não deixa compreender plenamente os conflitos que perpassam o campo da linguística. Segundo Maingueneau (2008, p. 160),

O problema é precisamente o aparecimento constante de uma linha de clivagem quando se trata de dizer qual é o objeto legítimo da linguística e quem tem o direito de invocá-lo. Essa clivagem entre a “língua” e aquilo que se coloca no domínio do “discurso” não é transitória, ela passa pelo próprio interior da relação entre a linguística e a linguagem.

O autor ressalta que no Curso de Linguística Geral, Saussure apresenta a tríade *linguagem/língua/fala*, mostrando que a linguagem só pode ser apreendida pela ciência sob a forma do fenômeno “língua”, pois somente a língua é que é um princípio capaz de ser classificado. Maingueneau (2008, p. 160) afirma que “a linguística moderna constantemente se depara com esse excesso da “linguagem” sobre a língua”. Sob tal reflexão o autor traz a tona um artigo de Émile Benveniste intitulado “Semiologia da Língua” (1969) no qual, segundo Maingueneau, Benveniste apresenta uma tese filosófica sobre a linguagem, a qual se articula sob três conceitos: a dupla significância da língua (modo semiótico e modo semântico); a observação da língua por meio de duas abordagens diferenciadas (semiótico e semântico); a divisão do objeto em dois níveis o do signo e o da frase.

Antes de passar adiante nas reflexões de Maingueneau, torna-se importante refletir sobre algumas questões trazidas no texto “Semiologia da Língua” de Benveniste. Segundo Toldo (2011), nesse texto, Benveniste afirma que a importância da língua se dá

principalmente pelo fato de que é somente através dela que a sociedade é possível. “Não é possível conceber uma sociedade sem língua, pois é a língua que mantém juntos os homens.” (TOLDO, 2011, p. 7).

Sendo assim, a linguagem não deve ser entendida como instrumento de comunicação, pois muito mais do que servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Por meio da linguagem que o homem se constitui como sujeito. Segundo Toldo (2011, p. 7),

[...] Benveniste diz ser importante desfazer logo esse mal entendido porque, como instrumento, podemos entender todos os sistemas de sinais, códigos rudimentares ou complexos, os quais não pertencem à natureza uma vez que foram criados pelo próprio homem.

Benveniste (1969), além de outras questões, trabalha com a ideia de que a linguística faz parte de uma ciência ainda não existente, a qual seria a Semiologia, pois esta se ocuparia de outros sistemas sígnicos. Conforme Toldo (2011), Benveniste, nesse mesmo texto, afirma que os sistemas têm em comum, e isso os liga à semiologia, a propriedade de significar e o fato de se comporem em unidades de significância, entendidas aqui como signos.

Voltando naquilo que Maingueneau (2008) propõe, compreende-se que Benveniste considera o signo e a frase compostos de realidades distintas e que, por isso, exigem descrições distintas. De acordo com Maingueneau (2008), Benveniste colocaria no centro da observação gramatical a enunciação e isso faria com que ele, de certa forma, deixasse de ser estruturalista<sup>6</sup>, dessa forma, passaria a defender uma posição que segundo o autor seria insustentável. A crítica de Maingueneau reside no fato de que ele não percebe como correto falar de interior e de exterior da “língua”. Segundo Maingueneau (2008, p.161),

Falar de interior e de exterior da “língua” constitui uma defesa ilusória: a linguagem não é o objeto de duas linguísticas situadas lado a lado, cada uma delas assumindo uma parte dos fenômenos da linguagem, mas é a linguística que se desdobra para analisar os “mesmos” fenômenos.

Esse autor defende que seria certo distinguir entre um plano gramatical e um plano hipergramatical, ao invés de pensar em per- ou para – linguística. Seguindo esse pensamento, defende-se que ao pensar em “plano” há uma obrigação de justapor “duas zonas em uma

---

<sup>6</sup> Torna-se importante deixar claro que o fato de Benveniste ser considerado como um linguista estruturalista advém de seus leitores, pois ele mesmo nunca se autodenominou como tal. Assim como, a denominação de que Benveniste criou uma Teoria da Enunciação vem de seus leitores, pois não há uma teoria acabada em seus estudos. Segundo Flores (2011, p. 4) “[...] Benveniste, em seus mais de 40 anos de trabalho, nunca utilizou a expressão *Teoria da Enunciação* nem mesmo *Linguística da Enunciação*. Pode-se dizer que a chamada *Teoria da Enunciação* de Benveniste é, na verdade, uma dedução feita a *posteriori* pelos leitores dos artigos que estão reunidos em PLG I e PLG II”.

mesma superfície” (MAINGUENEAU, 2008, p. 162). Portanto, não seria uma relação de interioridade e exterioridade, mas sim de planos que se complementam. O autor argumenta que essa representação não consiste com a que os pesquisadores apresentam espontaneamente. Ele divide os pesquisadores em dois grupos: aqueles que defendem de forma menos transigente o hipergramatical, para os quais “a pretensão de construir uma lingüística que ignore em qualquer nível a dimensão psicológica ou social da linguagem só pode ser irrisória” (MAINGUENEAU, 2008, p. 161); e aqueles que defendem o gramatical, para os quais “o desejo de colocar a gramática na dependência de algum referencial extralingüístico implica uma regressão para aquém dos axiomas fundadores da autonomia e da cientificidade do lingüístico.” (MAINGUENEAU, 2008, p.161). O autor define esses grupos em duas abordagens: abordagem A, a qual visa constituir modelos a partir de regras especificamente lingüísticas; e abordagem A’, a qual não se completa senão na associação das estruturas da linguagem a casualidades diversas. Devido à existência dessas abordagens diferenciadas, o autor ressalta que há uma diversidade muito grande de pressupostos teóricos dentro do campo da lingüística. Conforme Maingueneau (2008, p. 162),

[...] pode-se conceber, por exemplo, que a lingüística seja uma teoria do texto, a qual dependeria, por sua vez, de uma teoria do texto, a qual dependeria, por sua vez da teoria da comunicação, que seria um ramo de uma teoria da ação...isso se não for de uma semiologia geral, de uma teoria das ideologias ou do inconsciente. Aqui o jogo das articulações está aberto ao infinito.

Para melhor compreender essa diferenciação de abordagem, o autor exemplifica refletindo sobre uma análise de problemáticas textuais. Ressalta-se que o que é determinante nesse exemplo é o ponto de vista com o qual se observa o objeto. A abordagem A teria como foco as unidades transfrásticas, preocupando-se com a coerência, com anáfora, com a coesão. Por outro lado, a abordagem A’ teria como foco relacionar um fato textual a algum elemento social ou psíquico. Segundo Maingueneau (2008, p.163),

Como se vê, a condição do lingüista é complicada. Ele não pode nem aceitar realmente a divisão de seu campo, nem aceitar realmente a divisão de seu campo, nem desejar seu fim. Esteja inscrito na abordagem A ou na abordagem A’, ele deve se resignar a compartilhar com um outro, que não é nem um semelhante nem um estranho, nem mesmo um verdadeiro concorrente.

A partir do exposto, pode-se dizer que a lingüística é um campo heterogêneo, dentro do qual se admitem diferentes abordagens, diferentes pontos de vista, os quais determinam

pressupostos metodológicos bem diversos. Há de se escolher qual é a abordagem que se quer seguir, sem desconsiderar, no entanto, a existência e a validade das demais.

O que perseguimos fazer neste trabalho é a partir dos conceitos saussurianos, apresentados no CLG, estudar como Benveniste se apropriou desses conceitos, ultrapassando-os, modificando-os, questionando-os na perspectiva teórica que se colocou: a enunciação. A seguir, trazemos esses dois linguistas a fim de apontar uma possível comparação estabelecida entre ambos.

## 1.2 COLOCANDO SAUSSURE E BENVENISTE EM RELAÇÃO

Iniciamos por dizer que toda teoria é resultado de uma transformação (evolução) do campo de conhecimento dentro do qual se enquadra. Nesta dissertação, nos propomos comparar dois importantes linguistas (Émile Benveniste e Ferdinand de Saussure), no intuito de observar em que medida o primeiro “ultrapassa” os estudos promovidos pelo segundo.

Todo pesquisador busca uma teoria, na qual embasará suas pesquisas. Tomamos como base, neste estudo a Teoria da Enunciação, na perspectiva de Émile Benveniste. Ao estudarmos alguns artigos, voltados especificamente a reflexões enunciativas, encontrados nos Problemas de Linguística Geral I e II do referido autor, percebemos a necessidade de remetermo-nos ao pensamento saussuriano, já que a mais forte influência, apresentada nos estudos de Benveniste, são dos pensamentos de Ferdinand de Saussure. Afinal, a ele Benveniste dedicou um artigo intitulado “Saussure após meio século” (PLG-I), além de fazer menção direta a esse linguista em vários outros textos, como, por exemplo, em “Natureza do signo lingüístico” (PLG-I).

Os estudos de Émile Benveniste se enquadram dentro do campo da enunciação. Entendemos, com base no Dicionário de Linguística da Enunciação (2009), que há várias teorias que se enquadram dentro do campo da enunciação, elas se designam como pertencentes a esse campo, por obedecer a quatro critérios: a) por fazerem referência à dicotomia saussuriana língua/fala; b) por promoverem uma análise da linguagem tendo por base o ponto de vista do sentido; c) por refletirem sobre mecanismos de produção do sentido como marcas da enunciação, dessa forma, produzindo uma teoria sobre o tema; e d) por inserirem o elemento subjetivo no domínio dos estudos da linguagem.

Sendo assim, ainda dentro da perspectiva adotada pelo Dicionário de Linguística da Enunciação, considera-se que a definição saussuriana de *linguagem* sob seus dois aspectos *língua* e *fala*, foram produtivos para as teorias que se enquadram dentro do campo da

enunciação, pois esses conceitos saussurianos foram interpretados, modificados e ampliados por essas diferentes teorias.

Considerando Émile Benveniste o mais importante linguista no que respeita a Teoria da Enunciação e considerando que os estudos dentro desse campo, de certa forma, se relacionam com as reflexões promovidas por Ferdinand de Saussure, pensamos em uma dissertação que colocasse em relação esses dois autores, no intuito de perceber em que medida reflexões saussurianas se mostram presentes nos textos de Benveniste, e de que modo nesses mesmos textos, Benveniste “ultrapassa” essas reflexões. Na próxima seção, explica-se melhor qual foi o percurso teórico por nós adotado, bem como a metodologia de análise empenhada.

### 1.3. UM PERCURSO TEÓRICO

Propomo-nos nesta dissertação a fazer um estudo teórico/comparativo entre dois autores Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Ao estudar alguns artigos de Émile Benveniste, principalmente aqueles que apresentam reflexões enunciativas, nos deparamos com a necessidade de retomar o Curso de Língua Geral, para compreender os pressupostos teóricos presentes, em muitos momentos, nos textos de Benveniste.

Sabemos que Émile Benveniste sofreu influência de outros estudiosos, como Bréal,<sup>7</sup> Milner, Bally. No entanto, optamos nos referir a Saussure, visto que a ele Benveniste faz inúmeras referências diretas ao longo de vários artigos publicados nos Problemas de Língua Geral I e II. Além disso, escolhemos nos remeter a Saussure, pois observamos que os estudos ligados as questões enunciativas, apresentavam uma relação muito particular com alguns conceitos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure. Percebemos que poderíamos relacionar esses dois autores, pois consideramos que muitas reflexões de Benveniste, principalmente aquelas referentes à língua em uso, ora o aproximava, ora o distanciava de Saussure, mas que partiam sempre de um princípio apresentado no CLG.

Sendo assim, escolhemos alguns conceitos e buscamos revisá-los no Curso de Língua Geral, assim como os estudamos em diferentes artigos dos PLG-I e PLG-II. As reflexões e os conceitos escolhidos, para serem revisitados no CLG, foram: a reflexão acerca do objeto da lingüística; conceito de língua, linguagem e suas implicações. Já em alguns

---

<sup>7</sup> Dentro os estudos que trabalham com a relação entre Benveniste e Bréal, trouxemos presente o seguinte trecho da tese de doutorado de Jane da Costa Naujorks, apresentada em 2011 ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufrgs, sob a orientação de Valdir do Nascimento Flores: “Reconhecemos, então, que é através da reflexão sobre o discurso, com destaque para o elemento subjetivo da/na linguagem, presente nos estudos de Bréal, que Benveniste apresenta seus estudos sobre a enunciação.”. (NAUJORKS, 2011, p. 53)

artigos do PLG-I e PLG-II, escolhemos as seguintes reflexões e os seguintes conceitos: reflexões sobre o objeto da linguística; conceito de língua, de linguagem; e o conceito de enunciação. Além dos conceitos teóricos expostos ao longo dos capítulos dois e três, ainda apresentamos alguns elementos da vida dos dois autores, bem como reflexões promovidas por alguns leitores acerca da obra o “Curso de Linguística Geral” e das obras “Problemas de Linguística Geral I e II”. Para isso, citamos diferentes reflexões feitas por leitores como Claudine Normand, Simon Bouquet, Rudolf Engler, François Dosse, Valdir do Nascimento Flores, Marlene Teixeira, Leci Borges Barbisan, Sebastião Elias Milani, Eliane Silveira

Para cumprir com os objetivos do trabalho, precisamos fazer um recorte teórico, tanto com relação ao CLG, quanto com relação aos PLG-I e PLG-II. Ao trabalharmos com os artigos de Émile Benveniste, não escolhemos artigos e os resenhamos, mas sim escolhemos conceitos e buscamos artigos nos quais a reflexão sobre esses temas se fizesse presente. A leitura de um autor como Émile Benveniste, não é simples, visto que é preciso antes de efetivamente iniciar a leitura, definir um ponto de vista a partir do qual se estabelecerá um percurso de leitura. Segundo Flores (2011, p. 3),

[...] muitos dos conceitos propostos por Benveniste têm valor primitivo, na medida em que fazem parte de outros conceitos. Ou seja: os termos e as noções que integram um dado conceito contêm, em si, outros termos e noções e estes, por sua vez, estão contidos em muitos outros. Na verdade, há na teoria benvenistiana, uma rede de relações conceituais em que cada conceito é constituído por uma rede e é parte integrante dela.

Sendo assim, muitas vezes, para compreender um conceito apresentado em um artigo como, por exemplo “A forma e o sentido da linguagem” (1967), é preciso voltar no artigo “Os níveis de análise linguística” (1964). Ou seja, os conceitos são interdependentes e exige do leitor um cuidado muito grande para não se cometer impropriedades. De acordo com as palavras de Flores (2011, p. 4), “[...] pode-se dizer que é difícil, nessa teoria, estudar-se um elemento isolado de outro. Logo, o viés de leitura assumido deve sempre levar em conta que tal teoria estrutura-se como uma rede de primitivos teóricos.” Portanto, ler um autor como Benveniste exige um leitor atento e sensível, capaz de construir o próprio percurso de leitura, levando em consideração o momento no qual cada artigo foi produzido e as particularidades de suas produções. No entanto, por mais que haja discrepâncias entre os mesmos termos usados em diferentes artigos, há uma tese que perpassa todo o trabalho de Émile Benveniste, segundo Flores (2011, p. 13),

Esta é a tese central da teoria enunciativa de Benveniste: o homem está na língua. Essa tese fundamentalmente de cunho lingüístico na medida em que encaminha para o desenvolvimento de uma lingüística que busca descrever essas marcas decorre de um princípio epistemológico: independentemente de lado para o qual se olhe, a linguagem, entendida como intersubjetividade, é condição para que o homem exista. Opor o homem à linguagem e opô-lo a sua própria natureza.

Após o entendimento de que houve um recorte teórico, e após a explicação da importância dessa posição epistemológica, acrescenta-se que a intenção do estudo é comparar os dois linguistas (Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste), para tanto desenvolvemos o capítulo quatro, no qual retomamos todos os conceitos apresentados nos capítulos dois e três. Nesse momento do texto, desenvolvemos uma metodologia de análise, por meio de quadros. Cada quadro traz presente citações de ambos os autores, as quais estão organizadas por conceitos. Após cada quadro, promovemos uma reflexão comparativa entre os conceitos apresentados.

Nesse momento organizamos a nossa reflexão trabalhando primeiramente com a matéria e o objeto da linguística, além da tarefa do linguista. Num segundo momento refletimos sobre os conceitos de língua e de linguagem. Para finalizar trabalhamos com o conceito de signo lingüístico.

Por meio deste trabalho, conseguimos perceber que Émile Benveniste, com “sua” teoria da enunciação, consegue partir de reflexões saussurianas para estabelecer um novo domínio de estudo: o domínio da enunciação. Benveniste introduziu o “sujeito” no centro dos estudos lingüísticos, trabalhando, portanto com conceitos, como o de subjetividade, o de intersubjetividade, o de enunciação. Ao trabalhar com esses conceitos, o autor os analisa, mostrando que as formas da língua somente ganham sentido por meio da enunciação. É somente no ato de um locutor se apropriar da língua para imprimir a sua subjetividade, por meio de uma interlocução com um *tu*, no *aqui* e num *agora*, que as formas ganham sentido, um sentido único e irrepetível e esse locutor torna-se sujeito de seu dizer, transformando a língua em língua-discurso.

A partir deste percurso teórico é que desenvolvemos os capítulos seguintes. Começamos pelo princípio, começamos por Ferdinand de Saussure.



## 2. SAUSSURE, NOVAS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM

Este capítulo aborda aspectos da vida de Ferdinand de Saussure, e, especialmente, elementos tratados pelo autor nos cursos de linguística, ministrados por ele em Genebra e que resultaram na publicação, por seus admiradores – maioria alunos – da obra “Curso de Linguística Geral”<sup>8</sup>. Antes de mostrar de que modo desenvolvemos este capítulo, torna-se importante fazer uma ressalva em relação ao seu título. Ao usarmos a expressão “novas concepções”, estamos nos referindo ao período anterior a Saussure. Em relação ao que se fazia em linguística, antes do pensamento saussuriano e não em relação ao momento atual dos estudos linguísticos. Poderíamos dizer que há, neste momento, uma enunciação sobre aquela – a da linguística comparada feita pelos linguistas que antecederam Ferdinand de Saussure. No decorrer deste capítulo, desenvolvemos, principalmente, as concepções de língua e linguagem desenvolvidas por Saussure e apresentadas no CLG, e suas implicações.

Para desenvolver este capítulo, elegemos o seguinte percurso: a) no item 2.1 tratamos da vida de Ferdinand de Saussure, ressaltando algumas informações importantes que influenciaram direta e indiretamente em suas reflexões teóricas acerca dos conceitos que discutiu; b) no item 2.2 trazemos presente o “Curso de Linguística Geral”, reafirmando a importância dessa obra para os estudos linguísticos, e c) no item 2.3, trabalhamos com alguns conceitos apresentados pelo CLG que, de acordo com a nossa leitura do Curso, mostram-se mais relevantes. A partir dessa organização, construímos o primeiro capítulo desta dissertação.

### 2.1 O LINGUISTA DENTRE OS LINGUISTAS

*[...] Algum mistério envolve a sua vida humana, que cedo se retirou para o silêncio. A uma tal obra apenas convém o elogio que a explica na sua gênese e faz compreender o seu brilho.*<sup>9</sup>

*Émile Benveniste*

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que foram três os cursos, sobre os quais falaremos mais detidamente na próxima seção, ministrados por Ferdinand de Saussure. No entanto, a obra “Curso de Linguística Geral” não foi uma publicação feita por Ferdinand de Saussure. Mas, não nos aprofundaremos nessa questão, neste momento, visto que mais adiante dedicamos uma seção especificamente para tratar dessa obra.

<sup>9</sup> Essa citação foi retirada do artigo “Saussure após meio século”, datado originalmente de 1963 e consultado na obra “Problemas de Linguística Geral I”, 5ª edição, datada de 2005i).



Em meio a uma família “aristocrática de longínqua ascendência Lorena, estabelecida desde o século XVI na Suíça por motivos religiosos” (NORMAND 2009b)<sup>10</sup>, nasceu, em 1857, Ferdinand de Saussure.

A família de Saussure deixou Lorena para se instalar em Genebra. Essa família fez parte da alta sociedade genebrina desde o século XVII, mas ganhou um poder financeiro maior somente no século seguinte. A família saussuriana foi marcada por importantes nomes, destacando-se cientistas, escritores e alguns artistas. Segundo Michel Arrivé (2010, p. 29-32):

O primeiro na linha do tempo é Nicola (1709 -1791): advogado, ele tem como passatempo a viticultura e escreve para Enciclopédia os artigos acerca desse assunto. Seu filho, Horace-Bénédict (1740-1798) [...] ele foi o primeiro a fazer, em 1787, uma escalada de caráter científico ao Mont-Blanc. [...]

Dois filhos de Horace-Bénédict alcançaram notoriedade intelectual. Sua filha Albertine-Adriene (1766-1841) [...] Ela publicou notadamente, em três volumes, uma Educação progressiva ou estudo do curso da vida, que foi várias vezes reeditada até o fim do século. [...]

O irmão de Albertine, Nicolas-Théodore (1767-1845) é avô paterno de Ferdinand de Saussure. Professor de geologia e de mineralogia na Universidade de Genebra. [...]

O primogênito de Nicola-Théodore chamava-se simplesmente Théodore. Nascido em 1824, grande leitor de Rousseau – a quem dedicou um livro: J.-J. Rousseau em Veneza. [...]

O segundo filho de Nicola-Théodore, Henri, é o pai de Ferdinand. Nascido em 1829, ele morre em 1905. É especialista em entomologia e trabalha especificamente com os ortópteros e os himenópteros.

O papel da família na introdução de valores e princípios, que regem a vida do ser humano na sociedade, é sem dúvida indiscutível. Por essa razão, torna-se importante, neste momento do texto, trazer algumas informações acerca da família de Ferdinand de Saussure, para melhor compreender a sua formação e perceber como isso influenciou em sua obra. Na citação acima, entramos em contato com algumas informações sobre a vida do mestre genebrino, e percebemos que ele veio de uma família nobre, cuja tradição não era os estudos linguísticos ou mesmo estudos ligados a esse campo do saber. Apesar disso, Saussure, preferiu os estudos da linguagem para dar continuidade à sua formação intelectual.

Ele iniciou seus estudos sobre a língua em Berlim e Leipzig, na Alemanha. Em 1876 ocupou cargo administrativo na Sociedade de Linguística de Paris com apenas 19 anos. E, segundo Normand (2009b, p. 12), morou um tempo em Leipzig, “onde tem relações difíceis com certas celebridades da gramática comparada”. Poucos anos mais tarde, defendeu uma

---

<sup>10</sup> Essa citação foi retirada da obra “Saussure” (edição em português), da autoria de Claudine Normand. Essa obra faz parte da coleção Figuras do Saber, a qual apresenta livros introdutórios ao pensamento de diversos autores importantes.

tese de doutorado sobre o uso do genitivo absoluto em sânscrito. Lecionou por um período de onze anos – 1880 a 1891 – na *École Pratique des Hautes Études*, de Paris.

Ainda nesse ano, aconteceu algo interessante a ser registrado, segundo Normand (2009b, p. 12) “apesar de lhe ser proposto substituir Michel Bréal<sup>11</sup> no *Collège de France*, decide deixar Paris por razões que permanecem pouco claras, entre as quais, por certo, o desejo de conservar a nacionalidade suíça.”. Em 1906, a Universidade de Genebra dedicou-lhe um espaço maior dando-lhe a responsabilidade de assumir a disciplina de Linguística Geral, após a aposentadoria de Joseph Wertheimer<sup>12</sup>, a qual acabou sendo dividida em três cursos (primeiro: de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907; o segundo: de novembro de 1908 a 24 de junho de 1909; e o terceiro: de 29 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911)<sup>13</sup> cujas reflexões apresentadas constituiriam o livro “Curso de Linguística Geral”. Em 1912, Saussure adoece e acaba suspendendo as aulas do Curso. Em fevereiro de 1913, o mestre genebrino faleceu, deixando escritos provenientes de suas aulas, os quais resultaram na publicação em 1916 do “Curso de Linguística Geral”<sup>14</sup>.

Isso posto, vale ressaltar que Saussure por pertencer a uma família nobre sofreu uma espécie de “preconceito” ao escolher dedicar-se aos estudos da linguagem, visto que isso não era tido como algo de maior relevância pela sociedade da época e, principalmente, pela família da qual fazia parte. Talvez por essa razão, Saussure não tenha sentido a necessidade de deixar documentado grande parte de seus escritos e, tampouco, de publicá-los para a posteridade.

---

<sup>11</sup> Segundo o “Dicionário de Linguística da Enunciação” (2009, p. 244-245): “Pode-se dizer que a obra de Bréal dedicou-se a três campos de interesse: 1) o estudo das inscrições antigas e dos mitos, que ocupa um primeiro momento da produção de Bréal [...]; 2) o estudo de linguística histórica: Bréal preferiu considerar seu trabalho a propósito da significação – que ele chamou de semântica, pela primeira vez, em 1883, [...]; 3) os trabalhos sobre questões relativas ao ensino, que se deram paralelamente aos dois momentos referidos anteriormente, [...]”. O Dicionário de Linguística da Enunciação (2009, p. 245) ainda acrescenta: “Bréal é considerado “a inspiração de Benveniste para seu estudo sobre as pessoas verbais e os pronomes” (1992: 14), e como precursor de seu aluno Saussure, ao usar em suas aulas “conceitos como língua (*langue*), fala (*parole*) e valor, justamente as pedras angulares do Curso de Saussure (Merquior, 1991:23)”.

<sup>12</sup> Segundo Michel Arrivé (2010, p.40): “Foi em 1905, que Joseph Wertheimer, professor ordinário de linguística geral na Universidade de Genebra, que exercia também a função de grão-rabino de Genebra, aposentou-se, aos 72 anos.”

<sup>13</sup> Segundo o prefácio à edição brasileira, a matéria do primeiro curso foi: “Fonologia, isto é, fonética fisiológica (*Lautphysiologie*), Linguística evolutiva, alterações fonéticas e analógicas, relações entre as unidades percebidas pelo falante na sincronia (análise subjetiva) e as raízes, sufixos e outras unidades isoladas da gramática histórica (análise objetiva), etimologia popular, problemas de reconstrução”; a matéria do segundo era: “a relação entre teoria do signo e a teoria da língua, definições de sistema, unidade, identidade e de valor lingüístico”; já a matéria do último curso consistia em: “íntegra na ordem dedutiva do segundo curso a riqueza analítica do primeiro”.

<sup>14</sup> Ressalta-se que as informações acerca da vida de Ferdinand de Saussure foram consultadas na obra de Florence Carboni, no livro *Introdução à Linguística* (2008, p. 41 e 42), na obra de Claudine Normand, citada em nota anteriormente (Cf. nota 5), e no livro *Em busca de Ferdinand de Saussure*, obra de Michel Arrivé, edição publicada em 2010.

Saussure tornou-se, desde muito jovem, um nome muito importante para os estudos da linguagem. Sua tese de mestrado “finda uma longa seqüência de estudos sobre as vogais do indo-europeu” (MILANI, 2009, p. 56)<sup>15</sup>, e o seu doutorado, trabalho que o fez adquirir reconhecimento teórico internacionalmente, no qual estudou o genitivo absoluto em sânscrito, o consagra como um nome promissor dentro do cenário linguístico.

O pensamento do mestre genebrino cada vez mais se afastava do que se pensava em termos de estudos da linguagem na época. Saussure progredia em sua carreira acadêmica e conquistava fiéis seguidores. Segundo Magali Lopes Endruweit<sup>16</sup> (2008, p. 1): “Suas idéias suscitaram uma verdadeira revolução no desenvolvimento da linguística do século XX. Ideias tão amplas a ponto de extrapolarem as margens da disciplina para serem inspiradoras das ciências humanas e naturais.” No entanto, algo o impedia de publicar seus célebres pensamentos, “o que, então, o impedia de publicar?” (PLG-I, p. 39)<sup>17</sup>, em resposta, Benveniste (PLG-I, p. 39 e 40) diz:

Esse silêncio esconde um drama que deve ter sido doloroso, que se agravou com os anos, que inclusive jamais encontrou solução. Prende-se de um lado a circunstâncias pessoais, sobre as quais os testemunhos dos seus parentes e dos seus amigos poderiam lançar alguma luz. Era sobretudo um drama do pensamento. Saussure afastava-se da sua época na mesma medida em que se tornava pouco a pouco senhor da sua própria verdade, pois essa verdade o fazia rejeitar tudo o que então se ensinava a respeito da linguagem. Mas ao mesmo tempo que hesitava diante dessa revisão radical que sentia necessária, não podia resolver-se a publicar a menor nota antes de haver assegurado, em primeiro lugar, os fundamentos da teoria.

Além de razões de cunho pessoal, Saussure deparava-se com uma situação que lhe desagradava: “a insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Lingüística em cujo ambiente se desenvolveu...” (CLG, 2006, p. 1)<sup>18</sup>. Embora não tenha publicado a maior parte de seus estudos, Saussure deixou um legado que tem herdeiros até os dias de hoje. Ao final de sua vida, que por sinal se encerrou muito cedo, com apenas 54 anos<sup>19</sup>, Saussure

<sup>15</sup> Como explica Sebastião Elias Milani em um artigo intitulado “Historiografia de Saussure: o Curso de Lingüística Geral”, publicado na revista Letras & Letras, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009).

<sup>16</sup> Em artigo intitulado “A escrita em Saussure”, publicado na revista ReVEL. Edição especial nº2, 2000. INSS 167-8931 [www.revel.info.br].

<sup>17</sup> Pergunta-se Benveniste em texto publicado em 1963, numa comemoração solene, na Universidade de Genebra, na qual se homenageava Saussure, após 50 anos de sua morte.

<sup>18</sup> Como se comprova no prefácio à primeira edição do Curso de Linguística Geral, escrito por Charles Bally e Albert Sechehaye.

<sup>19</sup> Quanto às razões que levaram a morte de Saussure, Sebastião Elias Milani, em artigo intitulado “Historiografia de Saussure: o Curso de Lingüística Geral”, diz que a maneira de Saussure trabalhar “era quase obsessiva, o que pode ser deduzido de sua morte prematura causada por doenças que atualmente são consideradas com fundamentação no estresse...” (2009, p. 57- 58).

ministrando três cursos que resultaram posteriormente no “Curso de Lingüística Geral”<sup>20</sup>. A partir dessa obra, embora póstuma, Saussure se consagrou no cenário da linguística, como ressalta Teixeira (2008, p. 1)<sup>21</sup>:

É interessante destacar que talvez nenhum intelectual tenha sido capaz de influenciar o espectro das ciências humanas de maneira tão decisiva sem nunca ter escrito algo semelhante a uma obra. O ensino de Saussure se fez e continua a se fazer por caminhos nada convencionais.

Para melhor explicarmos essa afirmação de Teixeira (2008), faz-se necessária a próxima seção, dedicada exclusivamente ao entendimento da obra “Curso de Lingüística Geral”.

## 2.2 O “CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL” SOB DIFERENTES OLHARES

Na seção anterior, apresentamos algumas informações sobre a vida de Ferdinand de Saussure, as quais ajudaram a entender a construção da “obra”<sup>22</sup> desse linguista. Nesta seção, há uma apresentação do CLG, no sentido de mostrar, além de uma visão particular em relação ao curso, o que dele pensam alguns leitores<sup>23</sup> cujas leituras nos fazem refletir sobre essa obra tão importante e singular.

Retomando o pensamento de Teixeira (2008, p. 1) ao referir o fato de um autor como Saussure ter se consagrado sem nunca ter escrito algo semelhante a uma obra, a autora atenta para o fato de que o CLG não foi escrito por Saussure, mas sim foi resultado de uma compilação feita por Chales Bally e Albert Sechehaye, baseada em alguns manuscritos de Saussure e, em grande parte, nas anotações feitas pelos alunos desse linguista, durante os três cursos por ele ministrados na Universidade de Genebra. Sobre isso, Claudine Normand<sup>24</sup> (2009b, p. 20) acrescenta:

<sup>20</sup> Tratamos dessa obra mais detidamente nas seções 1.2 e 1.3 deste mesmo capítulo. Portanto, não nos aprofundamos nessa questão neste momento do texto.

<sup>21</sup> Esse fragmento foi retirado da apresentação da revista ReVEL (volume 6, número 2, novembro de 2008 – ISSN 1678-8931). Esse volume teve como tema os Estudos Saussurianos e foi organizado por Marlene Teixeira e Cassiano R. Haag.

<sup>22</sup> Esclarece-se, por meio desta nota, que as aspas estão sendo usadas, para lembrar que o “Curso de Lingüística Geral” não foi uma obra publicada por Saussure e que, por falta de um termo mais adequado, optou-se por usar aspas.

<sup>23</sup> Acreditamos que a apresentação de diferentes leituras dessa obra seja importante neste momento do texto, pois propomos aqui uma abordagem mais geral acerca do CLG. Citaremos estudiosos como Claudine Normand, Simon Bouquet, Michel Arrivé, Rudolf Engler, Valdir Flores, Marlene Teixeira, Leci Borges Barbisan, entre outros importantes leitores de Saussure.

<sup>24</sup> Cf. nota 5.

Com efeito, o que se reúne sob o título Curso de lingüística geral é apenas um esboço de um curso, ou mais precisamente, de três cursos, discursos preciosamente recolhidos, anotados e transmitidos até nossos dias pelos cuidados dos discípulos e amigos de Saussure; mais que um texto póstumo, deveríamos falar de “discursos” póstumos, eco refratado em vários cadernos de notas de uma voz que, ao que parece, fascinava os auditórios.

No início da primeira seção deste capítulo, disse-se que Saussure parece não ter sentido a necessidade de deixar para a posteridade os resultados de seus estudos. Isso se comprovaria ao ver que a única obra, que apresenta seus pensamentos, não foi por ele organizada. No prefácio à primeira edição do CLG, tem-se a seguinte constatação (CLG - 2006, p. 1):

[...] Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos, cortesmente postos à nossa disposição por Mme de Saussure, a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevíamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand de Saussure, combinadas com as notas de estudantes. Grande foi a nossa decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos; F. de Saussure ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição!

Disso ficam algumas questões: como puderam Bally e Sechehaye organizar o pensamento Saussuriano baseados, além de alguns manuscritos, em anotações de alunos do Curso? De que modo essa compilação que gerou o CLG é fiel ao pensamento do mestre genebrino? Com essas perguntas não se está aqui querendo fazer crítica ao que Bally e Sechehaye fizeram de forma tão cuidadosa e respeitosa. Além disso, em resposta à pergunta dos próprios organizadores do curso “saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus discípulos?” (CLG, 2006, p. 4), Endruweit<sup>25</sup> (2000, p. 4) afirma: “Tudo indica que sim, pois tanto Bally como Sechehaye nunca foram considerados co-autores do CLG, apenas figuram como bons discípulos, ou como responsáveis pelas *ambiguidades* e até mesmo pelos *contrasensos* criados pela compilação das notas dos cursos”. Quanto à questão da autoria do CLG, Endruwiet (2000, p. 4) acrescenta:

Na verdade, esse amalgamar de idéias faz com que o Curso seja mais que a reprodução do pensamento saussuriano ou a alteração desse pensamento pelos editores. Significa que existem marcas tanto da edição quanto de Saussure. Ambos, autor e editores, imprimem nessa publicação suas visões de lingüística e de ciência.

---

<sup>25</sup> Cf. nota 7.

Diferentes autores apresentam posicionamentos diversos acerca da edição organizada por Bally e Sechehaye, mas em um ponto todos estão de acordo: essa edição é muito importante e válida. Segundo Claudia Thereza Guimarães de Lemos<sup>26</sup> (2008, p. 12):

[...] afinal, qual é o verdadeiro Saussure?

Essa pergunta tem origem em um paradoxo: o livro que veio a consagrar Saussure como fundador da Linguística não foi escrito por ele, e os manuscritos que ele escreveu e não publicou têm sua importância determinada pelo fato de retroativamente retirarem a autorização dos editores de, escrevendo por Saussure, tornarem Saussure um autor e um fundador.

Outro autor que apresenta um posicionamento sobre a obra o CLG é Simon Bouquet, que realiza inúmeras críticas à edição do *Cours*, mas, apesar disso, admite a importância dessa obra. Isso se comprova ao ler o que Bouquet (1997, p. 13)<sup>27</sup> comenta:

Que Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana é um fato comprovado pelo sucesso alcançado por sua obra. Mas essa obra oferece, por outro lado, um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar, falseando, sob dois importantes aspectos, as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apóia.

[...] (É preciso admitir, sejam quais forem as críticas que se lhe possam fazer, que o ponto de vista organizante do *Cours de Linguistique Générale* se revela muito eficaz. Seja como for diante de um pensamento sutil mas incompletamente desenvolvido, como o do mestre genebrino, e em relação à história das idéias na qual se inscreve o acontecimento editorial de 1916, a redução de Bally e Sechehaye era, provavelmente, o melhor caminho a ser seguido naquele momento.)

Com isso, se está tentando mostrar que o CLG é uma obra cuja leitura é muito particular, e talvez polêmica, que exige uma atenção de seus leitores<sup>28</sup>, os quais devem levar em conta as informações acerca de sua produção. Segundo Flores e Barbisan<sup>29</sup> (2009, p. 8) “[...] o livro foi organizado por pessoas que não ouviram as aulas do mestre e que se basearam tão-somente nas notas dos cadernos dos alunos de Saussure. A leitura que se faz do CLG deve

<sup>26</sup> Esclarece-se que essa citação foi retirada do prefácio à edição da obra “As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística”, escrita por Eliane Silveira. Essa obra tem por objetivo trazer uma contribuição original, no sentido de que as reflexões apresentadas no livro e a maneira como a autora escreve promovem uma desconstrução da ideia de que o Curso e os manuscritos são coisas totalmente opostas.

<sup>27</sup> Essa citação foi retirada do prefácio à edição da obra “Introdução à leitura de Saussure”, assinada por Simon Bouquet. Sobre o referido autor, consta na contracapa da obra “Filósofo e linguista, Simon Bouquet faz pesquisas no Departamento de Línguas e Literatura Românicas da Universidade de Berna. Deu aulas de epistemologia da linguística na Universidade de Paris X-Nanterre e preparou uma edição crítica das aulas e dos escritos de Saussure sobre a linguística geral.”

<sup>28</sup> Gostaríamos de ressaltar desde já a importância da leitura dessa obra, principalmente àqueles que tomam a língua enquanto sistema e enquanto uso como instrumento de trabalho, como por exemplo, nós, professores.

<sup>29</sup> Essa citação foi retirada da apresentação feita por Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan para a obra “Convite à Linguística”, de Claudine Normand.



levar esse dado em consideração.” Portanto, há de se ter o máximo de cuidado na leitura desse texto, tendo em mente as circunstâncias de sua produção.

Reitera-se que o propósito em se trazer esses dados não está em colocar em cheque a validade dos estudos de Saussure, não teríamos sequer essa competência. Mas, sim, temos como objetivo mostrar que esses estudos são apresentados a nós por meio de uma interpretação do que Saussure ensinava em suas aulas. O Saussure do CLG provém de uma interpretação feita sobre ele (o próprio Saussure), e isso deve ser levado em consideração na leitura do CLG. Quanto a isso, Sebastião Elias Milani (2009)<sup>30</sup> afirma que seria injusto desconsiderar o trabalho feito por Bally e Sechehaye. Para o autor, não há outra discussão a ser feita além da que diz respeito ao conteúdo do CLG.

Sobre isso, ainda, mais adiante nesse mesmo artigo, Milani (2009) acrescenta que muitos se questionam sobre a fidelidade do CLG em relação aos pensamentos saussurianos. Milani (2009) afirma que essa fidelidade ficará desconhecida, mas ressalta que quem vier a ler os manuscritos de Saussure não encontrará distanciamento entre eles e o CLG, além disso, ressalta o fato de que não há como desconsiderar a importância do CLG enquanto contribuição para as ciências.

Nessa perspectiva, encontramos outra crítica feita por Simon Bouquet e Rudolf Engler (2002, p. 12), no prefácio à obra “Escritos de Linguística Geral”:

Mesmo que um tal destino não tenha sido nefasto, cabe hoje, ao comparar os manuscritos e as anotações dos alunos com a vulgata consagrada do *Cours*, apontar o maior alcance das meditações do genebrino - e de observar, também, que seu programa científico é, ao mesmo tempo, menos categórico que a sua tradução de 1916 e estabelecido sobre fundamentos mais minuciosamente explicitados.

Isso posto, passamos para o segundo aspecto que deve fazer-nos refletir sobre o CLG. Saussure ficou conhecido como o pai da linguística estruturalista. Mas, lendo detidamente o CLG, percebemos que em momento algum nele consta o uso deste termo: - estruturalismo. O que temos no CLG é o uso da palavra *sistema* e não da palavra *estrutura*. De onde veio então a ideia de estruturalismo? Flores e Barbisan (2009, p. 8), na apresentação da obra “Convite à linguística”, de Claudine Normand, explicam essa nomeação, com a seguinte reflexão:

---

<sup>30</sup> Em artigo citado anteriormente em nota. Cf. nota 15.

[...] Saussure não utilizou a palavra estrutura e o CLG é fiel a isso. Certamente que a teoria saussuriana foi determinante para a instauração do estruturalismo, mas o termo utilizado por Saussure foi mesmo sistema. A palavra estrutura veio a ser usada apenas no final da década seguinte, mais especificamente nas teses formuladas no Congresso Internacional de Lingüística de Haia pelos lingüistas Roman Jakobson e Nicolas Troubetzkoy.

Em suas aulas, Saussure fala em sistema, ao afirmar que “a língua é um sistema de signos” (CLG, 2006, p. 21). Falar em estrutura é diferente, pois o sentido atribuído à estrutura não é exatamente o mesmo atribuído a sistema. “Estrutura” significa a disposição e ordem das partes de um todo, enquanto “sistema” significa o conjunto de partes coordenadas entre si. Vê-se que ambas as palavras conservam a ideia de relação entre as partes de um todo, mas a primeira trata da disposição e a segunda, do conjunto dessas partes. Saussure fala em sistema, mas prevê a questão da estrutura ao trabalhar com a relação dos signos dentro do sistema. Segundo François Dosse<sup>31</sup> (1993, p. 66):

No I Congresso Internacional de Lingüística realizado em Haia em 1928, sela-se uma aliança prenunciadora de um grande futuro: “As propostas apresentadas pelos russos Jakobson, Karceski e Troubetzkoy, por uma parte e pelos genebrinon Bally e Secheyay, por outra parte, têm em comum sistema”. Portanto, Genebra e Moscou estão na base da definição de um programa estruturalista. Aliás, foi nessa ocasião que Jakobson empregou pela primeira vez o termo “estruturalismo”[...] Saussure só fizera uso do termo sistema, múltiplas vezes citado, 138 vezes nas 300 páginas do CLG.

Com isso, percebe-se a importância de se empreender uma leitura muito atenta de uma obra como o CLG, para que então se possa distinguir o que nela efetivamente está presente, e como foram empreendidas as leituras sobre ele (o CLG).

Ainda, segundo Flores e Barbisan (2009), na obra citada em nota anteriormente, há de se ter cuidado ao dizer que Saussure propunha dicotomias “*strictu sensu*”<sup>32</sup>, pois, para cada par “dicotômico”, Saussure propunha um terceiro elemento que servia de mediador entre os dois primeiros elementos. Segundo os autores (2009, p. 8-9):

---

<sup>31</sup> François Dosse é professor de História no Instituto Universitário de Formação de Professores de Créteil e no Instituto de Estudos Político de Paris. É pesquisador associado do Instituto de História do Tempo Presente e do Laboratório de História Cultural da Universidade Saint-Quentin, em Yvelines, e co-editor da revista *Espaces Temps*. Após consagrar sua tese de doutorado na “Ecole des Annales” (1983), segue suas pesquisas sobre o estruturalismo, o filósofo Paul Ricoeur (a biografia “Paul Ricoeur, les sens d’une vie”, publicada em 1997, é hoje referência) e o historiador Michel de Certeau. Atualmente, suas linhas de pesquisa estão relacionadas à Historiografia, à Epistemologia das Ciências Humanas e à História Intelectual. Em 2007, publica Gilles Deleuze e Felix Guattari, biografia cruzada onde reabilita Guattari numa história intelectual que valorizou apenas Deleuze.

<sup>32</sup> Para usar palavras dos próprios autores.



[...] para a dicotomia significante/significado, há o signo; para relações sintagmáticas/relações associativas, há o sistema; para diacronia/sincronia, há a pancronia; para língua/fala, há a linguagem. Tudo orquestrado por um grande terceiro, o valor: o conceito que sustenta a arquitetura teórica de Saussure.

Quanto a essa mesma questão Milani (2009, p. 66) também faz uma observação diferente:

Mas os conceitos lingüísticos de Saussure surgiram de leituras que ele fez em outros estudiosos. Sua contribuição mais significativa para a Lingüística não está em suas dicotomias ou na descrição precisa que fez das vogais do indo-europeu. É muito mais significativa que isso a própria definição da Lingüística enquanto ciência que Saussure elaborou. Ele tornou a Lingüística uma ciência com parâmetros exatos [...].

Segundo Milani (2009), os conceitos apresentados por Saussure foram reflexões feitas por ele de conceitos já existentes, mas que precisam ser melhor formulados, para então ser apresentados com uma terminologia específica. Quanto a isso, Milani (2009, p. 66) ressalta que,

[...] Portanto, é mais realista dizer que Saussure se preocupou mais com o processo de construção do objeto do que com o objeto em si mesmo - ou seja: os conceitos sobre a língua e a linguagem estavam prontos todos perfeitamente descritos nos estudiosos que o precederam, mas nenhum tinha sido capaz de engendrar nesses conceitos, com clareza, o modo como chegar à prova concreta.

À primeira vista pode parecer que Milani (2009) está de certa forma diminuindo a importância do CLG e dos conceitos apresentados nele. No entanto, nota-se que o que Milani defende é que a grande contribuição de Saussure foi a sistematização desses conceitos, mostrando qual é a real função da lingüística e do próprio linguista. Segundo Milani (2009, p. 56): “[...] A lingüística como tal não existia até Saussure: apenas estudos sobre a linguagem e sobre a língua que se misturavam entre si e com estudos direcionados para outras ciências.” Assim podemos perceber que a grande inovação do pensamento saussuriano reside no fato de que Saussure estabeleceu uma metodologia de estudo que propiciou a troca de termos metalingüísticos usados até então, por termos independentes e com “significação arbitrária”.

Segundo Claudine Normand (2009a), uma das mais significativas leitoras de Saussure, outro fator a ser considerado ao imbricar-se na leitura do CLG são as metáforas presentes em

alguns trechos, as quais exigem do leitor uma leitura ainda mais atenta. Quanto a isso, Normand (2009a, p. 82)<sup>33</sup> afirma:

As metáforas, comparações, analogias, remetidas, desse modo, a sua impotência, desaparecem, apesar disso, do CLG e das notas manuscritas? Bem pelo contrário, como se sabe. [...] Defenderei antes, a hipótese apesar do pessimismo das observações precedentes, de que elas tiveram um papel importante na elaboração da teoria e gostaria de mostrar que as escolhas metafóricas de Saussure os esclarecem ao mesmo tempo, sobre as dificuldades próprias ao objeto língua e sobre o que se pode chamar de um “estilo” de trabalho reflexivo.

As metáforas, como mencionado acima, não constituem apenas figuras que servem para ilustrar conceitos um tanto quanto abstratos. Mas, pensando em um estudo que tenta ser o mais científico possível, essas metáforas acabam constituindo uma espécie de obstáculo.

No início desta seção, mostrou-se que o CLG é fruto de uma interpretação das aulas dadas por Saussure, a partir de anotações dos alunos e de manuscritos<sup>34</sup> do próprio autor. Por essa razão, por ser uma interpretação, incorre-se no risco de poder apresentar contradições em relação àquilo que Saussure efetivamente ensinou. Um dos exemplos, trazido por Normand (2009a, p. 83)<sup>35</sup> é o que explicita o fato de que no CLG as palavras *organismo* e *sistema* são tomadas como sinônimas.

Em artigo intitulado “Alguns efeitos da teoria saussuriana sobre a descrição semântica”<sup>36</sup>, Claudine Normand (2009a) faz, de certa forma, uma crítica ao CLG publicado por Bally e Sechehaye, chamando-o de “falsificação”, ao compará-lo com os manuscritos e ao ler a edição crítica de R. Engler. Apesar disso, Normand (2009a, p. 98) admite que o CLG deu base para muitos de seus estudos, por razões como:

[...] o texto que nós (as pessoas de minha geração) descobrimos nos anos 1960, com um surpreso deslumbramento: enfim, uma mudança real em relação ao ensino que recebêramos, que seguia na França a tradição da gramática histórica e comparada, marcada por Meillet e Vendryés [...] Nos anos 1970, havia também razões pedagógicas: era esse texto, o único facilmente acessível, que apresentávamos aos alunos universitários iniciantes.

<sup>33</sup> Essa citação foi retirada de um artigo intitulado “O curso de lingüística geral, metáforas e metalinguagem” – para Rudolph Engler. Cotação retirada do artigo publicado na obra *Convite à Lingüística*, datada de 2009. Mas vale ressaltar que originalmente esse artigo foi publicado em *Langages*, número 120, 1995.

<sup>34</sup> Cumpre destacar aqui que ao falar de manuscritos fala-se dos manuscritos feitos pelo próprio Saussure ao preparar suas aulas para o “Curso de Lingüística Geral”.

<sup>35</sup> Cf. nota 16.

<sup>36</sup> Texto publicado no livro “Convite à Lingüística” – edição em português, datada de 2009. Registra-se que esse texto originalmente foi publicado em *Cahiers Ferdinand de Saussure – Reveu Suisse de Linguistique Générale*, número 54, 2001.

Ainda nesse artigo, Normand (2009) comenta que seus estudos iniciais sobre Saussure se centravam em estudos que tinham como objetivo dizer o que Saussure propunha como algo novo para os estudos da linguagem. Como início de resposta, Normand (2009a, p. 98) evidencia que a novidade saussuriana consistia “na teoria da língua como *sistema de valores*, i.é., de *diferenças*” (2009, p. 98). Vale ressaltar que Normand, nesse artigo, mostra que o Saussure apresentado no CLG é bem diferente daquele apresentado nos manuscritos quando afirma:

[...] Isso já me cativara nas interrogações do CLG sobre o “objeto” da lingüística e mais ainda nos manuscritos; duas vozes, bem diferentes, mas ambas afastadas do discurso lingüístico corrente atraíram minha atenção: uma delas, suave e persuasiva, a outra, veemente, frequentemente caótica, lírica em alguns momentos. (NORMAND, 2009a, p. 101).

Desde a seção anterior, evidenciamos que uma das preocupações de Saussure era com o rigor na questão terminológica, pois esse rigor proporcionaria um estudo que poderia ser considerado mais científico. Mas esse rigor não é algo fácil de ser empreendido, principalmente em se tratando de estudos da linguagem. Quanto a isso, Normand (2009a, p. 102) comenta que ao voltar nas fontes manuscritas, revela-se “a que ponto a dificuldade de conter a língua nessa função de avaliador da verdade atormentou Saussure até a exasperação, o “desgosto” e mesmo o desespero”. Há de se levar em consideração que irrevogavelmente há de existir diferenças entre o Saussure dos manuscritos e o Saussure professor do Curso de Linguística Geral, exposto no CLG, visto que a preocupação deste era metodológica, e a preocupação daquele era científica. Ao menos é isso que se evidencia a partir da interpretação de muitos de seus leitores.

Um entendimento do que se quer entender ao falar que Saussure tinha preocupação científica, se faz necessário. Ao se dizer isso, quer-se dizer que Saussure tinha uma preocupação maior com o objeto da lingüística e com o papel do linguista nesse processo. Um olhar mais científico explica-se pelo rigor terminológico com que Saussure apresenta suas reflexões.

Ao longo desta seção expusemos alguns pensamentos acerca da obra o CLG, mostrando a sua importância e quais foram as suas contribuições para a Linguística. A leitura dessa obra é fundamental na formação intelectual de um profissional que pretende estudar a língua. Para finalizar essa seção, deixamos uma citação do livro “Saussure” de Claudine Normand (2009, p. 113), que resume bem o que significa o CLG:

[...] O CLG, e isso advém das particularidades de suas publicações, parece ser, mais do que qualquer outro texto, tomado na história de suas interpretações; história inacabável, mesmo que se acredite, por vezes, ser possível fixar uma interpretação (a leitura). Mistura rigorosa de proposições, de afirmações insistentes e de incertezas, e até mesmo de confusões, ele testemunha, ao mesmo tempo, a novidade de um pensamento e as dificuldades de elaborá-lo, bem como de fazê-lo ser entendido.[...]

Na seção seguinte, mostraremos uma leitura particular da obra o CLG, dando ênfase para alguns conceitos nele apresentados, que à nossa pesquisa são de extrema relevância.

### 2.3. REFLEXÕES DE SAUSSURE “MOSTRADAS” NO CLG

Na seção anterior, fizemos uma apresentação do CLG de forma mais abrangente. Naquele momento, nos preocupamos em mostrar aspectos mais gerais sobre essa obra além de apresentar alguns leitores de Saussure e suas impressões. Com isso, tínhamos como propósito preparar o leitor para esta apresentação que será feita de uma visão nossa, particular, do CLG. Vale ressaltar que não temos a pretensão de fazer uma interpretação do CLG, até porque muitos já o fizeram e o fizeram muito bem. Nossa intenção é trazer presente alguns conceitos do CLG, estudá-los e compreendê-los para, então, compreendermos (a partir da relação desse capítulo com o capítulo três) como Benveniste os tomou em seu estudo da língua sob a perspectiva da Teoria da Enunciação. Nosso objetivo, portanto, é resgatar as origens do estudo de Benveniste. E isso deve conduzir a nossa leitura do CLG.

Para iniciar nossa reflexão sobre alguns conceitos importantes apresentados no CLG, começamos esse capítulo com uma citação da contracapa da edição 27 do CLG:

[...] O CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL, de Saussure, é um livro clássico, base dos estudos lingüísticos modernos. Nele foram definidos pela primeira vez alguns dos conceitos-chave em torno dos quais, malgrado sua multiplicidade e diversidade, giram as formulações da lingüística contemporânea [...] (CLG, 2006, p.27)

Dentre esses conceitos, apresentados pelo CLG, escolhemos alguns que, de acordo com o objetivo deste trabalho, julgamos mais relevantes. Trabalhamos com a definição do objeto da linguística; com a definição de língua, de fala e suas implicações; com a natureza do signo linguístico; com a imutabilidade e mutabilidade do signo; com o valor do signo linguístico.

### 2.3.1 O objeto da linguística

Estudos linguísticos propostos antes do CLG não tinham a preocupação em apresentar definições sobre elementos como língua e linguagem, tampouco tinham seu objeto de estudo bem definido. Como já dito na seção 2.1 deste capítulo, esse fato, dentre outros fatores, inquietava Saussure. O CLG trouxe muitas inovações à linguística, dentre elas a definição do objeto da linguística por meio da definição do que se entenderia por língua e por linguagem. Sabendo que uma das preocupações de Ferdinand de Saussure era tornar a linguística uma área científica, a definição de qual era seu objeto tornar-se-ia de fundamental importância. Ao interrogar-se sobre o que se faz no momento de descrever e refletir sobre uma língua, buscar um modo mais adequado de proceder é tomar uma posição epistemológica. Determinar que o objeto linguístico se cria a partir de um ponto de vista é assumir uma postura teórica muito importante.

No capítulo II da introdução do CLG, diz-se que a matéria da Linguística inicialmente é composta por todas as manifestações da linguagem humana, o que compreende todas as suas formas de expressão. Porém, como a linguagem escapa à observação, o linguista deverá levar em conta os textos escritos, pois através deles conhecem-se os idiomas antigos e distantes. Isso posto, define-se como tarefa da linguística, segundo o CLG (2006, p. 13):

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos culturais peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria.

Ao trabalhar com essa questão do objeto da linguística, o CLG começa por esclarecer a dificuldade em estabelecer esse objeto. Certamente é uma questão de extrema complexidade, visto que nenhuma outra ciência tem a mesma realidade que se tem em linguística: “Outras ciências trabalham com objetos dados previamente” (CLG, 2006, p. 15). No entanto, a linguística não. Ao se olhar uma palavra poder-se-á ter observadores diferentes que verão essa palavra de diversas formas, mostrando que não se pode tomar o objeto anterior à própria visão daquele que o observa. Portanto, é a forma como se observa a palavra que a define como objeto. Uma das premissas que iniciam o capítulo III da introdução do CLG é exatamente nessa direção: “[...] Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (CLG, 2006, p. 15). Se é “o ponto de vista

que cria o objeto”, primeiramente é preciso definir um ponto de vista. Para defini-lo, é necessário definir o que se entende por língua e por linguagem.

### **2.3.2 Língua e fala: uma dicotomia necessária, com implicações fundamentais**

Para iniciar essa reflexão, torna-se importante definir o que o CLG entende por linguagem e o que entende por língua. Segundo o CLG, a língua é uma parte da linguagem. É ao mesmo tempo um produto social e um conjunto de convenções, adotadas por uma comunidade de falantes. Dessa forma, a língua torna-se um princípio de classificação. Já a linguagem é “multiforme e heteróclita, [...] ela pertence ao domínio social e ao domínio individual, não se deixando classificar em nenhuma categoria de fatos humanos” (CLG, 2006, p. 17).

A língua é parte da linguagem, mas ao contrário da linguagem completa-se por si só, e por isso pode ser classificada por ela mesma. O CLG (2006, p. 17) define a língua como “um princípio de classificação” e para introduzir uma ordem natural “a um conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação” é preciso dar primeiro lugar para a língua dentre os fatos da linguagem. Quanto à importância de se estudar a língua em primeiro lugar, sendo que ela é parte constitutiva da linguagem, o CLG (2006, p. 18) apresenta a seguinte premissa:

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem.

A língua existe plenamente somente na coletividade. Nenhum indivíduo deposita, em si próprio, toda extensão da língua. Somente no todo dos indivíduos é que a língua se apresenta de modo completo. Segundo o CLG (2006, p. 21),

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

Faz-se importante reafirmar que no CLG tem-se a separação metodológica entre língua e fala. Considerando-se, pois, língua como algo que não constitui função do falante e fala, ao contrário, um ato individual de vontade do falante.

Ainda refletindo sobre a língua, mas agora trabalhando com suas características, temos a seguinte descrição: “a língua é uma conjunto bem definido; é a parte social da linguagem; a língua pode ser estudada; é homogênea, é um sistema de signos; a língua é um objeto de natureza concreta.”<sup>37</sup> A partir dessas características, o CLG mostra que Saussure descobre uma característica ainda mais importante: o fato de que “a língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto que a linguagem não o é” (CLG, 2006, p. 24). Por essa razão, Saussure opta por estudar a língua, como um sistema de signos organizados e relacionados entre si.

Ao dizer que “a língua constitui uma instituição social” (CLG, 2006, p. 24), percebe-se que é necessário entender, além disso, a sua natureza, pois ela se distingue de todas as outras instituições sociais. Para compreender essa distinção é preciso aceitar e compreender as características, citadas no parágrafo anterior, a ela (a língua) atribuídas.

Uma das reflexões trazidas por Saussure, evidenciada no CLG, é em relação ao fator histórico da língua. Segundo essa perspectiva, a língua deve ser vista como um “produto herdado de gerações anteriores”. Dessa forma, ao observar-se um estado de língua deve-se levar em consideração o fato de esse ser “produto de fatores históricos”. A partir dessa reflexão, Saussure conclui que “esses fatores explicam porque o signo é imutável” (CLG, 2006, p. 86).

Sendo assim, está se dizendo que não há mudanças na língua? Não, o CLG deixa claro que as mudanças ocorrem com o tempo, mas que não acontecem abruptamente e que muito menos dependem da vontade individual dos falantes. As mudanças precisam de um tempo para se integrarem ao uso corrente da língua, por uma comunidade linguística, e dessa forma se estabelecerem. Quanto a isso, temos a seguinte assertiva no CLG (2006, p. 86):

[...] Não se podem modificar, de um momento para outro, leis existentes e herdadas? Essa objeção nos leva a situar a língua em seu quadro social e formular a questão como a formularíamos para as outras instituições sociais. Como se transmitem as instituições? Eis a questão mais geral, que engloba a da imutabilidade. Cumpre, primeiramente, avaliar a maior ou menor liberdade de que desfrutam as outras instituições; ver-se-á que para cada uma delas existe um equilíbrio diferente entre a ação livre da sociedade.

Quanto a essa questão, Saussure acrescenta considerações mais específicas, que no título dessa seção tratamos como implicações fundamentais. A primeira delas é a questão do caráter arbitrário do signo, especificando que é esse caráter que “*defende*” a língua de qualquer tentativa de mudança. A segunda é a necessidade da existência de uma “multidão de

<sup>37</sup> Essas características foram resumidas da descrição contida nas páginas 22 e 23 do CLG.



signos” (CLG, 2006, p. 87) para constituir qualquer língua, não havendo, pois, necessidade de substituição de signos, visto que as línguas são compostas por uma quantidade inumerável de signos.

A terceira consideração feita é em relação à complexidade do sistema. Para poder modificar o sistema, é preciso compreender a sua complexidade, a qual é ignorada por aqueles que dele fazem uso. A quarta e última consideração é em relação à “resistência da inércia coletiva à toda renovação lingüística” (CLG, 2006, p. 88). Por pertencer a uma comunidade linguística, a língua pertence ao mesmo tempo ao individual e ao social, o que faz com que uma mudança, para ser estabelecida, seja aceita pela coletividade. Para dar fechamento a essa reflexão sobre a imutabilidade do signo, Saussure, no CLG (2006, p. 88), apresenta a seguinte ideia: “Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário”.

O tempo, na visão de Saussure, apresentada no CLG, constitui um paradoxo, pois é ele que assegura a continuidade da língua. Mas, ao mesmo tempo é por meio dele (o tempo) que a língua pode se alterar. Através desse elemento (o tempo) podemos pensar ao mesmo tempo na questão da imutabilidade e da mutabilidade do signo. Segundo o CLG (2006, p. 89),

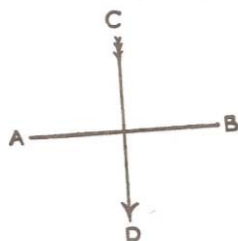
Em última análise, os dois fatos são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque se continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade.

Ao tratar da questão do tempo entra em jogo uma outra noção muito importante dentro dos conceitos desenvolvidos por Saussure, que é a questão do *valor*. Saussure compara a linguística à economia no que tange à questão do tempo, visto que para as duas esse fator é extremamente importante, pois ambas as ciências trabalham com a noção de valor: “nas duas ciências, trata-se de um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes: numa, um trabalho e um salário; noutra, um significado e um significante.” (CLG, 2006, p. 95). Tanto para a economia quanto para a linguística o tempo tem relação direta com o valor que os elementos (para a primeira ‘trabalho e salário’ e para a segunda ‘significado e significante’) adquirem por meio do tempo.

Segundo o CLG (2006), Saussure determina dois eixos nos quais se situam as coisas das quais todas as ciências, mas especialmente a linguística, deveriam se ocupar: o eixo da simultaneidade, no qual as intervenções do tempo são excluídas; e o eixo das sucessões, em que as coisas devem ser consideradas cada uma de uma vez, onde se situam todas as coisas do



primeiro eixo com suas devidas transformações. Vale ressaltar que esses eixos foram nomeados posteriormente, pelos estruturalistas, leitores de Saussure, por eixo do *paradigma* e eixo do *sintagma*. O eixo do paradigma é responsável pelas escolhas que os falantes fazem ao utilizar a língua. E o eixo do sintagma é responsável pela combinação dessas escolhas no próprio uso da língua. A figura proposta por Saussure (2006, p. 95) é a seguinte:



Nesse momento, Saussure (2006, p. 95) atribui uma característica à língua antes não apresentada: “[...] a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos.”. Portanto, é no fato linguístico que se determina a influência do tempo sobre a língua. Na perspectiva deste estudo, poderíamos pensar que o tempo é de fundamental importância, visto que ele influencia diretamente o uso da língua, ele agrega valor à língua. O sujeito, o tempo e o espaço determinam o modo como a língua é usada.

Dentre as considerações feitas por Saussure, trazidas pelo CLG, sobre a imutabilidade do signo, havia a questão da complexidade inerente à língua. Sobre essa complexidade e sua influência sobre o entendimento da língua, Saussure ao tratar da questão dos valores explica mais essa questão através da seguinte reflexão: “Acrescentamos ainda que quanto mais um sistema de valores seja complexo e rigorosamente organizado, tanto mais necessário se faz, devido à sua complexidade, estudá-lo sucessivamente segundo seus dois eixos. [...]” (CLG, 2006, p. 96). Ou seja, quanto mais organizado é um sistema linguístico, mais se vê a necessidade de estudá-lo de acordo com as escolhas feitas e com as combinações realizadas. Só assim, se tem a real dimensão da ideia de relação inerente ao processo de uso da língua.

Quanto à língua como um sistema de valores, o CLG apresenta a seguinte reflexão de Saussure (2006, p. 96):

[...] Sistema algum apresenta esse caráter tanto quanto a língua: em parte alguma se encontra igual precisão de valores em jogo, um número tão grande e uma diversidade tamanha de termos, numa dependência recíproca tão estrita. A multiplicidade dos signos, já invocada para explicar a continuidade da língua, nos impede absolutamente de estudar-lhe, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema.

A partir desse comentário, entendemos a razão pela qual a língua é um sistema tão complexo. Percebemos que a ideia de relação torna-se extremamente importante no tocante ao entendimento desse sistema de valores. Poderíamos pensar que o valor do signo resulta das relações estabelecidas entre as palavras (o tesouro de que fala Saussure) e a cadeia da fala, ou seja, as palavras no discurso. Temos aqui as relações estabelecidas no paradigma e as estabelecidas no sintagma.

Outra ideia importante que desencadeia dois conceitos importantes desenvolvidos no CLG é a apresentada no último período da referência direta a Saussure (2006, p. 96). Se a multiplicidade dos signos nos impede de estudar ao mesmo tempo as relações no tempo e no sistema, temos então dois tipos de estudos diferentes. Saussure afirma que, devido a esse fato, temos duas linguísticas diferentes: uma que se chamará de *linguística sincrônica*; e outra que receberá o nome de *linguística diacrônica*. A linguística sincrônica se relaciona com o aspecto estático da língua e a linguística diacrônica se relaciona com um estado de língua e com uma evolução.<sup>38</sup>

Algo que chama a atenção no CLG é o fato de que constantemente se renova e se amplia o conceito de língua. Ao tratar da questão dos valores, Saussure (2006, p. 95) apresenta a ideia de que “[...] a língua constitui um sistema de valores...”. Ao tratar da questão da sincronia e da diacronia, Saussure (2006, p. 102) apresenta a seguinte “definição” de língua: “A língua é um sistema do qual todas as partes podem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica”. Cabe ressaltar que a cada nova “definição” há uma ampliação do conceito de língua apresentado e esse fato comprova o que foi dito no início desta seção, de que no CLG os conceitos vão sendo formados ao longo de todo o texto e que é a totalidade que dá a real significação das partes.

Nesta última “definição” apresentada, vale ressaltar o uso do sintagma “solidariedade sincrônica”. Ao se pensar que “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (CLG, 2006, p. 102), novamente<sup>39</sup> temos a forte ideia da relação entre as partes desse todo chamado língua. A relação entre essas partes se faz de extrema importância, pois somente nessa relação é que a língua se efetiva.

Quanto à influência da diacronia e sincronia na língua, Saussure ressalta que os fatos sincrônicos se dão em uma certa regularidade, mas não apresentam caráter imperativo. Já os

---

<sup>38</sup> Saussure trata essas duas linguísticas como opostas, mas que ao mesmo tempo são necessárias, pois apresentam fenômenos referentes ao mesmo objeto e porque uma se constitui em oposição à outra. Esse entendimento se faz de extrema importância, para a leitura desses conceitos desenvolvidos no CLG.

<sup>39</sup> Novamente, porque já mencionamos anteriormente, nesta mesma seção, que a ideia de relação é um dos conceitos caros à teoria saussuriana. Portanto, neste momento, estamos apenas reiterando o que já foi dito anteriormente.

fatos diacrônicos são impostos à língua. Quanto à função de cada uma dessas linguísticas, Saussure (2006, p. 116) traz as seguintes atribuições:

A Linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva.

A Linguística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistemas entre si.

Anteriormente, falou-se em “estado de língua”, mas não houve uma definição clara do que se entende por isso. No CLG, Saussure (2006, p. 118) define um estado de língua como um espaço de tempo “durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima”.

Isso posto, partimos para a definição de uma das implicações anunciadas no título desta seção: o signo linguístico.

### 2.3.2.1 *O signo linguístico: uma entidade da língua*

Observamos, primeiramente, que no início do CLG temos a noção de “palavra” para exemplificar os diferentes pontos de vista que um observador, ou vários observadores podem ter ao observar essa “palavra”. De imediato, na sequência do texto, “palavra” vira “fenômeno linguístico” e entende-se por este último algo que “apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem” (CLG, 2006, p. 15). Essas duas faces nesse momento são o som e a articulação vocal que produz esse som. Mas o que é o som senão expressão do pensamento? Segundo o CLG (2006, p. 17), o som “não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo”. Dessa forma, percebemos que não é o som isoladamente que produz algo.

A partir dessa noção de que o som só existe enquanto expressão de um pensamento, percebe-se que, ao falar da face dupla do fenômeno linguístico, temos a união de um som “unidade complexa acústico-vocal” (CLG, 2006, p. 16) a uma ideia “unidade complexa, fisiológica e mental”. Portanto, o fenômeno linguístico somente se realiza por meio da união de um som com uma ideia, processo complexo e que provém da união de unidades complexas de diferentes naturezas.

Anteriormente dissemos que os “fenômenos linguísticos” (CLG, 2006, p. 15) apresentavam uma dupla face: uma imagem acústica associada a uma ideia. A partir desse conceito, Saussure define o signo linguístico. Temos no CLG (2006, p. 24) a seguinte definição: “a língua é um sistema de signos”.

Dessa forma, se a língua é um sistema de signos, temos a afirmação de que os signos se relacionam na constituição desse sistema. Dessas afirmações, temos conceitos fundamentais para a teoria de Saussure: a ideia da *dupla face do signo linguístico*; a de *sistema* e a de *relação*. Essas noções se relacionam de forma dependente e necessária, e nós vamos tratá-las com certa simultaneidade em função dos diálogos que queremos estabelecer entre esse capítulo e o próximo.

Ao falar da totalidade do signo, no CLG (2006, p. 139), temos a afirmação que “na língua só existem diferenças”. Essa afirmação diz respeito ao fato de Saussure mostrar que a ideia e o som que constituem o signo importam menos do que a relação que ele mantém com os demais signos com os quais está em relação. Segundo o CLG (2006, p. 139),

O que haja de idéia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação.

Se a língua é um sistema de signos que existem e que se modificam na relação que mantêm entre si, percebemos que é um sistema extremamente complexo, no qual cada parte tem um papel fundamental para a constituição do todo. Segundo o CLG (2006, p. 141, grifo do autor),

[...] Mas sendo a língua o que é, de qualquer lado que a abordaremos, não lhe encontraremos nada de simples; em toda parte e sempre, esse mesmo equilíbrio de termos complexos que se condicionam reciprocamente. Dito de outro modo, a *língua é uma forma e não uma substância* [...]

Em outro momento do texto, já falamos, sucintamente, no valor linguístico. Agora, cumpre explicar melhor essa questão. Utilizamos aqui a seguinte referência extraída do CLG (2006, p. 132):

Por sua vez, a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.

Desse comentário, cumpre destacar a questão da coletividade necessária à constituição dos valores linguísticos, pois ela representa a língua em uso. Ao se pensar no conceito de *valor*, corre-se o risco de confundir esse conceito com o de *significação*, o que, de certa forma, não deixa de ser correto. O *valor* em seu aspecto conceitual é um elemento da

*significação*. Isso se explica, pois a *significação* diz respeito à ideia relacionada a uma imagem acústica, enquanto que o *valor* se dá somente na relação que os signos estabelecem entre si no uso da língua. Segundo o CLG (2006, p. 135),

Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; língua há em que é impossível dizer “sentar-se ao sol”.

No CLG, há três capítulos (II, III e IV da segunda parte) destinados ao trabalho com o termo *valor*. Nesses capítulos, tem-se um discurso de persuasão o qual visa a fazer admitir, no que tange às unidades da língua, a equivalência *signos, relações, valores e diferenças*.

Ao iniciar o capítulo IV da segunda parte destinado a falar sobre essa questão, temos, no CLG, o seguinte subtítulo: “A língua como pensamento organizado na matéria fônica”, sem dúvida, podemos iniciar nossa reflexão pensando nesse subtítulo. Destaca-se a afirmação de que a língua está sendo comparada a um pensamento organizado que se traduz pela matéria fônica. Mas o que isso significa? Saussure, no CLG (2006, p. 130), afirma que: “para compreender por que a língua não pode ser senão um sistema de valores puros, basta considerar os dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento: as idéias e os sons”. A partir disso, é possível perceber que a língua tem o papel de organizar o pensamento, as ideias, e “traduzi-las” em sons, para que então ele (o pensamento) possa ser convertido em sons, ou seja, seu papel é fundamental na vida do ser humano em sociedade. Quanto a isso, temos a seguinte afirmação:

Poder-se-ia chamar à língua o domínio das articulações, tomando esta palavra no sentido definido na p. 18: cada termo lingüístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma idéia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma idéia (CLG, 2006, p.131).

Sem a língua o nosso pensamento não passa de abstrações indistintas, de ideias desconexas. No entanto, vale ressaltar que a língua não tem o papel de simplesmente “traduzir” o pensamento em sons. No CLG (2006, p. 80), encontramos que o que o signo une não é uma coisa e uma palavra, “mas um conceito e uma imagem acústica”, entendida aqui não como um som material, mas a “impressão psíquica desse som”. Daí tratarmos – a partir de então – de imagem acústica. No CLG, ainda encontramos a observação de que as palavras da língua “são para nós imagens acústicas”. Assim podemos tomar o signo como uma entidade de duas faces: conceito e imagem acústica. É na relação (arbitrária) entre essas duas faces que temos o signo lingüístico.

Ao refletir sobre o signo linguístico, trazemos presente uma outra reflexão importante, que são as duas características do signo, tratadas no *Cours* como princípios. O primeiro princípio do signo é a questão da arbitrariedade. A relação entre o significante e o significado é arbitrária e, portanto, todo o signo linguístico é arbitrário. Essa arbitrariedade do signo é uma (pré) condição para a significação. Essa reflexão se torna importante nesse momento, porque sem ela a noção de valor não teria mais o mesmo significado.

O segundo princípio do signo diz respeito ao caráter linear do significante, nesse sentido, o CLG ressalta ser uma característica tão importante quando a questão da arbitrariedade, visto que todo mecanismo da língua depende dessa característica, pois sendo o significante de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo e caracteriza-se por ele da seguinte forma: “a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha.*” (CLG, 2006, p. 84). Saussure, no CLG, afirma que parece simplista demais enunciar esse princípio do significante, porém demonstra que não o é no sentido de que em se tratando de significantes acústicos eles dispõem apenas dessa linearidade no tempo, apresentando elementos que se mostram um após os outros, “formando uma cadeia”. Dessa forma, esse princípio da linearidade é de igual forma (se comparado ao anterior, o da arbitrariedade) relevante.

Por meio da noção de arbitrariedade, chega-se à reflexão de que o fato social por si só é capaz de construir um sistema linguístico. A coletividade é fator necessário para estabelecer os valores de uma língua, que tem razão de existir baseada no uso e no consenso geral. Pensando na noção de valor, vê-se que não se pode apenas considerar a relação entre um som e uma ideia, é preciso vê-lo dentro de um sistema e em relação, pois o valor do signo somente se dá na relação que ele mantém com os demais signos da língua, no seu uso efetivo. Portanto, o valor se relaciona diretamente com a forma como se dá o uso do sistema linguístico, e por isso a afirmação de que ele somente se dá na coletividade.

Ao tratar do que comumente se entende por valor de uma palavra, Saussure reflete sobre o fato de que geralmente se associa valor com a ideia que a palavra representa, mas esse é apenas um aspecto do valor. Se pensássemos somente nesse aspecto, diríamos que o valor seria sinônimo de significação. Segundo a reflexão promovida por Saussure (2006, p. 133), não podemos tomá-las por sinônimos, visto que “o valor, tomado em seu aspecto conceitual constitui, sem dúvida, um elemento da significação [...]”. O valor sempre é constituído por princípios paradoxais. Os valores se constituem por: a) “uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar” e b) “por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa”. (CLG, 2006, p. 134). Visto desse

modo, percebe-se que o valor é algo diferente da significação, uma vez que o primeiro diz respeito diretamente ao uso da língua. Portanto, os termos ganham diferentes valores, dependendo do uso que se faz do sistema linguístico. Assim, percebe-se que a significação pertence ao nível do signo em si e que o valor diz respeito ao uso que se faz desse signo.

Para a compreensão do que é o valor de um termo, é preciso levar em conta que o determinamos pela relação dele com os outros termos do sistema, e esse valor se estende também às entidades gramaticais. Para tanto há a seguinte afirmação,

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (CLG, 2006, p. 136).

Partindo dessa reflexão, percebe-se que a significação de um termo somente se dá em virtude do valor que esse termo apresenta. E esse valor se determina somente na relação dele com outros termos do sistema. Desse modo, “*Arbitrário e diferencial* são duas qualidades correlativas” (CLG, 2006, p. 137). Quanto ao valor linguístico, podemos refletir que ele não está na materialidade do som que o representa. Mas sim, “pelos diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (CLG, 2006, p. 138). O som, portanto, é apenas um suporte para a língua, no sentido que ele se relaciona com uma ideia a qual somente ganha seu valor no uso efetivo da língua.

Ao tratar do signo na sua totalidade, Saussure (2006, p. 139) conclui que “na língua só existem diferenças”, pois é pelas diferenças que o sistema linguístico se compõe, ativando um sistema de valores que lhe é inerente.

A partir dessas questões abordadas, trazemos uma outra de extrema importância: as relações entre os signos. No capítulo V, da segunda parte, no CLG há uma reflexão de Saussure sobre as relações existentes na língua. O *Cours* divide essas relações em: relações sintagmáticas e relações associativas. Quanto às relações sintagmáticas, pode-se dizer que estão no nível do discurso e que representam as relações que os termos estabelecem entre si, levando em conta o caráter linear da língua. Quanto às relações associativas, elas se dão fora do discurso. As relações associativas se dão na memória entre palavras que oferecem algo de comum entre si. Segundo o CLG, (2006, p. 143),



A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.

Desse duplo ponto de vista, uma unidade lingüística é comparável a uma parte determinada de um edifício, uma coluna, por exemplo; a coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; essa disposição de duas unidades igualmente presentes no espaço faz pensar na relação sintagmática; de um lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jônica, coríntia etc.), que são elementos não presentes no espaço: a relação é associativa.

A partir desses conceitos, para se estudar a vida dos signos, os quais constituem a língua, que é um produto social, é preciso conceber uma ciência que cumpra com esse papel. No CLG, mostra-se que Saussure, em seus Cursos, apresentou reflexões sobre essa ciência a qual seria nomeada de Semiologia. Quanto à sua tarefa, o CLG acrescenta: “Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem; como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão.” (CLG, 2006, p. 24). Sob a luz da definição dessa ciência, que serviria para estudar “a vida dos signos no seio da vida social” (CLG, 2006, p. 24), percebemos a sua importância para a descoberta da verdadeira natureza da língua.

A seguir, na próxima seção, apresentamos algumas considerações (nossas) da leitura feita do CLG.

## 2.4 CONSIDERAÇÕES (NOSSAS) SOBRE A LEITURA DO CLG

Ao longo da leitura do CLG, percebemos e estamos tentando demonstrar que os conceitos vão evoluindo ao longo de toda a obra. Observando a conceituação da natureza do signo lingüístico, perceberemos que ela evoluiu da ideia de dupla face do fenômeno lingüístico apresentada no capítulo II da introdução do CLG.

No capítulo I, da primeira parte, ao tratar da Natureza do signo Lingüístico, apresenta-se a reflexão saussuriana de que para certas pessoas a língua é reduzida a uma nomenclatura, um mecanismo de nomeação e listagem de termos. No entanto, Saussure propõe uma visão diferente sobre a língua, pensando na complexidade de sua natureza e, por conseguinte, nas características que dela emanam.

Todavia, da visão simplista, apresentada por algumas pessoas, fica algo que, segundo o CLG (2006, p. 79) “aproxima-se da verdade”, pois, por meio dessa visão, podemos pensar na unidade lingüística como uma “coisa dupla” (2006, p. 79), pois se constitui pela união de dois termos: um conceito e uma imagem acústica. Em momento anterior do texto,



mencionamos que para Saussure, no CLG, a língua é um sistema de signos<sup>40</sup>. O que mostra que essa visão é bem diferente da observada no senso comum. A partir disso, é preciso que observemos como Saussure trabalha com a questão da natureza do signo linguístico, já que é ele, o signo, que constitui o sistema, o qual constitui a língua. Quanto à natureza do signo, destaca-se o seguinte trecho do CLG (2006, p. 80):

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas sim um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.

Logo, o signo linguístico constitui-se por duas faces que o tornam uma entidade psíquica. Ao trazer esse comentário percebe-se que nele tem-se a configuração e definição do conceito prévio de significante e significado que constituem o signo linguístico. Prévio, pois, mais adiante, no CLG, é que se explicita, nesses termos, a definição de signo: “Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*.” (CLG, 2006, p. 81) Retomando o circuito da fala, apresentado em momento anterior, no CLG, nota-se que o falante ao ouvir uma palavra, na verdade tem a impressão dessa imagem acústica, mas que essa impressão somente se completa ao ser associada a um conceito, o qual somente pode se completar ao recorrer a uma língua específica e compartilhada pelos dois falantes. Quanto a isso, o CLG (2006, p. 81) acrescenta:

[...] Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*arbor* etc.). Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore”, de tal maneira que a idéia da parte sensorial implica a do total.

Ao definir o signo como sendo composto por duas faces (significante e significado) que se unem para configurar esse elemento linguístico, o CLG mostra que a relação entre essas duas faces é arbitrária. Considerando que é a união entre significante e significado que forma o signo, percebe-se que o próprio signo linguístico é arbitrário. A arbitrariedade dá-se no sentido de que a ideia relacionada à imagem acústica não está diretamente ligada à

---

<sup>40</sup> Cabe ressaltar que a expressão “senso comum” diz respeito à visão apresentada pela maioria das pessoas, que não tem conhecimentos específicos da área da Linguística.

sequência de sons que a determina. Essa sequência de sons é imposta pela língua, enquanto sistema, e, por isso, é uma relação arbitrária. Quanto a isso, no CLG (2006, p. 82-83) tem-se a seguinte reflexão:

[...] Com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção. [...] A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...] queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

No capítulo destinado a tratar da natureza do signo linguístico, o CLG reitera a apresentação da Semiologia como uma nova ciência, da qual a linguística faz parte, e lhe acrescenta uma nova atribuição:

[...] quando a Semiologia estiver organizada, deverá averiguar se os modos de expressão que se baseiam em signos inteiramente naturais – como a pantomina – lhe pertencem de direitos. Supondo que a Semiologia os acolha, seu principal objetivo não deixará de ser o conjunto de sistemas baseados na arbitrariedade do signo, (CLG, 2006, p. 82).

Há, novamente nesse trecho, uma previsão de um novo campo de estudos, ainda não explorado por Saussure, mas que por ele foi inaugurado. Essas descobertas e previsões contribuem para fazer do CLG uma obra inspiradora a muitos campos de estudo.

Ao tratar da questão da imutabilidade e mutabilidade do signo, no CLG (2006, p. 85) tem-se a seguinte reflexão “Se, com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega não é livre: é imposto.” Isso significa dizer que há a possibilidade de associação de várias ideias a um mesmo significante, mas que a escolha desse significante deve ser feita a partir do sistema linguístico. Portanto, as formas de uso da língua dão ao significante, significados diferentes. Dessa forma, percebemos que isso depende do momento e da situação em que determinado falante usa a língua, pois se assim não o fosse a língua estaria condenada a ser reduzida a uma mera nomenclatura.

No capítulo IV da introdução do CLG, Saussure (2006, p. 26) compara a língua a uma sinfonia, “cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade”. Podemos entender que os erros possíveis de ser cometidos no uso da língua não a comprometem enquanto sistema que é.

E por falar em uso da língua, voltamos ao Curso (2006, p. 16) que destaca: “a cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução”. A cada fenômeno linguístico novo há uma evolução do sistema linguístico estabelecido em uma comunidade de falantes. Dessa forma, percebe-se que a linguagem é ao mesmo tempo individual e social. Individual no sentido de que o som é um ato individual e social, no sentido de que a ideia associada a esse som somente pode ser representada em virtude de uma língua, a qual é um produto social.

Ao tomarmos reflexão de “produto social” não há como não associar ao conceito de fala e às relações que cada elemento da língua, numa cadeia de fala, representa perante seus vizinhos da mesma cadeia de fala. Em relação ao circuito da fala, percebe-se que a faculdade da associação e de coordenação somente se dá no momento em que os signos não estão isolados. A questão da relação faz com que se pense a língua como um sistema de signos que se relacionam entre si.

Apesar de não se dedicar ao estudo da fala, Saussure apresentado no CLG, não deixa de registrar sua importância para o estudo da linguagem. Ainda no capítulo IV, da introdução do CLG, diz-se que o estudo da linguagem abarca duas partes: uma, chamada essencial, a qual tem por objeto língua; e outra secundária, que tem por objeto a parte individual da linguagem, que é a fala. Ao dizer que “é a fala que faz evoluir a língua”, Saussure (2006, p. 27) mostra a importância da fala para a língua, apesar de optar por dedicar-se ao estudo desta última. Quanto à necessidade de se fazer essa opção, o CLG (2006, p. 28) apresenta a seguinte afirmação:

[...] seria ilusório reunir, sob o mesmo ponto de vista, a língua e a fala. O conjunto global da linguagem é incognoscível, já que não é homogêneo, ao passo que a diferenciação e subordinação propostas esclarecem tudo.

[...] Cumpre escolher entre dois domínios impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente.

A partir do desenvolvido até então, encerramos este capítulo, sabendo que muito ainda havia por se estudar em relação a essa obra tão complexa e singular e também que outra leitura poderia ter sido feita. Ao que nos parece, essa que apresentamos é possível e relevante para o que propusemos no início deste trabalho. Compreendemos, também, que recortes são importantes e nem sempre eles são os melhores. Mas, neste momento de nossa formação, esses foram os imprescindíveis.

No próximo capítulo, faremos um percurso semelhante com outro estudioso da linguagem humana, que toma como ponto de partida Saussure. Trabalharemos com a vida e a

parte da obra de Émile Benveniste, buscando compreender a relação desse autor com os estudos que desenvolveu sobre língua/linguagem.

### 3. BENVENISTE, UM NOVO DOMÍNIO: O DA ENUNCIACÃO

*[...] pois o que interessa a Benveniste não é, como para Meillet, a relação da língua com a história e com a estrutura social, a pesquisa de causalidade entre essas duas ordens, mas sim, a maneira pela qual as estruturas de uma língua produzem sentido; e essa propriedade significativa fica sempre associada por ele à presença do sujeito que se comunica com outros sujeitos, em uma interrelação permitida, suscitada, pela língua.<sup>41</sup>*

*Claudine Normand*

Ao iniciar este novo capítulo, torna-se importante reafirmar que, nesta pesquisa, nos propomos fazer uma reflexão teórica que aborda conceitos tratados nos Cursos ministrados por Ferdinand de Saussure que, compilados e editados por seus alunos e colaboradores, resultaram na obra póstuma o “Curso de Lingüística Geral”. Como dito na introdução desta dissertação, os estudos de Émile Benveniste, sobre a enunciação, nos chegaram como amparo teórico para os estudos da língua em uso. Ao estudá-lo, percebemos que deveríamos voltar a suas principais origens: Saussure. Neste terceiro capítulo, fazemos um percurso semelhante ao primeiro, mas agora destacando o autor Émile Benveniste, que no decorrer do trabalho se justifica em estar protagonizando as reflexões que passamos a fazer.

Construímos um segundo capítulo destinado à leitura de Saussure, e no presente capítulo, propomos fazer uma leitura sobre as reflexões de Émile Benveniste, acerca de questões enunciativas. Dessa forma, o tema específico deste capítulo é a abordagem de aspectos da vida e especialmente da obra<sup>42</sup> de Émile Benveniste, os quais foram importantes para a nossa pesquisa, no sentido de que serviram como embasamento teórico.

Entre tantos autores que desenvolveram reflexões sobre a língua e seu funcionamento, escolhemos Émile Benveniste devido à sua importância dentro dos estudos linguísticos, e principalmente dentro do campo da linguística da enunciação. Além disso, Benveniste é um linguista que ultrapassou<sup>43</sup> os estudos de Ferdinand de Saussure, não os superando, mas dando continuidade a esses estudos numa perspectiva enunciativa.

Para desenvolver este capítulo, elegemos o seguinte percurso: a) no item 3.1 apresentamos aspectos da vida de Émile Benveniste, ressaltando algumas informações

<sup>41</sup> Citação encontrada na página 148, do artigo intitulado “Interior/exterior: função de uma metáfora”, lido na obra “Convite à Linguística”, edição 2009. Texto originalmente publicado em *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 50, 1997.

<sup>42</sup> Faz-se necessário esclarecer que neste estudo nos deteremos em parte da obra benvenistiana, mais especificamente nos Problemas de Lingüística Geral I e Problemas de Lingüística Geral II. Dentro disso, ainda faremos um recorte, pois estudaremos, embora a leitura integral da obra torne-se fundamental, apenas alguns artigos nessas obras publicados, os quais se destinam a refletir sobre questões enunciativas.

<sup>43</sup> No decorrer do capítulo e deste estudo, esclareceremos que sentido atribuímos ao termo “ultrapassou”.

importantes que influenciaram direta e indiretamente em suas reflexões teóricas acerca do funcionamento da língua; b) no item 3.2 refletimos sobre o “Problema de Linguística Geral I” e o “Problema de Linguística Geral II” (de agora em diante PLG-I e PLG-II respectivamente), reafirmando a importância dessa obra para os estudos linguísticos; e c) no item 3.3, trabalhamos com algumas reflexões, tais como as reflexões sobre o objeto da linguística; sobre língua e linguagem e sobre enunciação, apresentadas em alguns artigos presentes nas obras PLG-I e PLG-II que, nesta pesquisa, se mostraram fundamentais. A partir dessa organização, construímos o terceiro capítulo deste trabalho.

### 3.1 BENVENISTE: O FRANCÊS NATURALIZADO

Ezra Benveniste nasceu em Alep, Síria, em 1902. Em 1924 foi naturalizado francês e trocou seu nome para Émile. Em 1913, chegou em Paris onde passou a frequentar a École Rabbinique de France. Benveniste, em 1918, assistiu a um curso ministrado por Antoine Meillet, o qual foi discípulo de Saussure. Dessa forma, Benveniste assumiu uma formação linguística, seguindo também as reflexões saussurianas. Em 1935, publicou a obra *Origine de la formation des noms em indo-européen*. Segundo Claudine Normand (2009a, p. 173-174),

Benveniste, aluno de Meillet, foi formado na análise das formas linguísticas, na Gramática Comparada e na Linguística Histórica; seus primeiros trabalhos, tratando de línguas indo-europeias, associam descrições gramaticais e hipóteses teóricas sobre traços de estrutura.

No ano de 1937, tornou-se professor no *Collège de France*. Onze anos mais tarde, no ano de 1948, Benveniste publicou *Noms d’agent et noms d’action in indo-européen*. Émile Benveniste foi um comparatista de numerosas línguas antigas e modernas. Apesar disso, o autor só conseguiu que suas teses circulassem entre os linguistas após a publicação de *Problèmes de linguistique générale* em 1966.

A perspectiva enunciativa adotada por Émile Benveniste atraía “o interesse de filósofos e psicanalistas; como foi o caso de Lacan, que em 1956, solicitou a Benveniste sua colaboração no primeiro número da revista *La psychanalyse*.”<sup>44</sup> (“Dicionário de Linguística da Enunciação”, 2009, p. 243). Em 1965, Benveniste publicou na revista *Diógenes* um artigo no qual ele trabalha com as relações entre temporalidade e subjetividade, fazendo, dessa

---

<sup>44</sup> Como explicam Valdir do Nascimento Flores e Magali Lopes Endruweit, no “Dicionário de Linguística da Enunciação”, ao tratar da biografia de Émile Benveniste.

forma, alguma referência ao texto de 1948. Benveniste publicou em 1969 *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Segundo Claudine Normand (2009a, p. 146):

Aluno e protegido de Meillet, admirador de Saussure e desejoso em desenvolver sua visão da língua, Benveniste insiste na necessidade de não se limitar ao visível (a exterioridade observável) e de fazer das hipóteses sobre as estruturas, o interno. Seu projeto explícito é o de “ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante”, o que o leva a tomar posição tanto sobre a ligação forma-sentido quanto sobre o referente.”

Com a publicação de um artigo sobre a enunciação na revista de linguística *Langages*, em 1970, as posições defendidas por Saussure ganham uma ascensão importante. Em 1974, publicou *Problèmes de linguistique générale II*, última publicação do autor. Émile Benveniste faleceu no ano de 1976.

A partir dessas informações acerca da vida e obra de Émile Benveniste, abrimos uma nova seção na qual apresentaremos Benveniste como o linguista da enunciação e na qual trataremos, especificamente, das obras “Problemas de Linguística Geral I e Problemas de Linguística Geral II”, particularizando alguns textos que nos são caros para este estudo.

### 3.1.2 O linguista da enunciação

Muitas perspectivas teóricas, desenvolvidas por diferentes autores, inscrevem-se no campo denominado linguística da enunciação, como, por exemplo, Charles Bally, Roman Jakobson, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Oswald Ducrot, Jacqueline Authier Revuz, entre outros, fazendo parte desse campo de estudo por promoverem uma linguística com vistas às relações entre linguagem em uso e sujeito. Quanto a isso, Barbisan e Flores (2009, p. 5) afirmam que “Alguns princípios permitem que se atribua parentesco às diversas teorias enunciativas. Eles estão vinculados, principalmente, aos conceitos saussurianos de *relação*, de *língua* e *fala* e à importância da prioridade da ordem linguística.” Dessa forma, percebemos que as teorias enunciativas partem de princípios saussurianos<sup>45</sup>, mas cada uma delas cria uma perspectiva diferente sobre a língua.

Sendo assim, admite-se um campo do saber denominado *linguística da enunciação* que conta com diferentes teorias vinculadas a mesmos princípios, porém diversas em suas manifestações. Como melhor explicam Flores e Teixeira (2005, p. 8) ao escrever:

---

<sup>45</sup> Isso justifica mais uma vez nosso segundo capítulo.

Em suma, falamos em *teorias da enunciação* (no plural) e em *lingüística da enunciação* (no singular) para salientar o fato de que se, por um lado, existe uma diversidade que permite considerarmos mais de uma teoria da enunciação, por outro lado, verificamos que há traços comuns a todas as perspectivas. Em outras palavras, acreditamos na unicidade referencial da expressão *lingüística da enunciação*. No entanto, isso não deve levar a crer que procedemos a uma planificação das teorias com a finalidade de alcançar o objetivo de unificá-las em um campo de saber.

Portanto, as teorias da enunciação são diversas em suas manifestações, são heterogêneas, mas ao mesmo tempo se unificam no sentido de que todas as diversas abordagens procuram examinar a relação que o sujeito estabelece com a linguagem. Segundo Flores e Teixeira (2008, p. 29), Benveniste é:

[...] considerado o lingüista da enunciação e conseqüentemente o principal representante do que se convencionou chamar *teoria da enunciação*. [...] Émile Benveniste talvez seja o primeiro lingüista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação.

Muitos conceitos estão evolidos quando seus estudiosos (ou não) dizem que Benveniste desenvolveu um modelo de análise da língua voltado à enunciação. Dedicaremos, na próxima seção, um espaço para falar especificamente sobre esses conceitos, no intuito de entender como Benveniste desenvolve-os. Por ora, são feitas apenas algumas considerações. Segundo Adriana Pozzani de La Vielle e Silva (2009, p. 3), Benveniste é:

[...] Considerado por abordar os modos pelos quais o homem faz-se presente na língua, Benveniste considera que esta, ainda que alguém a fabrique sozinho, só existe se houver, no mínimo, dois falantes que a possam usar como nativos. Uma língua é um consenso coletivo, ponte entre o homem e o mundo. Ao falar, o homem irrepitivelmente “reinventa” a cada instante a língua: cada ato enunciativo é único, e mesmo dizer “bom-dia” diariamente a alguém implica reinvenção, uma vez que são sempre irrepitíveis as condições de pessoa-espaço-tempo.

Ao dizer que Benveniste vê a língua sob outro prisma, visto que considera o papel do sujeito na língua, corre-se o risco de interpretar que Benveniste estaria fazendo uma teoria do sujeito, o que não é verdade, visto que o que Benveniste estuda são as marcas linguísticas deixadas no enunciado pelo locutor que evidencia a subjetividade do sujeito. Quanto à diferenciação entre sujeito e homem, termos muitas vezes interpretados erroneamente como sinônimos, Adriana Pozzani de La Vielle e Silva (2009, p. 5), escreve:



[...] Ora, o foco em Benveniste é a questão da (inter) subjetividade, com o que ele desloca o estudo da imanência para o do uso da língua. Benveniste faz-nos, assim, o convite para uma travessia: das paisagens do antropológico (homem) às do linguístico (sujeito), imbricadas no ato de enunciar, porém não intercambiáveis na análise e descrição deste (o sujeito é a condição formal, linguística, do homem na linguagem; no entanto, sujeito e homem remetem as duas ordens distintas, o que interdita qualquer interpretação psicologizante, bastante equivocada, dessa noção. O sujeito em Benveniste não pode ser pensado enquanto qualquer tipo que seja de “substrato pensante”; ele é linguístico) [...].

Importante aspecto a ser ressaltado é o fato de que assim como Ferdinand de Saussure não utilizou o termo estruturalismo em seus estudos, foram os seus leitores que o denominaram fundador do Estruturalismo<sup>46</sup>, Benveniste também não explicitou ter criado uma Teoria da Enunciação, seus leitores assim o definiram. Quanto a isso, Flores et al.<sup>47</sup> (2008a, p. 10) comentam:

Sobre a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, cabe lembrar que ela foi lida pela Lingüística brasileira de maneira singular. No final da década de 1970, surgem no Brasil numerosas publicações que recorrem, direta ou indiretamente, ao nome de Benveniste. Os autores vêem em Benveniste a possibilidade de abordar aspectos referentes à subjetividade na linguagem. Para tanto, recorrem, em especial, aos estudos do verbo e dos pronomes, ambos constantes em textos clássicos do lingüista.

No parágrafo anterior, relacionamos o que teria dito Saussure e o que seus leitores teriam compreendido, dando a ele a autoria do Estruturalismo. O mesmo ocorre com Benveniste no que respeita à problemática do sujeito e à Teoria da Enunciação. Quanto a isso, Flores et al. (2008a, p.15) afirmam que:

Agora, é mister fazer um pequeno recorte para apresentar ao leitor alguns fundamentos das reflexões enunciativas. Situado o pensamento saussuriano como um divisor de águas no estabelecimento de uma Lingüística da Enunciação não só é tributária do sistema saussuriano – mesmo que não se encerre nele – como somente pode ser defendida em sua relação com ele.

Embora no CLG apresente-se um pensamento saussuriano que opta pelo estudo da língua, em momento algum do Curso observa-se uma depreciação da importância da fala. Como dito no capítulo I, Saussure se consagrou como “pai da linguística” em grande parte por seus pensamentos abrirem margem para estudos posteriores.

<sup>46</sup> Observa-se que essa questão já foi abordada no capítulo anterior.

<sup>47</sup> A obra aqui citada intitula-se “Enunciação e Gramática”, foi publicada em 2008 e organizada por Valdir do Nascimento Flores, Silvana Silva, Sônia Lichtenberg e Thaís Weigert.

O campo da Linguística da Enunciação apresenta diversas perspectivas que traduzem o pensamento de diferentes autores, uma vez que esse campo de que tratamos é vasto e diferenciado em suas manifestações. Diferentes estudiosos, leitores de teorias enunciativas, promovem diversas divisões desse campo de estudo. Tomamos a divisão feita por Flores et al. (2008a). Segundo esses autores, a Linguística da Enunciação pode ser dividida em dois grupos “segundo o critério da existência, ou não, da formulação de um modelo de análise da enunciação” (FLORES et al. 2008a, p. 30). Portanto, se dividem entre: a) os que desenvolveram um modelo de análise; e b) os que não desenvolveram.

Benveniste se enquadra no grupo dos autores “cuja reflexão é voltada à enunciação, mas que não formularam um modelo de análise” (Flores et al. 2008a, p. 30). Benveniste difere-se de autores como Oswald Ducrot, por exemplo, o qual elabora modelos de análise usando uma metodologia bem específica e bem determinada, o que se pode observar na última versão da Teoria da Argumentação na Língua, com o estudo dos Blocos Semânticos. Benveniste apresenta reflexões sobre a língua, mas não elabora modelos de análise mais específicos.

Para refletir mais detidamente acerca dos PLG-I e PLG-II, parte da obra de Émile Benveniste, escolhida para nosso estudo, torna-se necessário abrir uma nova seção.

### 3.3. “PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL I E II”: UMA APRESENTAÇÃO

Nesta nova seção, propomos uma apresentação de alguns aspectos das obras “Problemas de Lingüística Geral I e II”, no intuito de entender a importância dessas para os estudos linguísticos.

Os “Problemas de Lingüística Geral I e II” são obras que trazem uma compilação de vários artigos produzidos ao longo da carreira de Émile Benveniste. São artigos que tratam de diferentes temas dentro de uma divisão que se mantém nas duas obras. Em ambas, os artigos estão divididos do seguinte modo: primeira parte – transformações da linguística; segunda parte – a comunicação; terceira parte – estruturas e análises; quarta parte – funções sintáticas; quinta parte – o homem na língua; e sexta parte – léxico e cultura. Segundo Claudine Normand (2009a, p. 174),

Nos estudos que foram reunidos nos dois volumes de *Problemas de lingüística geral*, e mais especificamente em cada volume, a 3ª e 4ª partes (“Estruturas e análises” e “Funções sintáticas”), lembram-nos que ele parte com bastante frequência de dados indo-europeus. De fato, ele jamais viu ruptura entre o comparatismo e a lingüística estrutural; entre outras razões, é isso o que lhe dá um lugar particular no estruturalismo. Naquilo que engloba sob o termo *Lingüística geral*, ele continua descrevendo o funcionamento de formas lingüísticas, procura destacar estruturas comuns de línguas diferentes e, sobretudo – nisso ele é precisamente saussuriano –, este estudo das formas tem o papel de esclarecer seus sentidos.

Ao falar das obras PLG-I e PLG-II, faz-se necessário ressaltar que o primeiro volume foi organizado pelo próprio Benveniste com a colaboração de P. Verstraetem e N. Ruwet, a quem Benveniste agradece no prefácio do primeiro volume dizendo: “P. Verstraetem e N. Ruwet desejaram que se publicasse esta compilação. Agradeço-lhes aqui por me haverem generosamente ajudado a organizá-la”. Já quanto ao volume II, tem-se uma compilação feita por M. DJ. Moïnfar e M. Lejeune sob a supervisão de Émile Benveniste.

Algo que chama a atenção ao observar essas duas obras é a escolha do título “Problemas de lingüística geral” e para explicar essa escolha lexical o próprio Benveniste (2005, p. 1) explica no prefácio ao primeiro volume,

[...] Se os apresentamos sob a denominação de problemas isso se deve ao fato de trazerem em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema de linguagem, que se formula nos principais temas tratados: encaram-se as relações entre o biológico e o cultural, entre a subjetividade e a socialidade, entre o signo e o objeto, entre o símbolo e o pensamento, e também os problemas da análise intralingüística. [...]

Sendo assim, a nomeação de “problemas” se deve ao fato de que em cada um dos artigos podemos encontrar reflexões importantes acerca de questões complexas referentes à linguagem. Nos artigos reunidos em PLG-I e PLG-II, Benveniste trabalha com questões importantes para aqueles que se interessam pela linguagem. Segundo comenta Barthes<sup>48</sup> (2004, p. 208), em uma resenha feita pela ocasião do lançamento dos PLG -I e II, ao se referir à obra:

Tudo isso forma o balanço de um saber impecável, responde com clareza e força às questões de fato que todos aqueles que têm algum interesse pela linguagem podem propor-se. Mas isso não é tudo. Esse livro não satisfaz apenas a uma demanda atual da cultura: vai à frente, forma-a, dirige-a. Em resumo, não é apenas um livro indispensável; é também um livro importante, inesperado: é um belíssimo livro.

<sup>48</sup> Em resenha publicada na obra “O rumor da língua”.

Percebe-se, assim, que tanto para a linguística quanto para outras ciências, tais como a filosofia os PLG I e II são relevantes. Em virtude disso, não podemos limitar os estudos de Émile Benveniste aos que dizem respeito à questão enunciativa, visto que sua obra não se restringe a isso<sup>49</sup>. No entanto, embora Benveniste não tenha pensado em produzir uma teoria enunciativa, seus estudos são muito significativos nesse sentido, pois criam um outro domínio, o do *discurso*, e por isso pode-se nomeá-lo de tal forma. Quanto ao que Benveniste traz de novo à linguística, Barthes (2004, p. 209) acrescenta:

Benveniste – e aí está o seu êxito – toma a linguagem nesse nível decisivo em que, sem deixar de ser plenamente linguagem, recolhe tudo aquilo que estávamos habituados a considerar exterior ou anterior a ela. Vejam três contribuições das mais importantes: uma sobre a voz média dos verbos indo-europeus, a segunda sobre a estrutura os pronomes pessoais, a terceira sobre o sistema dos tempos em francês; as três tratam diversamente de uma noção capital em psicologia: a de pessoa. Ora, Benveniste consegue, magistralmente, *arraigar* essa noção numa descrição puramente lingüística.

Novamente, reitera-se que Benveniste é um autor extremamente importante, visto que ao mesmo tempo em que trata de questões antes consideradas extralingüísticas, ele o faz sob uma descrição estritamente lingüística. Quanto à maneira como Benveniste consegue inserir nos estudos lingüísticos a questão do sujeito, numa descrição estritamente lingüística, Barthes (2004, p. 209 e 210) ressalta:

De modo geral, ao colocar o sujeito (no sentido filosófico do termo) no centro das categorias da linguagem, ao mostrar, ao ensejo de fatos muito diversos, que o sujeito jamais pode distinguir-se de uma “instância do discurso”, diferente da instância a realidade, Benveniste fundamenta lingüisticamente, quer dizer, cientificamente, a identidade do sujeito e da linguagem, posição que está no cerne de muitas pesquisas atuais e que interessa tanto à filosofia quanto à literatura; tais análises indicam, talvez, a saída para uma velha antinomia, mal liquidada: a do subjetivo com o objetivo, do indivíduo com a sociedade, da ciência com o discurso.

Portanto, quando se diz que Benveniste inseriu o sujeito no centro da investigação lingüística, tem de se ressaltar que não se está falando na instância da realidade, ou seja, não é do sujeito do mundo que se fala aqui, visto que Benveniste se interessou pelas marcas que o sujeito deixa nos enunciados, portanto, sua relação com o sujeito é estritamente lingüística. Ao trabalhar com as marcas que o sujeito deixa no enunciado que produz, Benveniste insere

---

<sup>49</sup> Para comprovar tal questão, poderíamos citar alguns trabalhos acadêmicos realizados por profissionais de diversas áreas. Para título de exemplificação, mencionamos uma tese de doutorado, a qual se utiliza das reflexões de Benveniste. A referida tese se intitula “Princípios de análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem”, apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2010, cuja autoria é de Jeferson Lopes Cardoso, sob a orientação do Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores.

no centro da discussão a questão da subjetividade e da intersubjetividade, colocando em pauta o jogo enunciativo entre um “eu”, um “tu” em um “aqui” e “agora”.

Após essa breve apresentação das obras PLG-I e PLG-II, se faz importante abrir uma nova seção, especificamente para tratar de alguns conceitos, os quais julgamos fundamentais à nossa pesquisa.

### 3.4 BENVENISTE E ALGUNS CONCEITOS (RE)VISITADOS

Algumas reflexões promovidas ao longo dos artigos apresentados em PLG-I e PLG-II nos interessam de forma particular, devido aos objetivos desta pesquisa. Reflexões como as que definem o objeto da linguística, como as que definem o conceito de língua, signo, linguagem e discurso são extremamente relevantes a este estudo, visto que elas darão embasamento para mostrar, no terceiro capítulo, de que modo Benveniste consegue ultrapassar, sem desprezar, os conceitos desenvolvidos no CLG. Assim, temos como objetivo, nesta seção, apresentar esses conceitos, mostrando em quais artigos do PLG-I e PLG-II eles são trabalhados.

Esses conceitos foram escolhidos por apresentarem reflexões enunciativas, e porque, pelo nosso ponto de vista, estabelecem uma relação na sua origem com os estudos saussurianos apresentados no CLG. A ordem escolhida para a apresentação dessas reflexões, portanto, deu-se em virtude da relação que estabelecemos entre o capítulo um e o presente capítulo. No capítulo um, fizemos a leitura desses conceitos (desenvolvidos por Ferdinand de Saussure) numa ordem similar a que promovemos neste capítulo. Como o nosso objetivo da pesquisa é, no terceiro capítulo, promover uma comparação entre os conceitos desenvolvidos por esses dois autores, julgamos necessário manter o mesmo itinerário de leitura, estabelecido anteriormente. Destacamos que algumas questões teóricas se impõem na medida em que vamos recortando os conceitos e desenvolvendo suas peculiaridades. O que faz com que, às vezes, não consigamos manter o mesmo roteiro em todos os momentos. Mas também destacamos que os diálogos estabelecidos no decorrer desses recortes são de significativa importância.

Reitera-se que uma das grandes dificuldades encontradas, ao ler um autor como Émile Benveniste, é a questão da definição dos termos. As obras PLG-I e PLG-II são compostas por reflexões presentes em diversos artigos escritos em diferentes momentos e para diferentes interlocutores, o que exige uma atenção maior no momento da leitura. A dificuldade na questão da definição dos termos reside no fato de que alguns desses termos vão ganhando

diversas definições ao longo desses artigos, o que faz com que precisemos ter um cuidado ao ler e principalmente ao escrever sobre essas definições. Tendo em mente essa dificuldade, percebemos a importância de organizar a nossa escrita de uma forma bem sistemática, de modo que se deixe claro que conceitos estão sendo trabalhadas e quais os artigos utilizados nesse itinerário de leitura.

### 3.4.1 O objeto da linguística

Isso posto, podemos iniciar a leitura, compreendendo o que Benveniste apresenta como sendo o objeto da linguística. Quanto a isso, Benveniste, em um artigo intitulado “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (PLG-I, 2005)<sup>50</sup> trata da questão de que para ele era fato que a compreensão das preocupações dos linguistas, na época, era de difícil entendimento até mesmo para os próprios linguistas, o que trazia uma questão muito importante: será que havia um objeto bem definido para esse campo de estudo? Benveniste argumenta dizendo que a impressão que se tinha era que, para esses pesquisadores, o objeto da linguística era algo muito abstrato, e que as discussões em linguística se tornavam “nos materiais inumanos de construções algébricas” ou serviam “de argumentos a discussões áridas sobre o método” (PLG-I, 2005a, p. 19). No entanto, Benveniste demonstra que era exatamente o contrário que pretendia fazer, os métodos novos da linguística faziam com que ela se aproximasse mais de outras áreas, sendo assim os problemas de linguagem interessavam “agora a especialidades muito diversas e cada vez mais numerosas e que uma corrente de pesquisas leva as ciências do homem a trabalhar dentro do mesmo espírito que anima os lingüistas.” (BENVENISTE, 2005a, p. 19-20). Partindo dessa reflexão, o autor explica, de uma forma sucinta, como e por que a linguística assim se transformou.

Benveniste afirma que a linguística tem duplo objeto: “é ciência da linguagem e ciência das línguas” (BENVENISTE, 2005a, p. 20). Nesse momento, o autor diferencia a linguagem da língua da seguinte maneira: “a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza” (BENVENISTE, 2005a, p. 20). Então, Benveniste afirma que é das línguas que o linguista deve se ocupar. Mas, ressalta que em inúmeras vezes os problemas das línguas põem em certo grau questões que envolvem a linguagem.

---

<sup>50</sup> Destaca-se que esse artigo foi publicado no ano de 1963, em *C. R. Académie des inscriptions ET belles-lettres, Paris, Librairie C. Klincksieck.*

Voltando no tempo, para explicar algumas questões epistemológicas, o autor relembra o fato de que a linguística ocidental teve sua origem na filosofia grega, ressaltando que o interesse desses pensadores sobre a linguística residia, exclusivamente, em interesses filosóficos. Dessa forma, esses pensadores preocupavam-se se a questão da linguagem era algo natural ou convencional como primeira instância, deixando de lado o seu funcionamento. A língua era tida como objeto de especulação e não de observação durante muito tempo<sup>51</sup>.

Com a descoberta do sânscrito, no século XIX, percebeu-se que há uma relação entre as línguas (chamadas a partir desse momento de línguas indo-europeias), a linguística, então, passou a se caracterizar a partir dos moldes da gramática comparada. Esse método de análise da língua, cujo objetivo consistia em estudar “a *evolução* das formas lingüísticas” (BENVENISTE, 2005a, p. 21), tornou-se importante durante muito tempo. No entanto, segundo Benveniste algumas questões ficavam sem respostas, ou melhor nem haviam sido propostas pela linguística até então, perguntas como: “[...] qual é a natureza do fato lingüístico? Qual é a realidade da língua? É verdade que não consiste senão na mudança? Mas como, embora mudando, permanece a mesma? Como então funciona e qual é a relação dos sons com o sentido?” (BENVENISTE, 2005a, p. 21).

A partir de então, alguns linguistas passaram a se interessar por línguas não escritas (especialmente por línguas indígenas da América) e que, portanto, não apresentavam uma história registrada. Percebeu-se que os métodos aplicados até então não poderiam mais ser os mesmos, o que os obrigava a elaborar novos métodos de análise.

Benveniste traz, nesse momento, a contribuição do *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (1916) para uma nova noção de língua. Dessa forma, mostra-se que os linguistas tomaram consciência de sua tarefa, a qual, segundo Benveniste (BENVENISTE, 2005a, p. 21), era “[...] estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade lingüística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais próprios.”

Como resultado dessa nova visão de língua, se instaura uma terceira fase (na qual o autor se enquadra): aquela que tem por objeto não mais a filosofia da linguagem e nem a evolução das formas lingüísticas, mas sim a realidade inerente à língua, visando se constituir como ciência.<sup>52</sup> Nesse momento, a linguística toma por objeto “em primeiro lugar, a realidade intrínseca da língua, e visa a se constituir como ciência – formal, rigorosa, sistemática”

---

<sup>51</sup> “dos pré-socráticos aos estóicos e aos alexandrinos, e depois no renascimento aristotélico que estende o pensamento grego até o final da idade média latina [...]” (PLG-I, 2005, p.20).

<sup>52</sup> Parafraseando Émile Benveniste (PLG-I, 2005a, p. 22).



(BENVENISTE, 2005a, p. 22). Dessa forma, o objeto da linguística passa a ser a própria realidade linguística.

Para complementar a ideia do que Benveniste compreende como sendo o objeto da linguística, torna-se importante trazer presente uma reflexão feita pelo autor em um artigo intitulado “esta linguagem que faz a história” (PLG-II, 2006f)<sup>53</sup>. Em resposta à observação feita por Guy Dumur acerca do fato de que muito se falava sobre linguística, mas poucos sabiam do que realmente se tratava, Benveniste ressalta que a linguística configura-se como uma tentativa de compreender a linguagem e de tentar estudá-la como se estudam os objetos concretos. Ao responder a outra questão de Guy Dumur acerca do que diferencia a linguística da filologia e das antigas ciências da linguagem, Benveniste afirma que o objeto da linguística é tudo o que diz respeito à linguagem e que, dessa forma, a linguística engloba as duas ciências e as transcende. Nas palavras de Benveniste (PLG-II, 2006f, p. 29-30),

Algumas das ciências das quais o senhor fala, a filologia em particular, só se ocupa do teor dos textos, de sua transmissão através dos tempos, etc. A linguística se ocupa do fenômeno que constitui a linguagem e, naturalmente, sem negligenciar a parte da linguagem que se transforma em escrita. As preocupações dos filólogos não são as mesmas do linguista [...]

No artigo “Os níveis de análise linguística”<sup>54</sup> (PLG-I- 2005b), Benveniste afirma a importância do método de análise na descrição deste objeto tão complexo que é a linguagem. Nesse artigo, Benveniste apresenta uma noção de nível de análise, que inclui a questão do *sentido*, o que diferencia essa perspectiva das demais apresentadas pelos estudos da época. A questão do *sentido* é extremamente importante nesta pesquisa, visto que ao pensar um estudo do texto, pensa-se no sentido que este produz em determinada situação, a qual é única e irrepetível.

Ao tomar a língua como objeto de análise, o linguista precisa definir alguns critérios que o ajudem a determinar o que e como irá analisar esse objeto. A esse propósito, Benveniste (2005b) reflete sobre como poderia se definir um “fato linguístico”, o que se deve admitir como “fato linguístico”, quais são os critérios que o definem. O autor mostra que quando se toma “com espírito científico” um objeto como a linguagem, evidencia-se que as questões se propõem a respeito de cada fato linguístico (poderíamos compreender aqui que “fato

<sup>53</sup> Ressalta-se que esse artigo resultou de uma conversa recolhida por Guy Dumur para *Le Nouvel Observateur*, especial literário, nº 210 bis (20 de novembro a 20 de dezembro de 1968), p. 28-34.

<sup>54</sup> Texto publicado originalmente em *Proceedings of the 9<sup>th</sup> International Congress of Linguists*, Cambridge, Mass., 1962, Mouton & Co., 1964.



linguístico” seria uma ocorrência linguística) e que elas se propõem em relação ao que se admite por “fato”. Sendo assim, Benveniste demonstra a importância da determinação de critérios, para que se possa definir um objeto de análise de forma coerente.

A partir disso, definiu-se uma grande mudança, pois a partir de então, reconhece-se que “a linguagem deveria ser descrita como uma estrutura formal” (BENVENISTE, 2005b, p. 127), e que essa descrição precisava ser feita sob o estabelecimento de procedimentos adequados e sob um princípio racional de classificação, devido à complexidade inerente à linguagem. Percebe-se que Benveniste (2005b) determina o que são *níveis*<sup>55</sup> e como eles se relacionam, pensando em uma análise linguística. Benveniste (PLG-I, 2005, p. 127) afirma:

Devemos, pois, diante da extrema complexidade da linguagem, visar a propor uma ordem ao mesmo tempo nos fenômenos estudados, de maneira a classificá-los segundo um princípio racional, e nos métodos de análise, para construir uma descrição coerente, organizada segundo os mesmos conceitos e os mesmos critérios.

Percebe-se que Benveniste explicita uma preocupação em deixar claro que o método como se descreve um fato linguístico pode modificar a descrição final. Além disso, ou melhor, antes disso, a preocupação está em mostrar que os “fatos linguísticos” precisam ser descritos a partir de um método racional e coerente. Ao se pensar na determinação de *níveis de análise*, pode-se incorrer no erro de pensar que esses *níveis* acontecem e podem ser descritos de forma isolada, quando eles somente podem ser descritos na relação que mantém um com o outro. Quanto a isso, Benveniste (PLG-I, 2005b, p. 127) afirma que,

A noção de *nível* parece-nos essencial na determinação do procedimento de análise. Só ela é própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem ao caráter *discreto* dos seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo. O domínio no qual a estudaremos é o da língua como sistema orgânico de signos linguísticos.

Ao reler o último período dessa afirmação, percebe-se que há uma reiteração de que os fatos da língua devem ser vistos como pertencentes a um todo, articulando-se para arquitetar e tecer esse sistema orgânico de signos. A análise linguística, para ser efetiva, deve partir do todo e com base nele determinar e descrever as partes que o compõem, revelando, através disso, as relações que unem esses elementos, pois, segundo Benveniste (PLG-I, 2005b, p. 128):

---

<sup>55</sup> Conceito que será melhor desenvolvido ao longo desta seção.

O procedimento inteiro da análise tende a delimitar os elementos através das relações que os unem. Essa análise consiste em duas operações que se comandam uma à outra e das quais todas as outras dependem: 1º a segmentação; 2º a substituição.

Sendo assim, essas duas operações consistem em, primeiro, segmentar o texto em porções cada vez mais reduzidas, até que se chegue aos elementos não decomponíveis, eis o processo de segmentação. Em segundo lugar, consiste em substituir os elementos não decomponíveis por outros, considerando as substituições admissíveis, “cada uma delas destacando por sua vez um segmento identificável em outros signos.” (BENVENISTE, 2005b, p. 128), eis, então o processo de substituição. Segundo Benveniste (PLG-I, 2005b, p. 128),

É esse, em resumo, o método de distribuição: consiste em definir cada elemento pelo conjunto do meio em que se apresenta, e por intermédio de uma relação dupla, relação do elemento com os outros elementos simultaneamente presentes na mesma porção do enunciado (relação sintagmática); relação do elemento com os outros elementos mutuamente substituíveis (relação paradigmática).

Sendo assim, a relação dos elementos entre si, no enunciado, está no nível da relação sintagmática; e a relação deles com elementos de possíveis substituições, está no nível da relação paradigmática. Cabe ressaltar que essas relações se dão simultaneamente, pois ambas acontecem ao mesmo tempo no ato da enunciação.

A partir dessa reflexão sobre o objeto da linguística, podemos trabalhar com a definição de língua, linguagem e signo.

### **3.4.2 Língua, linguagem e signo: uma perspectiva enunciativa**

Anteriormente, ao tratar da questão do objeto da linguística, o artigo “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da lingüística” (PLG-I, 2005a) serviu de base para algumas reflexões. Nesse momento do texto, novamente esse artigo faz-se relevante, pois nele há uma reflexão sobre a definição de língua e de linguagem.

Tornamos a repetir que nesse texto o autor toma a linguagem como “faculdade humana, característica universal e imutável do homem”, enquanto que as línguas são vistas como “sempre particulares e variáveis” (PLG-I, 2005a, p. 20), nas quais a linguagem se realiza. Mais adiante, no mesmo texto, Benveniste afirma que “a língua se caracteriza menos pelo que exprime do que pelo que distingue em todos os níveis” (PLG-I, 2005a, p. 24). A partir dessa ideia de que as diferenças entre os elementos compõem a língua, podemos

compreender que a língua é um sistema, dado que as partes desse todo só se definem na relação que mantêm umas com as outras. Nas palavras de Benveniste (PLG-I, 2005a, p. 24),

Isso é o que faz com que a língua seja um sistema em que nada signifique em si e por vocação natural, mas em que tudo signifique em função do conjunto; a estrutura confere às partes a sua “significação” ou a sua função. Isso é também o que permite a comunicação indefinida: como a língua é organizada sistematicamente e funciona segundo regras de um código, aquele que fala, pode, a partir de um pequeníssimo número de elementos de base, constituir signos, depois grupos de signos e finalmente uma variedade indefinida de enunciados, todos identificáveis por aquele que os percebe pois o mesmo sistema está estabelecido nele.

A partir desse posicionamento de Benveniste (2005a), podemos dizer que em relação à língua não há como entender as suas partes sem levar em consideração a estrutura do todo da qual essas partes fazem parte. Somente nessa relação é que se pode estabelecer a função que as partes adquirem dentro do sistema no qual aparecem.

Quanto à questão do signo linguístico, faz-se importante trazer presente o artigo intitulado “Natureza do signo linguístico”<sup>56</sup> (PLG-I, 2005c) no qual Benveniste promove uma reflexão sobre o signo linguístico, partindo de pressupostos Saussurianos. O autor afirma a importância de Ferdinand de Saussure na definição da natureza do signo linguístico, mas promove uma discussão acerca da afirmação de que a relação entre significante e significado seria algo arbitrário.

Para Benveniste (2005c), a relação entre significado e significante não é uma relação de *arbitrariedade*, mas sim uma relação de *necessidade*. Um depende do outro para constituírem o signo linguístico, ou seja, em nossa mente as ideias estão necessariamente ligadas aos sons que as representam, caso contrário esses sons não seriam por nós identificados. Portanto, a relação é de necessidade e não de arbitrariedade. Nas palavras de Benveniste (PLG-I, 2005c, p. 56),

O significante e o significado, a representação mental e a imagem acústica são, pois, na realidade duas faces de uma mesma noção e se compõem juntos como o incorporante e o incorporado. O significante é a tradução fônica de um conceito; o significado é a contrapartida mental do significante. Essa consubstancialidade do significante e do significado garante a unidade estrutural do signo linguístico.

Parte-se da definição da linguagem para compreender a sua função. Segundo Benveniste (PLG-I, 2005c, p. 26) “a linguagem reproduz a realidade”. Por intermédio da linguagem, a realidade se reproduz novamente. “Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende

---

<sup>56</sup> Artigo publicado originalmente em 1939 em *Acta Linguistica*, I, Copenhague.

primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido” (BENVENISTE, 2005c, p. 26). Dessa forma, a linguagem tem como função reproduzir a realidade através daquele que fala e daquele que ouve, pois ambos se apropriam da linguagem para, então, reproduzir a experiência vivenciada. A partir disso, percebe-se a intersubjetividade inerente à linguagem.

Em outro artigo intitulado “Da subjetividade na linguagem”<sup>57</sup>, Benveniste (PLG-I, 2005d) reflete mais detidamente sobre a linguagem e abre esse texto se perguntando o porquê de ela ser nomeada como instrumento de comunicação. Como primeira “justificativa” a essa caracterização, o autor fala do fato de o homem não ter encontrado um meio melhor para comunicar-se. Como segunda “justificativa”, o autor apresenta a hipótese de que a linguagem apresenta disposições que a habilitam a servir como instrumento.

Sob esse ponto de vista, Benveniste faz uma relação com a teoria behaviorista de estímulo e resposta. Ao passo que apresenta essas “supostas” justificativas, instiga o leitor a refletir, lançando mão de uma pergunta: “Será realmente da linguagem que se fala aqui?” (PLG- I, 2005d, p. 284). Se lembrarmos que nesse texto Benveniste propõe discurso como linguagem posta em ação, percebemos que as suposições nos levam a um conceito de linguagem que não é o trabalhado e, muito menos, o aceito por ele. Notamos que, para o autor, linguagem se realiza no discurso, através da interação entre parceiros, entre um “eu” que instaura um “tu” num determinando espaço e tempo. Dessa forma, percebemos que é através da linguagem que o homem interage e vive em sociedade, é por meio dela que o homem se constitui como ser humano.

Nessa perspectiva, o autor reflete sobre o fato de que instrumento é algo criado pelo homem, com o objetivo de servir a algum propósito, enquanto que a linguagem é a ele inata. Dessa forma, não é ele (o homem) que a cria, portanto chamá-la de “instrumento” seria um tanto equivocado, principalmente sem uma reflexão maior do que se entende por “instrumento” e em que sentido se usa essa nomeação. Nas palavras de Benveniste (PLG-I, 2005d, p. 285): “Falar de instrumento, pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda, não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou.” A linguagem é muito mais do que um simples instrumento de comunicação, é através da linguagem que o homem pode interagir e estar em sociedade.

Comprendemos, portanto, que a linguagem é parte constitutiva do homem, é o que o realiza como ser humano e o que o faz viver em sociedade. É por meio da linguagem que

---

<sup>57</sup> Ressalta-se que esse artigo foi publicado originalmente em *Journal de psychologie*, jul.-set. 1958, P.U.F.

expressamos nossos sentimentos, que promovemos ações. Sem a linguagem, o homem não é nada, não vive. Segundo Benveniste (PLG-I, 2005d, p. 285),

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.

Para Benveniste (2005d), a linguagem é subjetiva, pois é através dela que o homem se realiza e se constitui como sujeito. Sendo assim, cada pessoa usa a língua de sua forma, mobilizando-a a seu modo, imprimindo a sua própria subjetividade. Isso se comprova nas palavras de Benveniste (PLG-I, 2005d, p. 286):

É na e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”.

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. [...] É “ego” que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* lingüístico da “pessoa”.

Ao tratar da subjetividade, Benveniste (2005d), nesse mesmo artigo<sup>58</sup>, conceitua algumas categorias (sujeito, locutor, pessoa, não-pessoa) numa hierarquia que deve ser compreendida no momento da leitura. Em primeiro lugar, o autor mostra que a subjetividade entende-se como a capacidade do locutor se propor como “sujeito”<sup>59</sup>. Torna-se necessário deixar claro que não cabe à enunciação estudar o sujeito social, mas sim as marcas deixadas pelo locutor em suas enunciações, quando se propõe como “sujeito” do seu dizer. Logo após essa conceituação, o autor propõe a noção de “pessoa” ao dizer (PLG-I, 2005d p. 286): “É “ego” que *diz ego*”. Benveniste mostra que o fundamento da “subjetividade” é determinado pelo *status* lingüístico da “pessoa”<sup>60</sup>.

É a partir dessa reflexão sobre a subjetividade na linguagem que Benveniste apresenta duas definições: a definição de “sujeito” e a definição de “pessoa”. Benveniste (PLG-I.

<sup>58</sup> “Da subjetividade na linguagem” (PLG-I, 2005d).

<sup>59</sup> Torna-se de fundamental importância compreender o que se define por “sujeito” dentro desse artigo. Antes disso, vale ressaltar que esse termo é usado em diferentes textos de Benveniste, adquirindo sentidos diferentes. Segundo o Dicionário de Linguística Geral, esse termo aparece, em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946), relativo ao indivíduo que fala, o que se assemelha muito ao significado que esse termo adquire em “O aparelho formal da enunciação” (1970). No texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” (1970), a especificidade desse termo decorre da alternância com outros termos. Em “Da subjetividade na linguagem” (1958), tem-se a impressão que “sujeito” não é nem o homem, nem o locutor (parafrazeando o Dicionário de Linguística da enunciação, 2009, p.220 e 221).

<sup>60</sup> Parafrazeando as palavras de Benveniste em PLG- I, 2005d, p. 286.

2005d, p. 290) destaca: “A instalação da “subjetividade” na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem a categoria de pessoa.” Se cada pessoa, ao tomar para si a palavra, mobiliza a língua<sup>61</sup> de uma forma, só o faz em virtude de uma outra pessoa, a qual lhe é interlocutor. Portanto, ao falarmos dirigimo-nos a um *tu* que passa a ser *eu* no momento em que toma para si o turno, num ato responsivo. Dessa interlocução entre *eu* e *tu* se constitui a linguagem e é por meio dela que o homem se constitui como tal. Portanto, o homem só existe e vive em sociedade em virtude da linguagem.

Percebemos então que as pessoas do discurso são *eu* e *tu*, sendo que o *ele* é a pessoa da qual se fala e no momento em que toma a palavra, torna-se um *eu*. Para Benveniste, fazem parte da “categoria de pessoa” os pronomes *eu* e *tu* enquanto que o pronome *ele* se trata de uma não-pessoa. Benveniste (PLG-I, 2005d, p. 286) escreve:

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso.

Percebemos, assim, que em termos de linguagem tudo é subjetivo, pois, ao passo que o ser humano toma a palavra, mobiliza-a de uma forma e não de outra e isso é uma marca pessoal. Portanto, a objetividade na linguagem é algo que não existe, podemos criar um efeito de objetividade, mas o modo como é criado esse efeito já imprime nossa subjetividade.

Benveniste (2005d), nesse mesmo artigo<sup>62</sup>, afirma que a linguagem só se efetua por contraste. A condição de diálogo constitui a pessoa, remetendo-nos à noção de reciprocidade. Cada locutor ao se propor como sujeito se remete a si próprio como *eu* no seu discurso. Dessa forma, esse *eu* remete a outra pessoa, que é, nesse diálogo, seu alocutário, uma espécie de eco do próprio *eu*. Sendo assim, a categoria de “pessoa” apresenta uma polaridade, inerente a ela própria e que se realiza no discurso e não é encontrada em outro lugar senão nele próprio<sup>63</sup>.

A partir do exposto, verifica-se que os “pronomes pessoais” não são todos pertencentes à mesma instância. Ao passo que os pronomes *eu* e *tu* pertencem tão somente ao discurso, pois só se realizam nele, os demais pronomes estão em outra instância que não a do discurso. Segundo Benveniste (PLG – I, 2005d, p. 288),

<sup>61</sup> Segundo o “Dicionário de Enunciação” (2009, p.150), “língua” para Benveniste é entendida pela seguinte definição: “sistema que inter-relaciona valor distinto das formas e valor referencial à situação enunciativa.”

<sup>62</sup> “Da subjetividade na linguagem” (PLG-I, 2005d).

<sup>63</sup> Parafrazeando as palavras de Benveniste em PLG –I (2005d, p. 286).



[...] É na instância do discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo.

Benveniste (2005d) demonstra que na língua há inúmeros marcadores de subjetividade, trabalha mais com a questão dos pronomes, mas afirma existirem outras palavras da língua que também cumprem esse papel. Através da linguagem temos a possibilidade de imprimirmos a nossa subjetividade, pois é através dela e somente por ela que o homem se realiza como sujeito. Benveniste (PLG-I, 2005d, p. 289) ressalta que:

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*.

Para compreender melhor a questão dos pronomes, trazemos presente o artigo intitulado “A natureza dos pronomes”<sup>64</sup>. Nesse artigo, encontramos uma reflexão sobre os conceitos *de pessoa e de não pessoa*. Ao iniciar esse texto, Benveniste (2005e) destaca o fato de que habitualmente os pronomes foram considerados, pelos linguistas em geral, como se fizessem parte de uma mesma classe. Quanto a isso, o autor ressalta que essa ideia demonstra um problema não só da linguagem, como também das línguas em geral. Ao se considerar *eu*, *tu*, *ele*, todos como sendo pronomes pessoais, Benveniste vê um contrassenso, pois, em sua visão, isso já fere a noção de pessoa. Para Benveniste (2005e), o pronome *ele*, em um discurso, sempre representará um “alguém” de quem se fala, o qual não participa efetivamente do discurso e, por isso, não se materializa nele. O pronome *ele* pode servir como elemento de referenciação. Mas, nesse caso, estaríamos em outro âmbito que não o do discurso.

Torna-se importante perceber que o pronome *eu* não serve como elemento anafórico, ou seja, um elemento que serve para fazer referência a algo já dito anteriormente. Em realidade, o pronome eu é um signo que se preenche somente no ato da enunciação, somente no momento em que um *sujeito* se apodera da língua, instaurando um *tu*, em um *aqui* e um *agora*. Sem essa cena enunciativa, o “eu” é forma sem conteúdo, pois em realidade só se refere a um sujeito no momento do discurso. Dessa forma, serve para instaurar a subjetividade

<sup>64</sup> Publicação original datada de 1956. Texto lido através da 5ª edição dos PLG-I, datada de 2005.

no discurso. Portanto, instauram-se instâncias diferentes. Nas palavras de Benveniste (PLG- I, 2005e, p. 278),

Entre *eu* e um nome referente a uma noção lexical, há não apenas as diferenças formais, muito variáveis, impostas pela estrutura morfológica e sintática das línguas particulares. Há outras, que se prendem ao próprio *processus* da enunciação lingüística e que são de uma natureza mais geral e mais profunda. [...] ...as instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência, uma vez que não há “objeto” definível como *eu* ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal.

Ao falar do pronome *eu*, o autor enfatiza a ideia de que esse pronome só pode ser identificado na instância do discurso. Ao afirmar isso, revela-se, por outro lado, uma dupla instância do *eu*, pois *eu* existe enquanto forma que se realiza somente no discurso. Nesse processo, há uma dupla instância presente: *eu* como referente, e a instância de discurso contendo *eu* como referido.<sup>65</sup>

Benveniste, nesse mesmo artigo<sup>66</sup>, ao refletir sobre o *eu* e o *tu* refere-se ao momento da enunciação, e ao fazer essa referência mostra que esse momento enunciativo é determinado por um *aqui e agora (e todas as suas correlações)*, afirmando que “[...] *aqui e agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*.” PLG-I, 2005e, p. 279; grifos do autor). Benveniste chama esses pronomes de “signos vazios” que somente se tornam “plenos” na instância do discurso. Considera-se “signos vazios” aqueles que contêm sua referência somente no discurso, fora dele não se determinam. Os “signos vazios” que se tornam “plenos”, no discurso, são os responsáveis por converter a língua em discurso, pois através deles o sujeito pode enunciar-se e constituir-se como pessoa.<sup>67</sup>

Portanto, diferentemente de outras palavras, *eu* e *tu* não existem enquanto signo, entendido aqui como virtualidade, pois esses só existem na medida em que são atualizados na instância de discurso, marcada pela apropriação da língua por um locutor e a instauração de um alocutário.

Benveniste (2005e) enfatiza ainda a diferença existente na classe formal dos pronomes, quando se fala nos pronomes de terceira pessoa, afirmando que esses são completamente diferentes de *eu* e *tu*, pela sua função e pela sua natureza. Enquanto *eu* e *tu* só

<sup>65</sup> Parafrazeando as palavras de Benveniste em PLG-I(2005e, p. 279).

<sup>66</sup> “A natureza dos pronomes” (PLG-I, 2005e).

<sup>67</sup> Segundo o Dicionário de Linguística da Enunciação (2009, p. 214), o signo vazio recebe a seguinte definição: “signo cuja referência é a situação a cada vez única da enunciação, que se torna plena assim que um locutor o assume em cada instância do se discurso.”



se preenchem no discurso, os pronomes de terceira pessoa só servem como substitutos abreviativos. Ao contrário dos pronomes “eu” e “tu”, os pronomes de terceira pessoa são usados para fazer referência a alguém que nunca participa diretamente do discurso e pode ser referido por esses pronomes. Portanto, os pronomes de terceira pessoa fazem parte de outra instância que não a de discurso e por isso podem servir de substitutos abreviativos, no sentido de que, estes ao contrário daqueles, podem servir de elementos anafóricos.<sup>68</sup>

Portanto, o locutor, ao se enunciar, toma para si a língua, sistema organizado de signos, e se enuncia instaurando um “tu” (alocutário) num “tempo” e “espaço” definidos, imprimido dessa forma a sua própria subjetividade, o que faz com a enunciação seja sempre um ato irrepetível. Para dar conta de tratar da questão da língua em uso, abrimos uma nova seção, destinada a tratar efetivamente dessa questão: a enunciação.

### 3.4.3 Enunciação: a língua em funcionamento

O conceito de discurso ou enunciação<sup>69</sup> envolve questões como: os níveis de análise linguística; forma; sentido e referência. Para tratar de tais questões, escolhemos os seguintes artigos: “Os níveis de análise lingüística”<sup>70</sup> (PLG-I, 2005b); “A forma e o sentido na linguagem”<sup>71</sup> (PLG-II, 2006g); e “O aparelho formal da enunciação”<sup>72</sup> (PLG-II, 2006h), devido ao fato de serem artigos que apresentam reflexões sobre essas questões e de termos de estabelecer um recorte teórico.

Embora Benveniste não tenha apresentado uma metodologia de análise bem definida na maioria de seus artigos, tem-se em um deles, intitulado “Os níveis de análise lingüística”, um procedimento de análise bem claro. Ao dizer que ao estudar os fatos linguísticos a partir de sua segmentação e substituição, Benveniste (2005b) propõe ver a língua na relação simultânea de seus elementos. Simultânea no sentido de que ao ver os elementos na sua relação com os outros o vemos em relação sintagmática, e ao mesmo tempo podemos vê-lo na relação de substituição com outros elementos e, portanto, em suas relações paradigmáticas.

<sup>68</sup> A ideia de elemento anafórico já foi explicada anteriormente, para mostrar o porquê dos pronomes “eu” e “tu” não constituírem-se como tal.

<sup>69</sup> Tomaremos esses dois termos por sinônimos desde já, e explicaremos melhor essa sinonímia, quando trabalharmos com o artigo “O aparelho formal da enunciação” (PLG-II, 2006h).

<sup>70</sup> Cf. nota 14.

<sup>71</sup> Texto publicado originalmente em *Le Langage II* (Sociétés de Philosophie de langue française, Actes du XXIII<sup>e</sup> Congrès, Genève, 1966), Neuchâtel, La Baconnière, 1967, p. 29-40.

<sup>72</sup> Publicado originalmente em *Langages*, Paris, Didie-Larousse, 5<sup>o</sup> ano, n<sup>o</sup> 17 (março de 1970), p. 12-18.

Essas substituições e segmentações somente se dão obedecendo a um critério fundamental: o *sentido*.

Uma das dificuldades encontradas na leitura dos textos de Benveniste corre em relação a não preocupação do autor em definir os termos usados de forma didática. Um mesmo termo pode receber significados diferentes ao longo de um mesmo texto. Isso exige uma leitura muito mais cuidadosa, para que não ocorram interpretações errôneas. Um exemplo disso está no texto “Os níveis de análise lingüística”, no qual a palavra *sentido* aparece várias vezes, ganhando diferentes significados.

Na primeira ocorrência dessa palavra, ela aparece em itálico no seguinte trecho: “O *sentido* é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* lingüístico” (BENVENISTE, 2005b, p. 130). Para serem consideradas como unidades lingüísticas, elas precisam fazer sentido. Tem-se a impressão de que nesse trecho a palavra *sentido* está ligada ao significado próprio que um termo possui, enquanto pertencente a uma língua.

Já em uma outra ocorrência essa mesma palavra aparece também em itálico, mas com uma outra acepção: “O *sentido* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior” (BENVENISTE, 2005b, p. 130). Nessa ocorrência, a palavra *sentido* está associada a um outro domínio, o do discurso. Essa capacidade de integrar uma unidade de nível superior se dá no discurso. Portanto o sentido é dado pela enunciação.

A reflexão sobre a questão do sentido se faz de suma importância, pois a partir dela definem-se, mais adiante, dois domínios: o domínio do semiótico e o domínio do semântico. Mas antes dessa caracterização, Benveniste (2005b) reflete sobre o que ele entende por signo e palavra. O autor toma como sinônimos o *signo* e a *palavra*. Dessa forma, a *palavra* (signo) tem uma posição que se prende à sua dupla natureza. Ao mesmo tempo em que se decompõe em unidades menores (em um nível inferior)<sup>73</sup>, integra, como unidade significante uma unidade maior (nível superior)<sup>74</sup>. Para Benveniste (2005b, p. 132) “a *palavra* é *constituente* da frase”. Ao dizer isso, o autor afirma que a palavra pode adquirir no discurso uma significação que não se apresenta isolada, como unidade autônoma. Isso comprova que é no discurso que as palavras ganham sentido, pois aquele possibilita a criação de um sentido único, que só se

<sup>73</sup> Benveniste afirma que há dois níveis inferiores de análise. O primeiro é o das “entidades segmentáveis mínimas”, os *fonemas*, os quais são ao mesmo tempo segmentáveis e substituíveis, e o nível *merismático*, do qual fazem parte os elementos que são apenas substituíveis, ou seja, os traços distintivos dos fonemas. (2005b, p. 129).

<sup>74</sup> É aquele que contém níveis inferiores, o qual tem como condição que os elementos lingüísticos para fazerem parte desse nível tenham sentido.

realiza nele e por ele. Dessa forma, o autor trabalha com as relações paradigmáticas e sintagmáticas, mostrando que essas últimas, as que correspondem à relação que os elementos mantêm entre si no enunciado, são as que, no discurso, se tornam mais importantes, visto que o sentido é construído na relação entre os termos na frase e não a *priori*. A relação feita somente no discurso dá sentidos únicos às unidades da língua.

Sendo a “frase” a realização do discurso, percebe-se que ela representa a passagem da possibilidade, da virtualidade, para a realização, a materialização da língua. Ao trabalhar com a noção de “frase”<sup>75</sup> passa-se de uma instância da língua como sistema para a instância da língua posta em ação. Segundo Benveniste (PLG-I, 2005b, p. 139),

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluímos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso.

Pode-se dizer então que a frase, tida como unidade completa, comporta em si sentido e referência. Sentido, visto que traz uma significação e referência porque se refere a uma situação específica. A partir dessa articulação, que é dupla, a frase se torna analisável para o locutor, pois, no momento de exercitar a linguagem, o locutor precisa, a partir de determinadas situações discursivas, depreender diferentes significados.

Ao falar das palavras que constituem as frases, Benveniste (2005b) mostra que nem todas as palavras são iguais. Há aquelas que são *autônomas*, as quais são constituintes de frases e as *sin-nomas*, que só podem ao integrar frases o fazer acrescentadas a outras palavras. Como *palavras autônomas*, temos a maioria dos nomes e verbos, como *palavras sin-nomas*, temos preposições, artigos, pronomes. As palavras *autônomas* são aquelas que carregam um sentido tal que sozinhas se completam, enquanto que as *sin-nomas* apenas agregam sentido a palavras *autônomas*, pois elas mesmas sozinhas não comportam independência suficiente para existir.

Ao falar das palavras ou conjuntos de palavras que formam as frases, Benveniste (2005b) fala da transição de um *nível* para o outro, mostrando que as entidades linguísticas admitem duas espécies de relação: entre elementos de mesmo nível ou entre elementos de

---

<sup>75</sup> Podemos perceber que a “frase”, nesse texto de Benveniste, pode ser entendida como sinônimo de enunciado, já que representa a instância da linguagem em ação e que está no nível daquilo que é único e irrepetível. No “Dicionário de Linguística da Enunciação” (2009, p. 127), temos o seguinte trecho como nota explicativa da acepção desse termo: “[...] Com frase passamos de um sistema para outro: da língua como sistema de signos para a língua em ação no discurso, no modo semântico de significância da língua”.

níveis diferentes. Quando a relação ocorrer entre elementos de mesmo nível, a relação é *distribucional*; e quando a relação se der entre elementos de nível diferente, a relação é *integrativa*. Segundo Benveniste (PLG-I, 2005b, p. 133),

[...] Um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preencher uma função integrativa. Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como “parte integrante” da unidade de nível superior, da qual se torna o integrante.

Benveniste (2005b) comenta que ao distinguir *constituente* de *integrante* encontra-se o princípio que governa, nas unidades de diferentes níveis, a relação entre FORMA e SENTIDO. Para o autor, as noções de forma e sentido<sup>76</sup> são noções que devem aparecer juntas e em todos os níveis, pois se complementam, se definem uma pela outra e estão presentes em toda a língua. Nas palavras do autor (PLG-I, 2005b, p. 135),

Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos *constituente* e *integrante*.

Percebe-se então que essa noção de forma e sentido, que juntas se articulam, perpassa toda a língua. Essa é a perspectiva nova apresentada por Benveniste, pois ao definir que forma e sentido se articulam no uso da língua, o autor propõe um trabalho com o sentido e, além disso, mostra que essa relação se dá no nível do discurso, apresentando uma outra instância, que é a enunciação. Benveniste encerra esse artigo com a seguinte afirmação: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura.” (PLG-I, 2005b, p. 140).

Ao trabalhar com os níveis de análise, chega-se indispensavelmente às noções de forma de sentido, ou, em outras palavras, o domínio semântico e o semiótico. Os estudos linguísticos da época privilegiavam o estudo da forma, renegando a importância do sentido no estudo dos “fatos linguísticos”. Benveniste (2005b) inova e propõe um estudo de língua que somente tem razão se levar em conta não só a forma, mas a relação dela com o sentido construído em diferentes enunciações.

---

<sup>76</sup> Quanto a isso, cabe uma observação presente no “Dicionário de Linguística da Enunciação” (2009, p. 123), na nota explicativa para a acepção de “forma” em Benveniste: “...A isso Benveniste acrescenta uma exigência de princípio: o *sentido* “é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico...(p. 130. PLG).

No texto “A forma e o sentido na linguagem”<sup>77</sup>, Benveniste (PLG-II, 2006g) explica as noções de *forma* e *sentido*, tal como propôs em 1964, com a diferença de, no texto de 1967, estar se referindo a um grupo de filósofos, o que modifica, de certa forma, a sua fala. Benveniste coloca-se como alguém inquieto, mas ao mesmo tempo encorajado, pois acredita que um diálogo entre as áreas (filosofia e linguística) é de grande valia e se fazia necessário há muito tempo. Percebe-se a partir desse posicionamento, que Benveniste proporia um estudo diferente do que se fazia até então em termos de estudo de língua.

Benveniste considera árdua a sua tarefa de trabalhar com o *sentido na língua*, visto que os estudos promovidos na época, principalmente os da linguística americana, cujo nome mais importante é Bloomfield<sup>78</sup>, não consideravam o estudo do “meaning” (sentido) como uma tarefa dos linguistas. Benveniste ressalta que esse pensamento pode ser proveniente do fato de que os estudos até então realizados sobre a semântica deixavam a desejar, parecendo ser um estudo vago, imprevisível sem maiores comprovações, o que divergia da ideia defendida pelos linguistas da época de se fazer uma linguística o mais científica possível, para isso o objeto de estudo não podia ser algo, entendido por eles, subjetivo, inapreensível.

A partir dessa primeira reflexão, Benveniste mostra seu objeto de estudo, afirmando que irá trabalhar com a linguagem dita ordinária e que a ela irá se prender. Ao fazer uma primeira abordagem à questão do sentido, Benveniste mostra que tanto *sentido* como *forma* precisam deixar de ser vistos como oposições e sim passar a ser vistos como elementos que juntos constituem a língua. Pensamento que já aparecera em momento anterior (1964) ao propor a questão do sentido como foco da análise linguística. Dessa forma, Benveniste argumenta que a linguagem serve muito além de comunicar, serve para *viver*, pois essa relação entre *forma* e *sentido* deve ser considerada em um momento enunciativo, que é único e irrepetível. Segundo esse autor (PLG-II, 2006g, p. 222),

Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que deve caber à significação.

---

<sup>77</sup> Cf. nota 32.

<sup>78</sup> Bloomfield, 1933, data da obra intitulada *Language*, a qual exerceu uma grande influência sob os estudos linguísticos nos Estados Unidos da América. Nessa obra, Bloomfield desenvolveu o conceito de fonema como feixe de traços distintivos, dando origem à *fonêmica*, o equivalente americano da fonologia europeia. *Leonard Bloomfield*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-01-20]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$leonard-bloomfield](http://www.infopedia.pt/$leonard-bloomfield)>.

Ao refletir sobre a questão da significação, Benveniste evidencia o fato de que muitas ciências tomaram o termo como importante, no entanto, não o definiram efetivamente, a não ser os lógicos que se ocuparam desse termo, escola de Carnap<sup>79</sup> e de Quine<sup>80</sup> especialmente, o primeiro trabalhando com as noções de verdade. Assim, para os lógicos, para significar tem de preencher uma condição geral de verdade, precisando recorrer a elementos externos à língua para sua definição. Já para Quine a significação torna-se idêntica à sinonímia. Para Benveniste (2006g), a linguagem significa por si própria, não precisando recorrer a nenhuma outra atividade para se depreender a significação, é de natureza da linguagem, significar. Nas palavras do próprio autor (PLG-II, 2006g, p. 223-224),

Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada. Mas ela tem também um outro caráter totalmente diferente, mas igualmente necessário e presente em toda a língua real, ainda que subordinado ao primeiro, eu insisto: o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido. É este duplo aspecto, inerente à linguagem, que é distintivo. Diremos, como Saussure, a título de primeira aproximação, que a língua é um sistema de signos.

No primeiro trecho do comentário acima, entendemos que a significação é dada pela linguagem e que, portanto, é delimitada por ela. O que significa dizer que linguagem permite alguns significados, de acordo com seus encadeamentos, mas que, no entanto, não permite qualquer significado. Benveniste também trata da questão vocálica da realização da linguagem, que são sons determinados que compõem as palavras e que possibilitam a interpretação pelo outro falante. Dessa forma, o autor mostra que este duplo aspecto da linguagem a constitui e lhe é inerente.

Ao refletir sobre questões epistemológicas, Benveniste (2006g) considera que antes de se pensar em uma teoria torna-se necessário pensar nos pressupostos teóricos que servirão de base para essa teoria, pois é preciso estabelecer a terminologia e as categorias que servirão de

---

<sup>79</sup> Rudolf Carnap é um filósofo alemão, que foi um dos principais membros do Círculo de Viena e foi também um defensor do positivismo lógico. Dentre a sua produção científica, destacam-se, para a relação aqui proposta, as obras: “Logische Syntax der Sprache” (1935), “Philosophy and Logical Syntax”(1935), “Introduction to Semantics” (1942), “Meaning and Necessity: a Study in Semantics and Modal Logic. University of Chicago Press”(1956- [1947]).

<sup>80</sup> Willard Van Orman Quine foi um dos mais influentes filósofos e lógicos norte-americanos do século XX, considerado o maior filósofo analítico da segunda metade desse século. Dentre sua produção científica, destacam-se as obras: “From a Logical Point of View”(1953), “Word and Object” (1964), “Ontological Relativity and other Essaysw” (1969), “Philosophy of Logic” (1970).



análise para essa teoria. Nesse momento o autor retoma a questão dos níveis linguísticos, dizendo que a linguagem não se deixa dividir, mas sim decompor e as unidades se agrupam para juntas formar novas unidades. Conforme Benveniste (PLG-II, 2006g, p. 225),

[...] Ora, a unidade particular que é o signo tem por critério um limite inferior: este limite é o da significação; não podemos descer abaixo do signo sem perder a significação. A unidade, diremos nós, será a entidade livre, mínima em sua ordem, não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre. É então signo a unidade assim definida, dependente da consideração semiótica da língua.

Benveniste (2006g) define dois conceitos que são fundamentais para sua teoria: a noção de FORMA e de SENTIDO, afirmando que há duas maneiras distintas de ser língua, no sentido e na forma. A *forma* Benveniste relaciona ao domínio semiótico e o *sentido* ao domínio semântico. Além disso, ainda diz que a modalidade de significar está para a semiótica e a modalidade de comunicar está para a semântica (parafraseando Benveniste em PLG-II, 2006g, p. 229).

Quando Benveniste (PLG-II, 2006g, p. 229) ressalta que “a noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação”, percebemos que a *semântica* se relaciona ao eixo sintagmático, pois é no discurso que o sujeito combina as estruturas da língua de tal forma, única, que lhe confere o estatuto de irrepetível. Já o nível *semiótico* se relaciona com o eixo paradigmático, pois trabalha com o *signo* enquanto virtualidade, possibilidade de escolha, de substituição. Benveniste (PLG-II, 2006g, p. 229-230) afirma:

Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência.

[...] A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é *senão* particular.

Tomamos o artigo “O aparelho formal da enunciação”<sup>81</sup> (PLG-II, 2006h) visto ser esse o último artigo produzido por Émile Benveniste e pela razão desse artigo apresentar uma definição mais completa do conceito de enunciação.

Benveniste (2006h) inicia esse artigo promovendo uma discussão sobre a importância dada pelas descrições linguísticas ao emprego das formas. Benveniste (PLG-II, 2006h, p. 81) ressalta que há uma grande diferença entre o emprego das formas e entre o emprego da língua,

<sup>81</sup> Artigo publicado originalmente em *Langages*, Paris, Didier-Larousse, 5º ano, nº 17 (março de 1970), p. 12-18.

“são, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar”. Quanto ao emprego das formas, Benveniste acredita que é parte necessária de toda descrição. A diversidade das estruturas linguísticas é enorme, mas obedece a certos modelos determinados. Quanto ao emprego da língua, Benveniste diz que é um mecanismo que afeta a língua inteira e, então, conceitua a noção de enunciação: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006h, p. 82), comprovando que o emprego da língua é algo único e irrepitível. Torna-se importante deixar claro que a enunciação é o ato de produzir um enunciado. É o fato de o locutor mobilizar a língua por sua responsabilidade e de seu modo.

Ao tratar da enunciação, Benveniste mostra que há aspectos da enunciação a serem observados e que dentre esses aspectos citará apenas três, a saber: o aspecto fônico da enunciação; o aspecto da conversão individual da língua em discurso e o aspecto que define a enunciação no quadro formal de sua realização.

Ao falar do primeiro aspecto, a questão da realização vocal da língua, o autor chama a atenção para a questão de que ao enunciar fonicamente, seja em qualquer língua, o locutor o faz de uma forma particular, mesmo seguindo um padrão pré-determinado. E que mesmo os mesmos sons, em enunciações diferentes, não são reproduzidos exatamente iguais pelo mesmo falante, o que retorna a questão das diferentes situações de enunciação.

Quanto ao segundo aspecto, a conversão individual da língua em discurso, Benveniste (2006h) mostra que a questão aqui é ver como o “sentido” se dá em palavras, como distinguir essas noções e como descrever sua interação. Nas palavras de Benveniste (PLG-II, 2006h, p. 83): “É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância.”

Como último aspecto, dos três citados, há o quadro formal de realização da enunciação. Aspecto no qual se tenta esboçar os caracteres formais da enunciação a partir de sua manifestação individual. Esses caracteres são alguns necessários, enquanto outros são incidentais, ligando-se, portanto, à particularidade do idioma.

Isso posto, afirma-se que a língua antes da enunciação não é mais do que possibilidade de língua, ou seja, só se torna língua quando tomada por um locutor, num ato individual de enunciação. Após o ato da enunciação, a língua passa para a instância do discurso, que ao atingir o alocutário suscita uma enunciação de retorno. Vale ressaltar aqui que não importa o grau de presença desse alocutário, pois o locutor, ao se apropriar da língua, instaura uma posição de um *tu* que assume essa posição de alocutário.



O locutor ao assumir essa condição o faz por uma necessidade de referir através do discurso. Dessa forma, a referência integra a enunciação. Há na enunciação uma relação entre um *eu*, aquele que profere a enunciação e um *tu*, ao qual o *eu* se dirige, que é o indivíduo que assume lugar de alocutário. Dessa forma, o “eu” e o “tu” são “indivíduos linguísticos”, pois nascem de uma enunciação e cada vez que se tem uma enunciação nova, eles designam algo novo.

Como a enunciação se localiza em um “aqui” e um “agora”, os termos que indicam temporalidade fazem parte do aparelho da enunciação, por situar a enunciação em um dado tempo no espaço. Nesse sentido, percebe-se que o presente é o centro da enunciação e que a partir desse presente, que existe somente pelo ato da enunciação, os indivíduos têm a noção do tempo. Benveniste (PLG-II, 2006h, p. 85) comenta:

Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. [...] O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo”[...].

A enunciação fornece as condições para a instauração de lugares sintáticos que só são possíveis de ser preenchidos na e pela enunciação. Nas palavras de Benveniste (PLG-II, 2006h, p. 86): “desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções”. Portanto, ao enunciar o locutor se apropria desse aparelho formal e instaura um tu, num aqui e agora, sempre únicos e sempre irrepetíveis.

A partir do itinerário teórico traçado até então, encerramos esse capítulo, com a plena certeza de que muito ainda havia por se estudar em relação às obras PLG-I e PLG-II, visto a sua singularidade e peculiaridade. Mas se torna necessário compreender que fizemos um recorte teórico a partir dessas obras, para podermos dar conta de trabalhar com alguns conceitos que à nossa pesquisa são de extrema importância. No próximo capítulo, temos como objetivo mostrar em que medida Émile Benveniste retoma conceitos já desenvolvidos no CLG e de que modo desenvolve alguns conceitos pensados, mas não desenvolvidos no CLG.

#### 4. DE SAUSSURE A BENVENISTE: UM PERCURSO TEÓRICO

*Para Benveniste, é evidente que uma particularidade formal somente tem valor linguístico se estiver ligada a uma particularidade de sentido; no que ele é saussuriano e realmente vai mais longe já que parece estabelecer uma relação de necessidade entre sentido e forma [...]*<sup>82</sup>

*Claudine Normand*

Há muitos trabalhos acadêmicos que se endereçam ao mesmo caminho epistemológico, que por nós foi adotado. No entanto, percebemos que o que difere os estudos que percorrem essa mesma linha é o recorte teórico que cada um precisa fazer, para dar conta de cumprir os objetivos a que se propõem.

Esse recorte teórico dentro das reflexões de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste foi feito, por nós, nos capítulos dois e três. Neste capítulo que aqui se inicia, a partir desse itinerário já traçado, promovemos uma comparação (tanto para ressaltar as semelhanças, quando para tratar das diferenças) entre essas reflexões de ambos os autores, para entender em que medida Benveniste “ultrapassa”<sup>83</sup> os estudos saussurianos.

Para desenvolvermos este capítulo, trazemos presente os conceitos desenvolvidos no capítulo dois e no capítulo três, fazendo uma comparação entre eles, para dar conta de tratar de cada conceito de forma mais efetiva, subdividimos essa seção em: a) 4.1.1 O ponto de vista que define o objeto, seção dedicada a tratar das reflexões sobre o objeto, a matéria da linguística e da tarefa do linguista; b) 4.1.2 Língua e linguagem: uma dicotomia (discursiva) necessária, na qual trabalhamos com a comparação desses conceitos apresentados por ambos os autores; e c) 4.1.3 Signo linguístico, na qual abordamos as diferenças e semelhanças nas reflexões dos dois autores em relação a essa questão. A partir dessa organização, construímos este terceiro capítulo desta dissertação.

##### 4.1 SAUSSURE-BENVENISTE: UMA LEITURA (NOSSA LEITURA)

---

<sup>82</sup> Citação retirada da página 175 do artigo “Semiologia, semiótica, semântica: observações sobre o emprego desses termos por Émile Benveniste”. Esse artigo foi lido na obra “Convite à Linguística”, de Claudine Normand. Uma primeira versão desse texto proporcionou uma comunicação no *Congrès International de Sémiotique, Dresden, 1999*. Texto publicado originalmente em *Linx*, n. 44, 2001.

<sup>83</sup> Ao final desse capítulo, o uso desse termo será explicado de forma mais efetiva, e, por essa razão, optamos por deixá-lo entre aspas nesse momento.

*É que a fascinação não pode fazer com que se esqueçam as diferenças que tornam improváveis um acordo profundo: Saussure, um patriota suíço, que teria, dizem, recusado a honra do Collège de France para não ter de renunciar à sua nacionalidade; aristocrata protegido pela fortuna familiar; atraído muito jovem pelo arianismo, mais tarde pelo antissemitismo; tudo isso que se supõe ou se murmura, só podia ser estranho a Benveniste, francês e nascido na Síria, infiel ao rabinato ao qual havia sido destinado, próximo em sua juventude dos poetas surrealistas e depois do partido comunista, funcionário público discreto e solitário. Ambos dedicaram igualmente sua vida à pesquisa, fadando-a dessa maneira à austeridade e ao isolamento, mas a do segundo foi marcada por acidentes violentos: guerra, o cativeiro do qual ele escapou, a clandestinidade e os anos de exílio; e, ao retornar, teve de retomar tudo em um escritório devastado.*<sup>84</sup>

*Claudine Normand*

Iniciamos essa seção reafirmando que Benveniste foi um leitor de Saussure. No capítulo três, ao discorrer sobre a vida de Émile Benveniste, dissemos que em 1918 o autor assistiu a um curso ministrado por Antoine Meillet, o qual foi discípulo de Saussure, e que a partir desse encontro Benveniste percebeu ter assumido uma/aquela (a de Saussure) formação linguística.

Referimos também, no capítulo dois, que o CLG se tornou uma obra tão importante, não só pelo que preconizou, mas pelo que deixou para ser dito. Os editores do Curso “falamos” por Saussure e o deixam abrir um espaço para inúmeras reflexões posteriores.

Afirmar que Benveniste é um dos mais significativos leitores de Saussure é ao mesmo tempo dar-lhe uma filiação teórica e também considerar que, a partir das leituras do mestre genebrino, Benveniste construiu aquilo que se chama hoje a teoria da enunciação dentro da sua perspectiva, visto que há outras perspectivas de teorias enunciativas. Benveniste, a partir das leituras feitas do CLG, insere a questão da significação no estudo da linguagem, o que o faz instaurar um novo domínio: o domínio do discurso. Segundo Normand<sup>85</sup> (2009a, p. 153):

[...] De minha parte, li em suas análises um desenvolvimento consequente da teoria saussuriana em uma linguística da significação e, ao mesmo tempo, um deslizamento para fora do seu fundamento, o princípio semiológico do arbitrário do signo.

<sup>84</sup> Citação encontrada na página 201 do artigo intitulado “Saussure- Benveniste”, lido na obra “Convite à Linguística”, edição de 2009. Esse texto foi originalmente publicado em *Cahiers Ferdinand de Saussure: revue suisse de linguistique générale*, n. 56, 2004.

<sup>85</sup> Em artigo intitulado “Émile Benveniste: qual semântica?”, encontrado na obra “Convite à Linguística”, publicada em 2009. Ressalta-se que esse texto foi originalmente publicado em *Linx*, “Du dire et du discours”. *Hommage à Denise Maldidier*.

Sem dúvida, encontramos em Benveniste reflexões que relembram conceitos trabalhados por Saussure e apresentados no CLG. No entanto, Benveniste “ultrapassa” as reflexões saussurianas, no momento em que consegue trabalhar com questões que foram apenas previstas no CLG. Portanto, dizer que Benveniste retoma conceitos definidos por Saussure, não significa que o trabalho de Benveniste se reduza a isso, e que não tenha originalidade. Deve-se ressaltar que Émile Benveniste é um linguista extremamente importante no cenário mundial, especialmente no cenário francês, devido às suas reflexões originais sobre: sentido; sujeito; subjetividade; intersubjetividade e discurso, as quais não foram desenvolvidas no CLG e que não foram objeto de estudo de Saussure, mas que se observarmos com uma peculiar atenção, na leitura do Curso, isso está insinuado por Saussure.

Mesmo Benveniste não tendo contato direto com o mestre genebrino, encontrou-o em seus estudos por meio da publicação do CLG e da admiração de seu professor Antoine Meillet por Saussure. Nota-se, então, que Benveniste faz uma leitura e uma interpretação muito acurada das reflexões de Saussure, mesmo sem ter tido a oportunidade de entrar em contato com os seus manuscritos, pelo menos não num primeiro momento, o que nos causa surpresa. Quanto a isso, observa Claudine Normand (2009a, p. 200)<sup>86</sup>:

Teria ele realmente lido esse livro, em sua inquietante novidade? Benveniste talvez duvide disso, mas não o dirá. Ele, que escapou do encanto direto da presença e encontrou somente o texto, eco difratado dessa voz, sabe, no entanto, até que ponto esse texto incendiário pode inflamar a inteligência, seduzi-la talvez: essa contingência dos signos “arbitrários”, essa imanência do sentido que só se estabelece por estar ligada a formas, essa abertura a uma semiologia pronta para englobar tudo ou, antes, para ameaçar tudo! Mas podemos compartilhar desse desvario? Ele é desejável para a ciência para a qual sua função e suas convicções o devotam?

A partir dessa reflexão, sentimos a necessidade de tratar dessa questão de uma forma mais metodológica. Sendo assim, subdividimos essa seção para tratar dos conceitos e reflexões elencados nos capítulos um e dois. Ressalta-se que, pelo fato de neste capítulo estarmos promovendo uma leitura comparativa entre os dois autores, não seguimos, pelo menos não em todos os momentos, a mesma ordem estabelecida nos capítulos anteriores<sup>87</sup>. Começamos, portanto, com a matéria e o objeto da linguística e com a tarefa do linguista.

---

<sup>86</sup> Cf. nota 4.

<sup>87</sup> No capítulo três fizemos uma seção para falar exclusivamente do “discurso”. Como neste capítulo o domínio discursivo será o que consideramos o “ir além” de Benveniste em relação a Saussure, ele irá aparecer como uma implicação de outros conceitos, a saber: o conceito de linguagem, língua e signo.

#### 4.1.1 O ponto de vista que define o objeto

Para os propósitos deste tópico, torna-se necessário começar por trazer indícios da leitura de Saussure por parte de Benveniste e o que se manifesta na obra desse segundo autor.

Acerca da questão do objeto da linguística, no capítulo II, trabalhamos com o II capítulo da Introdução do CLG, já no capítulo III, desta dissertação, trabalhamos com três artigos “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da lingüística”; “Esta linguagem que faz a história” e “Os níveis de análise lingüística”. No entanto, anteriormente, nossa preocupação era apresentar esses conceitos. Agora, nossa preocupação é voltar a esses mesmos conceitos fazendo o mesmo recorte, mas a fim de comparar essas definições. Para tanto, reproduzimos abaixo algumas passagens, para poder, então, observar os ecos do pensamento saussuriano nas reflexões de Benveniste. Iniciamos a reflexão por um aspecto central da Linguística: *a sua matéria, o seu objeto e a sua tarefa*. Comparamos as seguintes passagens, de Saussure, à esquerda, e de Benveniste, à direita, conforme quadro 1.

<b>Matéria e objeto da Linguística; tarefa do linguista</b>	
<b>Saussure- noções conceituais</b>	<b>Benveniste- noções conceituais</b>
<b>Matéria da linguística</b>	<b>Matéria da linguística</b>
A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana (...). Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o lingüista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. (CLG, 2006, p.13).	Guy Damur –Em que a linguística se distingue das antigas ciências da linguagem como, por exemplo, a gramática, a filologia ou a fonética? Émile Benveniste – [...]Algumas das ciências das quais o senhor fala, a filologia em particular, só se ocupa do teor dos textos, de sua transmissão através dos tempos, etc. A lingüística se ocupa do fenômeno que constitui a linguagem e, naturalmente, sem negligenciar a parte da linguagem que se transforma em escrita. As preocupações dos filólogos não são as mesmas do lingüista [...] (PLG-II, 2006f, p.29 e 30).
<b>Objeto da Linguística</b>	<b>Objeto da Linguística</b>
Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. (CLG, 2006, p15).	Não há nada de substancial na linguagem. Todas as ciências da natureza encontram seu objeto constituído. A lingüística, e é isto que a diferencia de qualquer outra disciplina científica, se ocupa de algo que não é objeto, não é substância, mas <i>que é forma</i> (PLG-II, 2006f, p. 31 – grifo do autor).  Quando estudamos com espírito científico um objeto como a linguagem, bem depressa se evidencia que todas as questões se propõem ao mesmo tempo a propósito de cada fato lingüístico, e que se propõem em primeiro lugar relativamente ao que se deve admitir como <i>fato</i> , isto é aos critérios que o definem como tal (PLG-I, 2005b, p. 127).  Devemos, pois, diante da extrema complexidade da

<p>...Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.” (CLG, 2006, p.15).</p>	<p>linguagem, visar a propor uma ordem ao mesmo tempo nos fenômenos estudados, de maneira a classificá-los segundo um princípio racional, e nos métodos de análise, para construir uma descrição coerente, organizada segundo os mesmos conceitos e os mesmos critérios (PLG-I, 2005b, 127).</p> <p>A noção de <i>nível</i> parece-nos essencial na determinação do procedimento de análise. Só ela é própria para fazer justiça à natureza <i>articulada</i> da linguagem ao caráter <i>discreto</i> dos seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo. O domínio no qual a estudaremos é o da língua como sistema orgânico de signos lingüísticos (PLG-I, 2005b, p. 127).</p> <p>[...]Comprova-se, ao mesmo tempo, que esses métodos novos da lingüística assumem o valor de exemplo e mesmo de modelo para outras disciplinas, que os problemas da linguagem interessam agora a especialidades muito diversas e cada vez mais numerosas e que uma corrente de pesquisas leva às ciências do homem a trabalhar dentro do mesmo espírito que anima os lingüistas (PLG-I, 2005a, p. 19-20).</p> <p>Começemos por observar que a lingüística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza” (PLG-I, 2005a, p.20). A lingüística entra então na sua terceira fase, a de hoje. Toma por objeto não a filosofia da linguagem nem a evolução das formas lingüísticas mas, em primeiro lugar, a realidade intrínseca da língua, e visa a se constituir como ciência – formal, rigorosa, sistemática (PLG-I, 2005a, p.22).</p>
<p style="text-align: center;"><b>A tarefa do linguista</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>A tarefa do linguista</b></p>
<p>A tarefa da Lingüística será:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;</li> <li>b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos culturais peculiares da história;</li> <li>c) delimitar-se e definir-se a si própria. (CLG, 2006, p.13).</li> </ol>	<p>[...] Os lingüistas tomam consciência da tarefa que lhes cabe: estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade lingüística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais próprios (PLG-I, 2005a, p. 21).</p>

**Quadro 1- Matéria e objeto da Linguística; tarefa do linguista**

Fonte: elaborado pela autora

Percebe-se, nos fragmentos acima, uma notável semelhança entre os autores. Semelhança que comprova que as origens das reflexões feitas por Benveniste têm relação com os estudos saussurianos

A partir do exposto no Quadro 1, pode-se perceber que os autores têm preocupações em comum. Quanto à *matéria da lingüística*, ambos afirmam que ela se compõe pelas manifestações da linguagem. Pensando no *objeto da lingüística*, ambos os autores afirmam que a lingüística é uma ciência cujo objeto se difere das demais, visto que a dificuldade em defini-lo reside no fato de que ele não é dado previamente. Saussure afirma que o modo como se olha para o objeto é que o define como tal. Enquanto Benveniste ressalta que ao tomar a linguagem como objeto há de se definir o que se admite como “fato lingüístico”, encontrar critérios que o definem como tal. Segundo Flores e Barbisan<sup>88</sup> (2009, p. 16), com relação ao texto “Os níveis de análise lingüística” (PLG- I), “Percebe-se, nesse estudo, de Benveniste, a preocupação com o método de análise, com a incidência do ponto de vista assumido pelo linguista para a definição do seu objeto, o que já se encontra em Saussure.” Parece-nos, então, que há uma semelhança no que ambos apresentam acerca do objeto dessa ciência chamada Linguística.

Quando Benveniste assevera que para definir o que é “fato lingüístico” é preciso ter critérios, introduz a noção de *nível de análise*, o que faz jus à natureza articulada da linguagem. Ao apresentar a noção de *níveis*, Benveniste apresenta dois domínios: o domínio da *forma* (semiótico) e o domínio do *sentido* (semântico). Isso posto, percebe-se uma remissão aos pensamentos saussurianos, no que diz respeito à natureza articulada da linguagem e, portanto, à ideia de que a língua é um sistema de signos. Mas, ao mesmo tempo, Benveniste introduz uma questão não trabalhada por Saussure: o *sentido*.

Flores e Barbisan (2009, p. 18) afirmam que “a lingüística de Benveniste conserva muitos aspectos oriundos da lingüística saussuriana. O principal deles é, sem dúvida, a noção de *sistema* e, por essa, a noção de *valor*.” No entanto, ao trabalhar com a noção do valor do signo, ele considera o valor atrelado ao uso da língua. Portanto, para Benveniste, enquanto as formas não forem colocadas/engendradas no uso, ou seja, na apropriação do locutor do sistema da língua, os signos não fazem sentido. Sendo assim, sem o discurso a língua é somente uma possibilidade de língua. Os signos tornam-se plenos quando ganham sentido único em dada situação comunicativa, ou seja, em dada enunciação que a cada vez é única e irrepetível.

---

<sup>88</sup> Essa citação foi retirada da apresentação à obra “Convite à lingüística” de Claudine Normand.



Ao pensar na *tarefa da linguística*, temos algumas questões que se assemelham entre os autores e outras que são divergentes. Ambos afirmam que é tarefa da linguística descrever a língua e definir-se a si própria. No entanto, Saussure comenta que essa descrição deve levar em conta a história das línguas; por sua vez, Benveniste afirma que deve ser levada em conta a realidade linguística atual. Portanto, para Saussure, a descrição sincrônica deve basear-se em uma reflexão diacrônica da língua, enquanto, para Benveniste, a descrição deve ser, principalmente, sincrônica, não precisando, pois, da diacronia para descrever um fenômeno linguístico que deve ser atual, uma vez que as formas da língua são atualizadas enunciativamente em um aqui e agora.

Ao comparar o que os autores apresentam acerca do objeto da linguística, nota-se que a relação sobre a língua e a linguagem está aí imbricada. Portanto, abrimos a próxima seção para tratar de forma mais efetiva desses conceitos amplamente desenvolvidos por esses dois teóricos.

#### 4.1.2 Língua e linguagem: uma dicotomia (discursiva) necessária

Assim como foi feito na subseção anterior, abaixo reproduzimos algumas passagens, utilizadas nos capítulos dois e três, para prosseguirmos com nossas reflexões. Nesta subseção, observamos como os dois autores teorizam e trabalham com os conceitos de *língua* e de *linguagem*. Comparamos as seguintes passagens, de Saussure, à esquerda, e de Benveniste, à direita, de acordo com o Quadro 2.

<b>Língua e linguagem</b>	
<b>Saussure- noções conceituais</b>	<b>Benveniste- noções conceituais</b>
<b>Linguagem</b>	<b>Linguagem</b>
	<p>[...]a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem [...] (PLG-I, 2005a, p.20).</p> <p>A linguagem reproduz a realidade (PLG-I, 2005a, p. 26).</p> <p>[...] Falar de instrumento, pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda, não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] (PLG-I, 2005d, p. 285).</p>

<p>[...] E ainda mais: 3.º A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. Finalmente: 4º A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. [...] (CLG, 2006, p. 16).</p> <p>A linguagem é multiforme e heteróclita,[...] ela pertence ao domínio social e ao domínio individual, não se deixando classificar em nenhuma categoria de fatos humanos. (CLG, 2006, p. 17).</p>	<p>Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (PLG-I, 2005d, p. 285).</p> <p>É na e pela linguagem que o homem se constitui como <i>sujeito</i>; porque só a linguagem fundamenta na realidade sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. [...] É “ego” que <i>diz ego</i>. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo <i>status</i> lingüístico da “pessoa” (PLG-I, 2005d, p. 286).</p> <p>A instalação da “subjetividade” na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem a categoria de pessoa (PLG-I, 2005d, p. 290).</p> <p>A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como <i>eu</i> e a um parceiro como <i>tu</i>. (PLG-I, 2005d, p. 289).</p> <p>Eu não emprego <i>eu</i> a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um <i>tu</i>. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne <i>tu</i> na alocação daquele que por sua vez se designa por <i>eu</i>. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como <i>eu</i> no seu discurso. (PLG-I, 2005d, p. 286).</p> <p>[...] É na instância do discurso na qual <i>eu</i> designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. PLG – I, 2005d, p. 288).</p> <p>Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que deve caber à significação. (PLG-II, 2005g, p. 222).</p> <p>Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada. Mas ela tem também um outro caráter totalmente diferente, mas</p>
---	--

	<p>igualmente necessário e presente em toda a língua real, ainda que subordinado ao primeiro, eu insisto: o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de som emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido. É este duplo aspecto, inerente à linguagem, que é distintivo. Diremos, como Saussure, a título de primeira aproximação, que a língua é um sistema de signos. (PLG-II, 2006g, p. 223- 224).</p>
<b>Língua</b>	<b>Língua</b>
<p>A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação (CLG, 2006, p.17).</p> <p>A língua é um sistema de signos que exprimem idéias... (CLG, 2006, p.24).</p> <p>Recapitulemos os caracteres da língua:  1º. Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem [...].  2º. A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. [...]  3º. Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea [...]  4º A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. [...] (CLG, 2006, p.22 -23).</p> <p>Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não- de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem (CLG 2006, p. 18).</p> <p>[...] Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (CLG 2006, p.21)</p> <p>A língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto que a linguagem não o é (CLG, 2006, p.24).</p>	<p>[...] as línguas sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza (PLG-I, 2005a, p.20).</p> <p>[...] a língua se caracteriza menos pelo que exprime do que pelo que distingue em todos os níveis [...] (PLG-I, 2005a, p.24).</p> <p>Isso é o que faz com que a língua seja um sistema em que nada signifique em si e por vocação natural, mas em que tudo signifique em função do conjunto; a estrutura confere às partes a sua “significação” ou a sua função. Isso é também o que permite a comunicação indefinida: como a língua é organizada sistematicamente e funciona segundo regras de um código, aquele que fala, pode, a partir de um pequeníssimo número de elementos de base, constituir signos, depois grupos de signos e finalmente uma variedade indefinida de enunciados, todos identificáveis por aquele que os percebe pois o mesmo sistema está estabelecido nele (PLG-I, 2005a, p.24).</p> <p>[...] É das línguas que se ocupa o lingüista e a lingüística é em primeiro lugar a teoria das línguas [...] (PLG-I, 2005a, p.20).</p> <p>É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância (PLG-II, 2006h, p. 83).</p> <p>A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização (PLG-II, 2006h, p.82).</p> <p>Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. [...] O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo”[...] (PLG-II, 2006h, p. 85).</p> <p>Desde o momento em que o enunciador se serve da língua</p>

<p>De fato, nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores [...] (CLG, 2006, p.86).</p> <p>Um dado estado de língua é sempre produto e fatores históricos e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição (CLG, 2006, p.86).</p> <p>[...] Não se podem modificar, de um momento para outro, leis existentes e herdadas? Essa objeção nos leva a situar a língua em seu quadro social e formular a questão como a formularíamos para as outras instituições sociais. Como se transmitem as instituições? Eis a questão mais geral, que engloba a da imutabilidade. Cumpre, primeiramente, avaliar a maior ou menor liberdade de que desfrutam as outras instituições; ver-se-á que para cada uma delas existe um equilíbrio diferente entre a ação livre da sociedade CLG (2006, p.86).</p>	<p>para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções (PLG-II, 2006h, p. 86).</p>
--	---

#### Quadro 2- Língua e linguagem

Fonte: elaborado pela autora

Nos fragmentos acima apresentados no Quadro 2, nota-se, assim como na reflexão feita na seção anterior, que há uma semelhança entre alguns conceitos dos dois autores. No entanto, ao contrário do que se observou na seção anterior ao trabalharmos com a *matéria e do objeto da linguística* e com a *tarefa do linguista*, ao tratar da *língua* e da *linguagem* percebe-se que Benveniste apresenta alguns aspectos não abordados por Saussure.

Algumas críticas feitas a Saussure afirmam que quando fala que a linguagem pertence ao domínio social, assim como ao individual, ele estaria tratando de algo que é exterior à linguística. No entanto, ao dizer isso, Saussure não está fazendo referência ao que é exterior à linguagem, ele se refere ao fato de a linguagem exigir ao mesmo tempo um sistema que está estabelecido e uma evolução. Dessa forma, Saussure trabalha com a noção de que a linguagem é uma instituição atual derivada de uma evolução do passado.

Essa mesma crítica é feita a Benveniste em relação ao fato de ele colocar o “sujeito” como centro da investigação linguística. No entanto, Benveniste não estuda o sujeito do mundo, mas sim o locutor que, ao se apropriar da língua, se constitui como sujeito e deixa suas marcas de subjetividade. Benveniste se detém ao estudo das marcas linguísticas deixadas por esse locutor no estudo da linguagem. Segundo esse autor, é por meio da apropriação do sistema formal da língua que o locutor se torna sujeito, transformando a língua em *língua-discurso*.

Ao estudar essas marcas, Benveniste “ultrapassa” os estudos de Saussure, pois, a partir disso, Benveniste mostra que a linguagem possibilita a subjetividade. Essa subjetividade,

segundo o autor, se evidencia no exercício do discurso no qual um eu (locutor) se enuncia a um tu (alocutário) em momento e espaço únicos e irrepetíveis. Poderíamos dizer que Saussure já insinuava uma preocupação com o sujeito – aquele que fala, aquele que coloca a língua em funcionamento, principalmente se considerarmos o circuito da fala proposto por Saussure, para o qual se apresenta a seguinte afirmação: “Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala” (CLG, 2006, p. 19). Há de se deixar claro que não estamos dizendo que Saussure apresentou a questão do “sujeito” tal como Benveniste. Apenas estamos considerando que há uma insinuação dessa questão nas reflexões saussurianas, mas que quem efetivamente trabalha com o as marcas deixadas pelo “sujeito falante” é Benveniste.

Ao trabalhar com a língua em uso, em funcionamento, Benveniste (2005d) afirma que “eu” e “tu” são categorias do discurso que somente se tornam signos plenos, no momento em que um locutor se apropria da língua, transformando-a em discurso. Interessante perceber que mesmo a introdução do sujeito e, conseqüentemente, do sentido no estudo descritivo da língua, não parece estar tão distante do que Saussure propunha em suas reflexões. No entanto, há de se considerar que a língua enquanto sistema e a noção de signo linguístico formado por um significante e um significado estão presentes nos estudos de Benveniste.<sup>89</sup> A diferença reside na presença de um estudo que prioriza o uso da língua. Quanto a isso, afirma Claudine Normand<sup>90</sup> (2009a, p.148) em:

Essa reintrodução constante do sentido e do sujeito, orientando a estrutura e, até mesmo, explicando-a, pode parecer bastante distante das posições saussurianas, mesmo que o método adotado esteja estritamente conforme a definição do signo, não separando jamais forma e sentido, mesmo que as distinções nocionais somente se constituam na e pela estrutura morfológica; fica sugerido, entretanto, que algo tenta ser dito, ser traduzido, em uma forma, o que estabelece sorrateiramente a oposição metafísica que Saussure havia abandonado [...].

A introdução do sujeito, no estudo da linguagem, faz com que alguns pensem, equivocadamente, que Benveniste está considerando o que é exterior à linguística. Isso não procederia, pois assim como Saussure, Benveniste é estruturalista (conforme afirmam seus leitores) na medida em que suas descrições se baseiam essencialmente naquilo que é interior à

<sup>89</sup> Ressalta-se que Benveniste não considera a relação entre significante e significado uma relação arbitrária, mas sim uma relação necessária. Como essa reflexão será feita na seção destinada exclusivamente para falar do signo linguístico, não nos aprofundaremos nessa questão, nesse momento.

<sup>90</sup> Em artigo intitulado “*Interior/exterior: função de uma metáfora*”, lido na obra “*Convite à Linguística*” e originalmente publicado em *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 50, 1997.

língua. O sujeito de que se fala aqui é aquele que se apresenta pelas marcas deixadas pelo locutor em seu enunciado. Portanto, a descrição da língua, segundo Benveniste (2005d) se baseia na descrição das marcas subjetivas que o locutor imprime em seu discurso. Dessa forma, se ambos os autores se distanciam quanto à questão do que priorizam em seus estudos, eles se assemelham no fato de ambos promoverem descrições estruturais. Segundo Normand (2009a, p. 149)

Quanto à demarcação positivista, pela qual Saussure isolava um objeto língua, *interno*, definível por um determinado número de propriedades, ela é inicialmente adotada por Benveniste, como vimos, quando ele descarta a questão do referente. Depois, ela é superada ou, talvez, simplesmente alterada, com a introdução da oposição *semiótico/semântico*, e com a afirmação de que é preciso fazer duas linguísticas, a do sistema e a do uso do sistema que faz intervir o *exterior* referencial e contextual. O enigma saussuriano da língua fica deslocado para o enigma de sujeitos que, pela língua, ao mesmo tempo se constituem, eles próprios, em sua interioridade e se falam mutuamente sobre o mundo exterior, em enunciados cada vez particulares, “acontecimentos que desaparecem”, cujo estudo semântico pode causar problema.

Benveniste considera a linguagem essencial, pois é através dela que o sujeito se constitui como pessoa. É por meio da linguagem que o sujeito vive e convive em sociedade. Portanto, para Benveniste, a linguagem é parte constitutiva do sujeito. Normand (2009a, p.150) afirma que “[...] Em Benveniste, longe de ser assim delimitada, ela introduz uma filosofia do sujeito e do sentido, uma fenomenologia que daria à linguagem um lugar central, constitutivo do ser humano”. Isso posto, percebe-se que Benveniste considera a língua um sistema de signos assim como Saussure o faz e que, portanto, a noção de relação se torna extremamente importante para ambos. No entanto, Benveniste se propõe a analisar a língua em uso e, portanto, a maneira como o sentido se constrói na enunciação, e isso não foi feito (explicitamente) por Saussure.

Se Benveniste retoma o conceito de signo, torna-se necessário tratar especificamente sobre essa questão, e isso é o que fazemos na próxima subseção.

### 4.1.3 Signo linguístico

Nesta subseção, observamos como os dois autores trabalham com o conceito de *signo linguístico*. Quanto a essa questão há um artigo de Benveniste intitulado “Natureza do signo linguístico”, o qual faz remissão explícita aos estudos saussurianos. Esse artigo, como o próprio nome diz, destina-se a analisar a maneira como Saussure define a natureza do signo



linguístico. Não trataremos apenas desse artigo, mas iniciaremos nossas reflexões por ele. Comparamos as seguintes passagens, de Saussure, à esquerda, e de Benveniste, à direita, de acordo com o Quadro 3

<b>Signo linguístico</b>	
<b>Saussure – noções conceituais</b>	<b>Benveniste – noções conceituais</b>
<b>Arbitrariedade do signo linguístico</b>	<b>Arbitrariedade do signo linguístico</b>
<p>Por sua vez, a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja (CLG, 2006, p.132).</p> <p>O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: <i>o signo linguístico é arbitrário</i> (CLG, 2006, p.81, grifos do autor).</p>	<p>[...] E é como uma verdade evidente, não ainda explícita, mas incontestada na realidade, que Saussure ensinou que a natureza do signo é <i>arbitrária</i>. [...] (PLG-I, 2005c, p. 53, grifos do autor).</p> <p>[...] Está claro que o raciocínio é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade [...] (PLG-I, 2005c, p.54).</p> <p>[...] Há, pois contradição entre a maneira como Saussure define o signo linguístico e a natureza fundamental que lhe atribui (PLG-I, 2005c, p.55).</p> <p>Assim, quanto ao signo linguístico um dos componentes do signo, a imagem acústica, constitui o seu significante; outra, o conceito, é o seu significado. Entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é necessário [...] (PLG-I, 2005c, p.55).</p> <p>O significante e o significado, a representação mental e a imagem acústica são, pois, na realidade duas faces de uma mesma noção e se compõem juntos como o incorporante e o incorporado. O significante é a tradução fônica de um conceito; o significado é a contrapartida mental do significante. Essa consubstancialidade do significante e do significado garante a unidade estrutural do signo linguístico (PLG-I, 2005c, p. 56).</p> <p>Vemos agora, e podemos delimitar, a zona do “arbitrário”. O que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro. [...] (PLG-I, 2005c, p. 56).</p> <p>[...] O arbitrário só existe aqui em relação com o fenômeno ou o objeto <i>material</i> e não intervém na constituição própria do signo (PLG-I, 2005c, p.57, grifos do autor).</p> <p>Não é entre o significante e o significado que a relação ao mesmo tempo se modifica e permanece imutável, é entre o signo e o objeto [...] (PLG-I, 2005c, p.58).</p>
<b>O valor do signo linguístico</b>	<b>O valor do signo linguístico</b>
<p>...a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus</p>	<p>[...]Quando se considera o signo em si mesmo e enquanto portador de um valor, o arbitrário se encontra necessariamente</p>



<p>termos (CLG, 2006, p.95).</p> <p>Acrescentamos ainda que quanto mais um sistema de valores seja complexo e rigorosamente organizado, tanto mais necessário se faz, devido à sua complexidade, estudá-lo sucessivamente segundo seus dois eixos [...] (CLG, 2006, p.96).</p> <p>[...] Sistema algum apresenta esse caráter tanto quanto a língua: em parte alguma se encontra igual precisão de valores em jogo, um número tão grande e uma diversidade tamanha de termos, numa dependência recíproca tão estrita. A multiplicidade dos signos, já invocada para explicar a continuidade da língua, nos impede absolutamente de estudar-lhe, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema (CLG, 2006, p.96).</p> <p>O que haja de idéia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação (CLG, 2006, p. 139).</p> <p>[...] Mas sendo a língua o que é, de qualquer lado que a abordaremos, não lhe encontraremos nada de simples; em toda parte e sempre, esse mesmo equilíbrio de termos complexos que se condicionam reciprocamente. Dito de outro modo, a <i>língua é uma forma e não uma substância</i> [...]” (CLG, 2006, p. 141).</p> <p>Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; língua há em que é impossível dizer “sentar-se ao sol” (CLG, 2006, p.135).</p> <p>Para compreender por que a língua não pode ser senão um sistema de valores puros, basta considerar os dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento: as idéias e os sons (CLG, 2006, p. 130).</p> <p>Poder-se-ia chamar à língua o domínio das articulações, tomando esta palavra no sentido definido na p. 18: cada termo lingüístico é um pequeno membro, um <i>articulus</i>, em que uma idéia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma idéia (CLG, 2006, p.131).</p> <p>O valor, tomado em seu aspecto conceitual constitui, sem dúvida, um elemento da significação [...] (CLG, 2006, p.133).</p> <p>Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente</p>	<p>eliminado. [...] o valor é um elemento do signo; se o signo tomado em si mesmo não é arbitrário, como pensamos havê-lo demonstrado, segue-se que o caráter “relativo” do valor não pode depender da natureza “arbitrária” do signo [...] (PLG-I, 2005c, p.59).</p> <p>[...] Quem diz sistema diz a organização e adequação das partes numa estrutura que transcende e explica os seus elementos. Tudo aí é tão necessário que as modificações do conjunto e do pormenor se condicionam reciprocamente. A relatividade dos valores é a melhor prova de que dependem estreitamente uns dos outros na sincronia de um sistema sempre ameaçado, sempre restaurado (PLG-I, 2005c, p.59).</p>
---	--

diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (CLG, 2006, p.136).	
<b>A dupla face do signo linguístico</b>	<b>A dupla face do signo linguístico</b>
<p>O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (<i>empreinte</i>) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (CLG, 2006 p. 80).</p> <p>Chamamos <i>signo</i> a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no seu uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas [...] (CLG, 2006, p. 81).</p>	<p>[...] Um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preencher uma função integrativa. Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como “parte integrante” da unidade de nível superior, da qual se torna o integrante (PLG-I, 2005b, p. 133).</p> <p>Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos constituinte e integrante (PLG-I, 2005b, p. 135).</p> <p>É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura (PLGI, 2005b, p.140).</p>

### Quadro 3 - Signo linguístico

Fonte: elaborado pela autora

Fica claro, ao ler o Quadro 3 acima, principalmente o trecho que fala sobre a questão da arbitrariedade do signo linguístico, a constatação feita por Benveniste de um falseamento no pensamento saussuriano. Benveniste afirma que há um falseamento entre o modo como Saussure define o signo linguístico e a natureza que lhe atribui. Sabemos que Saussure atribui dois princípios ao signo linguístico, o primeiro seria o princípio da arbitrariedade e o segundo o princípio da linearidade. A crítica de Benveniste não se refere diretamente ao pensamento saussuriano, mas sim ao modo como o primeiro princípio do signo foi nomeado, o que faz com que a definição da natureza do signo seja um tanto contraditória em relação à sua própria definição. Justamente por achar que a definição do signo está coerente, mas não a sua nomeação, é que Benveniste caracteriza como sendo um falseamento no pensamento saussuriano.

Como se pode constatar, Benveniste não concorda com o primeiro princípio do signo linguístico segundo Saussure. Sendo assim, para Benveniste, a relação entre o significante e o significado não é uma relação arbitrária, mas sim uma relação necessária. O autor justifica esse pensamento, refletindo sobre o fato de que o significante e o significado são faces de uma mesma noção e que, portanto, essa relação é necessária e não arbitrária. Benveniste mostra

que a lógica estabelecida por Saussure é exatamente essa, mas que o problema está na nomeação desse princípio.

Essa questão é importante para Benveniste, no sentido de que a partir dela o autor consegue transcender os estudos saussurianos. Segundo Normand (2009a, p. 201)<sup>91</sup>, Benveniste nunca alterou essa crítica feita no artigo de 1939:

[...] Benveniste jamais modificou a crítica feita em 1939 e conservada na compilação de 1966, ainda que todos os outros estudos sejam posteriores a 1945. A ligação, ele dizia, é arbitrária somente do ponto de vista de Sirius, entre a coisa e o nome; entre o significante e o significado, ela é, ao contrário, “necessária” para todo locutor.

Outro aspecto importante a se chamar atenção, quando se pensa no signo linguístico, é a reflexão sobre o valor do signo linguístico. A esse respeito, Saussure ressalta que a língua é um sistema de valores. O valor do signo está atrelado à ideia de relação dos signos no sistema linguístico. Benveniste mostra que justamente por essa ideia de relação é que se comprova a relação de necessidade e não de arbitrariedade existente entre o significante e o significado.

Portanto, a partir do que foi dito sobre a noção da necessidade entre as partes do signo linguístico, Benveniste consegue mostrar que não é apenas uma questão de retificação, mas sim uma questão de princípio, pois sendo uma necessidade a relação entre as partes do signo, elas dependem uma da outra para fazerem sentido, e esse sentido somente se efetiva no discurso. Normand (2009a, p. 147) quanto a isso assevera:

Da mesma maneira, fica recusada toda independência da forma fônica. A união significante/significado - colocada como uma necessidade - é aquilo que constitui o signo, o que define um fenômeno linguístico. Em todas as suas análises concretas, Benveniste se empenhará para mostrar como uma diferença formal está associada a uma diferença de sentido, ainda que seja sempre necessário se esforçar para explicar as anomalias aparentes. Por exemplo, uma única forma para dois sentidos ou duas formas para um mesmo sentido. Portanto, não se trata, em absoluto, de opor uma forma externa a um conteúdo interno.

Benveniste reformula a aparente confusão apresentada no CLG, quanto à noção da “arbitrariedade” do signo linguístico. Podemos dizer que, para Benveniste, significante está para semiótico, assim com significado está para semântico. Sendo assim, se observarmos o que está contido no artigo de 1964 de que “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua” (PLG-I, 2005b, p.135), percebemos que efetivamente para o autor a relação do significante com o significado tem de ser “necessária” e não “arbitrária”, visto que essa relação se dá no uso da língua e

---

<sup>91</sup> Cf. nota 4.

necessariamente *forma* e *sentido* se completam no discurso. Portanto, essa reformulação feita por Benveniste em relação a um dos princípios do signo linguístico torna-se extremamente importante, pois determina um dos aspectos através dos quais o autor “vai além” dos estudos saussurianos. De acordo com Normand (2009a, p. 146 e 147),

Seu projeto inicial é o de “ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante”, o que o leva a tomar posição tanto sobre a ligação forma-sentido quanto sobre o referente. Sobre a relação ao referente, sua posição é, inicialmente, a de Saussure: seu estudo fica excluído da linguística. Sabe-se que ele corrige a formulação do CLG, julgada confusa, afirmando que o *arbitrário*, ao contrário do que parece dizer o CLG, é somente entre o signo e a realidade exterior à língua, uma vez que a relação entre o significante e o significado é, por sua vez, “necessária” aos olhos do locutor.

Importante ressaltar que, ao considerar essa relação de necessidade, Benveniste demonstra que a sua preocupação não reside no fato da relação pura entre significante e significado, mas no fato de que essa relação somente se confirma no uso concreto da língua, portanto no discurso. Antes do discurso, o signo para Benveniste é apenas uma possibilidade de uso, no entanto, no discurso ele ganha o sentido desejado pelo locutor e mostrando, portanto, que é o discurso que é doador de sentido. Segundo Normand (2009a, p. 147),

Benveniste reconduz, primeiramente, o que diz o CLG à antiga posição convencionalista sobre a origem da linguagem (*Thései*): o elo entre o objeto exterior e o signo é convencional, já que o signo é somente, então, o “símbolo fônico da realidade”, em termos mais recentes diremos que é a designação que é arbitrária. [...] Em favor dessa retificação, Benveniste adota, portanto, uma posição radical de imanência, afirmando que é preciso deixar de lado “o problema metafísico da relação entre o espírito e o mundo. Problema que o linguista estará, talvez um dia, em condições de abordar com sucesso, mas que, por ora, é melhor abandonar.”

Percebe-se que ao trabalhar com as noções de semiótico e semântico, Benveniste ainda considera a língua um sistema de signos, mas acrescenta a essa noção a língua em uso, pois somente no uso é que pode observar o sentido que se constrói. Ao introduzir a noção do sentido, o linguista introduz um outro conceito, de referência, pois cada enunciação se realiza através de um locutor que se apropriando da língua determina os caracteres linguísticos de sua enunciação. Segundo Normand (2009a, p. 147),

Contudo, essa posição se modificou no decorrer do tempo. Após ter radicalmente separado *designação* e *significação*, remetendo a primeira aos filósofos e a segunda aos linguistas, Benveniste, a partir de 1964, ao introduzir a distinção *semiótico/semântico*, ou seja, ao lado do sistema, o estudo da língua em emprego no discurso, introduz do mesmo modo a referência no estudo (linguístico) do *semântico*, ao mesmo tempo em que tudo o que faz o contexto de uma enunciação.

Sem dúvida, dizer que somente Benveniste foi além de Saussure é tirar-lhe o crédito de ter criado um outro domínio. Torna-se importante ressaltar que, muito mais do que “ir além”, Benveniste parte das reflexões saussurianas para imprimir a sua própria subjetividade na criação daquilo que, posteriormente, viria a ser chamada de teoria da enunciação (dentro dos seus estudos). Benveniste mantém a ideia de língua enquanto sistema de signos e de signo como composto por significante e significado. No entanto, ao dizer que a linguagem possibilita a subjetividade e que essa subjetividade somente se realiza no discurso, esse autor vai muito mais do que além, ele cria um novo domínio de estudo da língua e se consagra como um linguista extremamente importante dentro dos estudos enunciativos. Nesse mesmo sentido, confirma Normand (2009a, p. 202),

Aqui Benveniste se separa de Saussure sem avisar. Ele nos diz que é somente questão de “ir além” no estudo da significação; de fato, pode-se pensar que ele vai para outro lugar; retoma a uma fenomenologia que um estruturalismo metodológico não tinha abarcado, dá abertura a descrições que integram os traços da subjetividade nos enunciados e sua presença ativa em suas estruturas comuns, seu aparelho “semiótico”, mas conciliar esse gesto saussuriano com a singularidade subjetiva, a comunicação sempre situada, o “acontecimento evanescente” que é todo enunciado, analisar “o semântico”, essa era a aposta de Benveniste.

Sendo assim, um estudo do sentido é o que difere Benveniste de Saussure. Ao considerar o domínio do semiótico atrelado ao domínio do semântico, Benveniste instaura um domínio não desenvolvido nos estudos de Saussure: o domínio da enunciação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este trabalho anunciando que as considerações, que neste momento apresentamos, não trazem nenhuma reflexão verdadeiramente nova ao conjunto da pesquisa. As reflexões que colocam em comparação os dois linguistas (Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste) estão presentes ao longo da dissertação. Sendo assim, o conteúdo expresso neste item serve mais para cumprir uma formalidade, do que propriamente para trazer elementos inéditos ao conteúdo teórico deste estudo.

Apresentamos, ao longo desta dissertação, uma leitura teórico-crítica sobre o modo como Émile Benveniste retoma as reflexões saussurianas e em que medida ele as ultrapassa. Para tanto, voltamos às origens e abordamos conceitos apresentados nos Cursos ministrados pelo mestre genebrino Ferdinand de Saussure.

Ao iniciar este estudo, tínhamos duas questões norteadoras, a saber: a) Benveniste retoma o quadro saussuriano ao longo de seus estudos enunciativos?; b) Benveniste transpõe os estudos saussurianos, ao trabalhar com a irrepetibilidade do aqui e do agora, instaurando um novo domínio: o da enunciação?

Foi possível comprovar que Benveniste retoma o quadro saussuriano, pois compreende a língua como um sistema de signos. Além disso, para Benveniste, assim como para Saussure, a relação entre as partes desse sistema se faz de extrema importância na constituição da língua.

Comprovamos, também, que Benveniste “ultrapassa” os estudos saussurianos, no sentido de que instaura um novo domínio de estudo: o da enunciação. Para Benveniste a enunciação se dá em um ato único e irrepetível de apropriação da língua por um sujeito que se faz locutor e imprime em seu discurso as marcas da sua subjetividade. Nessa perspectiva, pensando o sentido que é sempre único, já que se dá sempre por um sujeito em um aqui e agora, o autor desenvolve algo não trabalhado por Saussure. Benveniste propõe um estudo de língua que descreve a língua sob dois domínios: o domínio do semiótico e o domínio do semântico, os quais ocorrem simultaneamente no ato da enunciação.

Para atingir o objetivo de selecionar conceitos teóricos tanto de Saussure quanto de Benveniste, no intuito de mostrar como eles foram tomados pelos autores e leitores, promovemos uma leitura singular tanto do “Curso de Linguística Geral”, quanto das obras “Problemas de Linguística Geral I e II”, elegendo recortes teóricos, que se fizeram necessários, para que a dissertação fosse exequível.

Apresentamos como justificativa na introdução e reafirmamos agora que este estudo poderá servir de base para outras pesquisas que tenham como suporte teórico estudos de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste.

Isso posto, traçamos um itinerário de leitura e escrita, dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos algumas reflexões acerca do que compreendemos por epistemologia da linguística, no sentido de justificar a escolha de um estudo fundamentalmente teórico. Em seguida, no segundo capítulo, trabalhamos com a apresentação da vida e da obra de Ferdinand de Saussure, passamos pela escolha de reflexões feitas pelo autor e apresentadas no CLG. No terceiro capítulo, procedemos com a apresentação da vida e da obra de Émile Benveniste, passamos pela escolha de reflexões feitas pelo autor, trabalhadas em alguns artigos, encontrados no PLG-I e no PLG-II. E, no quarto capítulo, elaboramos quadros de citações, através dos quais, promovemos a comparação entre os conceitos desenvolvidos pelos dois autores.

Ao longo desse estudo, percebemos que muitas reflexões feitas por Saussure, especialmente na primeira década de 1900, e por Benveniste, principalmente entre 60-70,<sup>92</sup> se assemelham, principalmente no que diz respeito ao objeto e à matéria da linguística, assim como à tarefa do linguista. Ambos afirmam que é preciso haver um rigor naquilo que se admite como objeto e como tarefa, para assim desenvolver métodos adequados que tornem a linguística uma ciência. Além disso, ambos asseveram que a língua é um sistema de signos que se define mais por suas diferenças do que por suas semelhanças.

Todavia, Benveniste “vai além” de Saussure, pois instaura o sujeito no centro do estudo da linguagem. Dessa forma, o primeiro trabalha com questões como subjetividade, intersubjetividade, discurso e sentido, não trabalhadas por Ferdinand de Saussure. Concluimos, portanto, que dizer que Benveniste “vai além” de Saussure pode reduzir a originalidade das reflexões desse importante linguista. Muito mais do que “ir além”, Benveniste instaura um novo domínio de estudo, que é o domínio do *discurso*.

Ficamos com a plena certeza de que poderíamos ter feito de diferentes maneiras esse percurso teórico, mas que a maneira por nós escolhida nos pareceu a mais adequada nesse momento. Certos de que muito ainda há por se estudar dentro dessa área, e de que esse foi apenas o início, encerramos esta dissertação. Fica aqui a certeza de que a linguagem constitui o homem e que, a partir dela, o sujeito se constitui como dono do seu próprio dizer.

---

<sup>92</sup> Período em que o autor desenvolve suas reflexões acerca de questões enunciativas.



## REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2010.
- AUROUX, Sylvain. *A questão da origem das línguas seguido de a historicidade das ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joaquinho. Campinas: RG Editora, 2008.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da lingüística. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005a. p. 19-33.
- \_\_\_\_\_. Os níveis de análise lingüística. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005b. p. 127-140.
- \_\_\_\_\_. Natureza do signo lingüístico. In : \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005c. p. 53-59.
- \_\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005d. p. 284-293.
- \_\_\_\_\_. A natureza dos pronomes. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005e. p. 277-292.
- \_\_\_\_\_. Saussure após meio século. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005i. p. 34-49.
- \_\_\_\_\_. Esta linguagem que faz a história. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006f. p. 29-40.
- \_\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006g. p. 220-242.
- \_\_\_\_\_. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006h. p. 81-92.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. Carlos A. L. Salum; Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 1997.

BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. Prefácio. In: SAUSSURE, Fernand de. *Escritos de Linguística Geral*. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum; Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Trad. Aída Férreas et al. São Paulo: Pontes/Educ, 1992.

CARDOSO, Jeferson Lopes. *Princípios de análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA/Academia Brasileira de Letras. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: I. O campos do Signo, 1945/1966*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Federal de Campinas, 1993.

FLORES, Valdir do Nascimento. Por que gosto de Benveniste?. *Desenredo*, Passo Fundo: UPF Editora, v.1 n.2, jul./dez., 2005, p.127–138.

FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana; LICHTENBERG; WIEGERT, Thaís. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008a.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008b.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci B. Apresentação. In: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; ENDRUWEIT, Magali Lopes. Émile Benveniste. In: FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene; FINATTO, Maria José Bocorny; BARBISAN, Leci. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Benveniste*. No prelo. 2011.

LEMOS, Claudia Thereza Guimarães de. Prefácio. In: SILVEIRA, Eliane. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. A unidade da linguística. *Caleidoscópio*, v. 6, n. 3, p. 160-163, set/dez 2008.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. História da Linguística. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

MILANI, Sebastião Elias. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. *Letras & Letras*, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009.

NAUJORKS, Jane da Costa. *Leitura e enunciação*: princípios para uma análise do sentido na linguagem. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NORMAND, Claudine . *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009a.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009b.

SAUSSURE. Ferdinand. *Escritos de Linguística Geral*. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum; Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad. de Antônio Chelini. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Adriana Pozzani de La Vielle e. Enunciação e “edições de revistas”: a teoria de Émile Benveniste como base para analisar a reformulação de livros. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/Vertentes34/Adriana%20Vielle.pdf>. Acesso em: 02 de janeiro de 2012.

SILVEIRA, Eliane. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

TEIXEIRA. Marlene. Apresentação. *ReVEL*, v. 6, n. 2, novembro, 2008- ISSN 1678 - 8931.

TOLDO, Claudia. A Linguística da Enunciação e o trabalho com o texto em aulas de língua portuguesa. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO-ALED, 9., 2011, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 1 CD-ROM.